

# Língua Brasileira de Sinais

**Patrimônio Linguístico Brasileiro**



**Ronice Müller de Quadros**

**Bruna Crescêncio Neves**

**Deonísio Schmitt**

**Juliana Tasca Lohn**

**Marcos Luchi**



## **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro**

### **Instituição Executora**

IPOL - Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística  
Rua Lauro Linhares, 2123, sala 713, torre A - Trindade - Florianópolis, SC  
Coordenação Geral: Rosângela Morello

### **Instituição Parceira**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Departamento de Libras  
Chefe do Departamento: Deonísio Schmitt  
Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Coordenador Atilio Butturi Junior

### **Instituição Financiadora**

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,  
Ministério da Cultura, Governo Federal

### **Equipe de Execução do Inventário da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**

Coordenação Geral: Ana Paula Seiffert  
Coordenação de Pesquisas de Campo: Ronice Müller de Quadros  
Pesquisadores: Ronice Müller de Quadros, Bruna Crescêncio Neves, Marcos Luchi, Deonísio Schmitt, Juliana Tasca Lohn.  
Assistência Executiva: Cintia Vilanova  
Transcritores: Benício Bruno da Silva, Pedro Luiz Serafim Sobrinho, Edinata de Campos Camargo, Graciete Soares Azevedo, Harrison Gerotto Adams, Leonardo Fernando de Rezende, Luana Marquezi, Maykon Mitsuo Fujii, Miriam Royer, Vinicius Barrenche Gomes.  
Tradutores: Bianca Sena Gomes, Caroline Dahlanio Lopes, Danielle Crescêncio Neves, Francine Anastácio da Rocha, Jefferson Osiel Lucinda, Larissa Fernandes Dias, Poliana Wodzik Haubert.  
Apoio Técnico: Gustavo Borges, Marcelo Augusto de Freitas Farias, Ramon Dutra, Roberto Dutra Vargas, Tom Min Alves.



# **Língua Brasileira de Sinais:** **Patrimônio Linguístico Brasileiro**

**Ronice Müller de Quadros**  
**Bruna Crescêncio Neves**  
**Deonísio Schmitt**  
**Juliana Tasca Lohn**  
**Marcos Luchi**



inventário  
**LIBRAS**  
ipol . ufsc . iphan



2018  
*Florianópolis*

**Língua brasileira de sinais: patrimônio linguístico brasileiro**

© 2018 dos respectivos autores

**Editoração, Design e Capa:**

Rodrigo Dias Pereira

**Revisão:**

Tony Roberson de Mello Rodrigues

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Língua brasileira de sinais: patrimônio linguístico brasileiro /  
Ronice Müller de Quadros [et al.]. – Florianópolis: Editora Garapuvu,  
2018.

16.000 kb. : il. ; pdf

ISBN 978-85-907418-4-8

1. Língua brasileira de sinais 2. Surdos – Língua de sinais. 3. Libras.  
I. Quadros, Ronice Müller de. II. Neves, Bruna Crescêncio. III. Schmitt,  
Deonísio. IV. Lohn, Juliana Tasca. V. Luchi, Marcos. VI. Título.

CDD 400

---



editoragarapuvu@gmail.com

# Sumário

Prefácio .....	9
1 Introdução .....	13
2 O Inventário Nacional da Libras – Objeto, objetivos, metodologia, resultados e socialização (Quadros <i>et al.</i> , 2017a).....	17
2.1 Identificação da pesquisa .....	17
2.2 A construção do Inventário: metodologia, modos de execução e composição dos dados primários .....	34
2.2.1 Inventário da Grande Florianópolis UFSC/CNPQ (Quadros, 2016a; 2016b; Quadros <i>et al.</i> , 2017a, 2017b).....	35
2.2.1.1 Instrumentos de coleta de dados .....	35
2.2.1.2 Coleta de dados por meio de registros em vídeo .....	39
2.2.1.3 Arquivamento dos vídeos .....	40
2.2.1.4 Transcrição dos dados .....	41
2.2.1.5 Disponibilização dos dados .....	49
2.2.2 Inventário da Grande Florianópolis – IPOL/UFSC – e coleta dos surdos de referência.....	51
2.2.2.1 Instrumentos de coleta de dados .....	52
2.2.2.2 Questionário on-line.....	56
3 Mapeamento documental do Inventário Nacional de Libras.....	61
3.1 Caracterização territorial .....	61
3.2 Educação .....	66
3.3 Associações de surdos.....	66

3.4 Sinalizantes de Libras .....	67
3.5 Situações de risco .....	68
3.6 Denominações usadas .....	69
3.7 Modos de transmissão .....	70
3.8 Produções documentais .....	71
3.9 Surdos de referência .....	72
3.10 Ouvintes de referência.....	83
3.11 Caracterização das grafias existentes .....	94
3.12 Fechamento do mapeamento documental do Inventário Nacional de Libras.....	104
4 Resultados do Inventário com base no levantamento sociolinguístico a partir da aplicação do questionário <i>on-line</i> em todo o território brasileiro.....	106
4.1 Caracterização dos falantes/ Sinalizantes.....	106
4.1.1 Sexo .....	106
4.1.2 Faixa etária dos falantes/sinalizantes.....	108
4.1.3 Território linguístico.....	110
4.1.4 Cor/Etnia.....	113
4.1.5 Religião .....	114
4.1.6 Grau de escolaridade.....	118
4.1.7 Formação Superior .....	121
4.1.8 Aspectos relacionados à Língua Brasileira de Sinais .....	124
4.1.8.1 Denominação da língua.....	124
4.1.8.2 Sobre o uso/conhecimento da escrita de sinais.....	127
4.1.8.3 Escrita de sinais utilizada.....	128
4.2 Caracterização específica dos falantes/usuários surdos.....	130
4.2.1 Idade de diagnóstico da surdez .....	130
4.2.2 Causa da surdez.....	131
4.2.3 Idade de aquisição da Libras .....	132

4.2.4 Contexto de aquisição/aprendizagem .....	134
4.2.5 Línguas utilizadas pelos surdos.....	136
4.2.6 Língua utilizada com mais frequência.....	137
4.2.7 Contexto de uso da Libras .....	138
4.2.8 Interlocutores da Libras.....	139
4.2.9 Estratégias de comunicação.....	140
4.2.10 A língua de sinais na família .....	141
4.3 Caracterização específica dos falantes/usuários ouvintes .....	148
4.3.1 Idade de aquisição/aprendizagem da Libras .....	148
4.3.2 Contexto de aquisição/aprendizagem da Libras .....	149
4.3.3 Motivação para o aprendizado da Libras .....	151
4.3.4 Profissão.....	152
4.3.5 Contexto em que mais usa Libras .....	153
4.3.6 Surdos na família .....	154
4.3.7 Familiares que sabem Libras.....	155
4.3.8 Línguas utilizadas pelos usuários ouvintes .....	156
4.3.9 Língua utilizada com mais frequência.....	157
4.3.10 Interlocutores da Libras.....	158
4.3.11 Identidade cultural .....	159
4.3.12 Fluência em Libras.....	159
4.3.13 Fluência em Português .....	160
4.4 Atitudes Linguísticas .....	161
5 Produtos do Inventário Nacional de Libras .....	194
6 Sínteses e Conclusões .....	201
Agradecimentos.....	203
Referências .....	204





## Prefácio

Nos últimos 20 anos, diversos tipos de ações, sobretudo político-jurídicas, contribuíram para a visibilização e difusão da Libras no Brasil, dentre as quais estão a Lei n. 10.436/2002, que reconhece a Libras em todo o território nacional e prevê formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, e o Decreto n. 5626/2005, que regulamenta essas possibilidades previstas na referida Lei. Cabe ressaltar que esses avanços não ocorreram ao acaso ou por interesses externos: eles são o resultado da organização da comunidade linguística, de sua mobilização e articulação em várias frentes de lutas visando a garantir o acesso à educação e à informação às centenas de milhares de pessoas surdas no país.

Apesar dos avanços, ainda há grandes desafios em relação à língua, como a garantia de sua inclusão nos serviços públicos, em especial os desafios relacionados à educação de surdos no Brasil. Para poder apoiar essas situações, é preciso conhecê-las. No entanto, a falta de informações de âmbito nacional acerca da quantidade de falantes e de sua distribuição geográfica – uma vez que o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não possui dados a esse respeito tão somente indicando informações sobre surdez – e o desconhecimento sobre as situações de uso da língua dificultam o planejamento de ações nessa direção. Dificultam, igualmente, a execução de um trabalho voltado a um levantamento sobre a língua de sinais no Brasil, tal como pressuposto pelo Inventário Nacional da Libras. Diante dessa situação, a pesquisa contemplou várias estratégias para que pudéssemos contar com dados de diferentes partes do Brasil e ao mesmo tempo com uma coleta aprofundada



na região metropolitana de Florianópolis. Este trabalho, que agora chega às mãos da comunidade linguística, de gestores, professores e demais pessoas engajadas no tema é, portanto, o resultado dessa construção.

Desenvolvido no âmbito da Política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) cujo objetivo, segundo o Decreto n. 7.387, de 9 dezembro de 2010, é identificar, documentar, reconhecer e valorizar as línguas brasileiras, o Inventário Nacional da Libras propôs um conjunto de ações que procuram descrever diferentes dimensões da Libras, incluindo, por exemplo, seus usos, variedades, nomeações, falantes de referência, produções científicas e culturais na língua, entre outras informações fundamentais para a sua caracterização. Foi fundamental ter, como ponto de partida, as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas pelos projetos do Inventário de Libras da Região Metropolitana da Grande Florianópolis (UFSC) e contar com as suas equipes de pesquisadores e falantes.

Assim, o Inventário Nacional da Libras reúne os resultados do levantamento de campo realizado em sua vigência e também apresenta produções sobre a língua e suas variedades desenvolvidas ao longo de diversos anos de investigação. Buscasse, com isso, contribuir no processo de produção e organização de conhecimentos da língua e nas lacunas existentes. Além disso, com realização do Inventário, a Libras entrará para o grupo das línguas brasileiras reconhecidas como *Referência Cultural Brasileira*.

Espera-se que o presente trabalho impulse novas e ainda mais profícuas ações em prol dos direitos dos surdos. Espera-se, ainda, que as demais comunidades linguísticas possam, a partir deste exemplo, inspirar-se e organizar-se em torno da garantia de seus direitos linguísticos.



Para o IPOL, parceiro da UFSC neste projeto, e que acompanhou diversas etapas do surgimento e consolidação da política do INDL, é um grande orgulho participar deste momento e acompanhar a disponibilização para todo o público dos resultados do trabalho realizado.

Ana Paula Seiffert  
Cintia Vilanova  
Rosângela Morello  
(IPOL)





## 1 Introdução

O Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) foi instituído pelo Decreto 7.387/2010 com o objetivo de estabelecer *um instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira* (Chacon *et al.*, 2014). O INDL constitui as referências culturais brasileiras reconhecendo as línguas como patrimônio imaterial cultural brasileiro. A documentação das línguas é uma ação que envolve um planejamento linguístico decorrente deste decreto que, enquanto parte de uma política linguística, caracteriza-se pela identificação de cada língua brasileira como “referência cultural brasileira” no INDL. A inclusão das línguas brasileiras como referências culturais brasileiras fomenta ações de políticas linguísticas no sentido de valorização e promoção das línguas para garantia de direitos linguísticos, especialmente, de grupos linguísticos minoritários. O INDL, portanto, valoriza e promove a diversidade linguística brasileira, compreendendo em torno de 250 línguas, tais como as línguas indígenas, de imigração, de sinais, de comunidades isoladas.

Línguas como bem patrimonial é algo bastante recente tanto nacional, como internacionalmente. Segundo as diretrizes do Guia do INDL (Chacon *et al.*, 2014) em seu anexo, estabelece-se uma relação entre *língua* e *cultura* por definição:

[...] tanto as línguas como as culturas são os meios e a matéria para os referenciais simbólicos e identitários de um grupo social e suas relações com outros grupos; ambas são transmitidas através de aprendizagem, e são reconhecidas como sistemas estruturados de símbolos e normas. Língua é veículo para a transmissão cultural e é também um dos elementos constituintes de vários aspectos da cultura; e vice-versa (Anexo do Guia do INDL, material de apoio, Chacon *et al.*, 2014, p. 2).



Portanto, é sobre estes fundamentos que se constitui a noção de língua enquanto patrimônio imaterial. A noção da língua enquanto bem patrimonial se constrói para garantir os direitos linguísticos de comunidades de minoria, que no Brasil, envolvem comunidades surdas entre outras (de imigrantes, indígenas e afrodescendentes). A UNESCO reconhece a diversidade linguística como um patrimônio da humanidade que está pautada na transmissão e constituição das identidades, culturas e diversidade. Com base nisso constitui-se o INDL estabelecendo uma política de patrimônio com relação às línguas, portanto, mapeando a diversidade linguística. Isso é possível a partir das comunidades específicas formadas por pessoas que usam línguas individuais. Assim, o objetivo é identificar, reconhecer e salvaguardar as línguas de comunidades específicas do Brasil, no sentido de empoderá-las. Desse modo,

[...] aplicando essa ideia para o contexto de inventários, a identificação de uma língua deve procurar observar as mais significativas situações de usos linguísticos nas comunidades, buscando os meios formais para identificá-las e representá-las, aferindo também a vitalidade das línguas nas diferentes situações de uso em comunidades bi- ou plurilíngues (Guia do INDL, material de apoio, Chacon *et al.* 2014, p. 4).

Entre as línguas de sinais, a Língua Brasileira de Sinais, denominada Libras por grande parte da comunidade surda brasileira que a utiliza, designada *oficialmente* na Lei n. 10.436, de 2002, e no Decreto n. 5626, que a regulamentou em 2005, é a língua inventariada e apresentada neste relatório, por meio deste livro. O campo de estudo de línguas de sinais cresceu significativamente na última década, ganhando relevância tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito social. A despeito dessa relevância, estudos linguísticos baseados na Libras ainda carecem de uma maior fundamentação empírica, em parte devido aos



grandes desafios que o registro e a manipulação de dados de uma língua sinalizada impõem ao pesquisador. Contribuindo para a reversão deste quadro, o presente trabalho constitui um *corpus* de Libras abrangente e consistente, com procedimentos de registro consolidados, documentação e recuperação de dados e metadados relativos à Libras. A pesquisa traz contribuições tanto no âmbito teórico – impulsionando as pesquisas sobre língua de sinais e surdez no Brasil – quanto no âmbito aplicado – oferecendo fundamentos teóricos e empíricos para a criação de materiais didáticos para o ensino de Libras, além de oferecer um registro da experiência de vida da comunidade surda brasileira que poderá ser explorado pela própria comunidade surda como uma forma de promoção da inclusão social.

Entende-se por *comunidade surda brasileira usuária de Libras* a partir da concepção de comunidade linguística estabelecida no INDL, ou seja, é uma definição com base sociolinguística:

*[...] a língua serve para demarcar posições e identidades sociais de coletividades e indivíduos, criando o tecido simbólico e comunicativo de uma comunidade; por outro lado, as práticas sociais criam os contextos diversos de usos de uma língua, marcando a sua evolução tanto estrutural e simbólica quanto com relação a normas e valores da sociedade (Guia do INDL, material de apoio, Chacon et al., 2014, p. 4).*

Portanto, foi realizado um mapeamento da Libras de 2014 a 2018, como resultado de um projeto financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Imaterial IPHAN - Ministério da Cultura, executado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL). O presente livro é um dos produtos resultantes deste projeto. Esses materiais compõem também o Corpus de Libras, que também contou com financiamento do CNPQ<sup>1</sup>. O mapeamento parte

---

1 Inventário da Grande Florianópolis financiado pelo CNPQ Processo 234255/2013-7, 303725/2013-3 e 471355/2013-5.



da comunidade surda da Grande Florianópolis e de surdos identificados como usuários de referência da comunidade surda brasileira, constituindo-se comunidades de referência linguística na comunidade da Grande Florianópolis e no país, respectivamente.

Neste livro, apresentamos o levantamento sociolinguístico e apresentamos também alguns dos elementos que compuseram o formulário do INDL quanto aos usos da língua, as atitudes e as pessoas de referência da língua. Também indicaremos os *links* para o acesso aos materiais coletados na Libras.

O livro está organizado em três partes. Primeiramente, apresenta-se uma breve contextualização histórica sobre o desenvolvimento das pesquisas com línguas de sinais e sobre o reconhecimento da Libras no Brasil, com o intuito de situar os leitores sobre o problema central da pesquisa, e apresenta-se o Inventário Nacional da Libras considerando o objeto, a metodologia e o modo de execução deste mapeamento a partir de dados primários. Em seguida, apresenta-se um mapeamento da Libras com base em dados secundários que foram subsidiados a partir do formulário do INDL. O terceiro capítulo apresenta os resultados do inventário com base nos dados sociolinguísticos a partir do questionário *on-line* que contou com respondentes de todo o território brasileiro.



## **2 O Inventário Nacional da Libras – Objeto, objetivos, metodologia, resultados e socialização (Quadros *et al.*, 2017a)**

### **2.1 Identificação da pesquisa**

#### **Objeto e objetivo da pesquisa**

O objeto de estudo apresentado aqui é a Língua Brasileira de Sinais, a Libras. A Libras é uma língua nacional usada pela comunidade surda por todo o território brasileiro e essa comunidade linguística pode ser classificada como: comunidade surda que inclui surdos e ouvintes usuários de Língua Brasileira de Sinais que integram agrupamentos de surdos por meio de associações de surdos, escolas, universidades e encontros informais.

A Libras não é uma língua associada a um espaço geográfico específico, mas sim uma língua que é usada em todos os grandes centros urbanos brasileiros (Ferreira-Brito, 1995). Trata-se de uma língua amplamente utilizada, especialmente, onde há uma concentração maior de surdos, por isso situa-se mais enraizada nesses grandes centros urbanos. Os surdos criaram diferentes tipos de pontos de encontro que são fundamentais para a manutenção dessa língua. Entre eles, as associações de surdos desempenham e desempenham um importante papel na preservação da Libras em vários estados brasileiros. As associações de surdos existem em várias cidades do país e, desde sempre usam estratégias para a concretização dos encontros surdos como formas de perpetuar a sua cultura e a língua (ver mais detalhes em Strobel, 2008).

A Libras é uma língua visual espacial que se realiza no corpo do sinalizante, ou seja, usa as mãos, a face e o corpo como articuladores ao compor os sinais e as proposições. A gramática dessa língua se constitui a partir do corpo e no espaço de sinalização. O espaço apresenta uma função importante, pois



a língua acontece usando diferentes espaços de forma altamente complexa, compondo a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática para estabelecer os sentidos do discurso.

A proposta de consolidar o Inventário Nacional de Libras enquanto forma de documentação começa a tomar forma. Além dos desdobramentos legais, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), juntamente com a Federação Mundial de Surdos, incentiva a documentação das línguas de sinais. Nesse sentido, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) que inclui entre as categorias de línguas, as línguas de sinais.

Como já mencionado, as línguas de sinais brasileiras entram dentro dessa proposta e passam a configurar as políticas linguísticas no âmbito do IPHAN, no Ministério da Cultura, além de fazer parte de linhas de fomento de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). A Libras, portanto, passa a figurar dentro de uma política mais abrangente em relação às línguas do país, por meio de sua documentação.

A proposta da pesquisa realizada e apresentada aqui foi de inventariar essa língua, ou seja, realizar um mapeamento dessa língua identificando as situações de usos e as atitudes linguísticas, assim como efetivamente registrar essa língua constituindo um *corpus*. O trabalho desenvolvido sobrepõe os objetivos do próprio INDL, ou seja, *identificar, reconhecer e salvaguardar* a Libras. O inventário abrangeu componentes linguísticos, socioculturais e políticos da Libras na comunidade de surdos, com os seguintes resultados:

- a) Um corpus de Libras envolvendo registros em vídeo de situações eliciadas e espontâneas de uso, para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas (disponível em [www.corpuslibras.ufsc.br](http://www.corpuslibras.ufsc.br)).
- b) Um acervo linguístico constituído de dados e metadados



- da Libras e seus usuários disponibilizados em domínio público na página do Corpus de Libras (disponível também em [www.corpuslibras.ufsc.br](http://www.corpuslibras.ufsc.br) mediante *login* gratuito).
- c) Um levantamento sociolinguístico que apresenta a situação dos usos e atitudes em relação à Libras e a condição bilíngue da comunidade surda, bem como indicadores sociolinguísticos parciais de usuários da Libras, apresentado neste livro.
  - d) Um registro abrangente e consistente com a sistematização dos procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados apresentado neste livro.
  - e) Subsídios para o movimento político da comunidade surda com um inventário que ofereça fundamentos para a proposição de novas políticas públicas relativas à Libras.
  - f) Um registro linguístico, histórico e cultural da vida das pessoas surdas, contribuindo para o processo de inclusão social na sociedade brasileira (apresentado aqui neste livro e no formulário do INDL da Libras em <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>).

Esses produtos promovem a difusão, a visibilidade, a valorização e a instrumentalização de políticas linguísticas relacionadas com a Libras no país.

### **Situação sócio-histórica da língua** (Leite e Quadros, 2014; Quadros e Leite, 2014)

As pesquisas voltadas às línguas de sinais têm um desenvolvimento bastante recente, quando comparadas ao desenvolvimento das pesquisas com as línguas faladas. Até a década de 1960, o próprio estatuto linguístico das línguas de sinais enquanto línguas naturais era questionado, colocando obstáculos tanto para o desenvolvimento da linguística enquanto ciência, quanto para o desenvolvimento social e educacional das pessoas surdas. Além disso, Leite e Quadros apresentam o estatuto de “risco”



das línguas de sinais. Segundo os autores, no caso das línguas de sinais nacionais<sup>2</sup>, o seu caráter de risco está menos no nível de proximidade da extinção do que no fato de a maioria das pessoas que delas dependem para o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e cultural só poderem ter acesso a ela de maneira tardia. Como agravante, esse contato tardio frequentemente se dá não com uma língua de sinais plenamente desenvolvida e gramaticalizada, mas com uma versão pidginizada da língua, utilizada por usuários que a dominam precariamente como uma segunda língua. E completando esse quadro preocupante, todo esse processo precário de aquisição ocorre sob a mediação de uma sociedade que carrega fortes estereótipos e falsos conceitos sobre a natureza das línguas de sinais e sobre o estatuto social das pessoas surdas (Quadros e Karnopp, 2004). Desse modo, a menos que as circunstâncias sociais de aquisição das línguas de sinais nacionais sejam revertidas, por meio da garantia do acesso precoce das pessoas surdas a uma língua de sinais plena, rica lexical e gramaticalmente, os usuários primários das línguas de sinais nacionais continuarão fadados à complicada tarefa de “reinvenção da roda”, isto é, de recrioulização e reconstrução lexical de sua língua natural sob circunstâncias sociais altamente desfavoráveis. Assim, torna-se fundamental documentar essa língua e promover ações políticas que garantam a aquisição da língua de sinais de forma precoce e inserida na sua comunidade linguística.

---

2 Línguas nacionais, segundo uma classificação apresentada por Nonaka (2004), são aquelas que desfrutam de algum reconhecimento e/ou políticas linguísticas que as colocam como língua oficial da comunidade surda de seus respectivos países. A autora ainda apresenta outros dois grupos de línguas de sinais: as línguas de sinais nativas, faladas em pequenas comunidades pouco ou nada urbanizadas, em geral distantes dos grandes centros, que apresentam grande incidência de surdez; e as línguas de sinais originais, que também eram faladas por pequenas comunidades de surdos previamente à instituição de uma língua de sinais nacional no país (ver Leite e Quadros, 2014, para mais detalhes).



Ao contextualizarmos os estudos linguísticos das línguas de sinais, nos reportamos aos meados da década de 1960. Essa década representa um marco no estudo das línguas de sinais devido ao trabalho seminal de William Stokoe (1960). Nesse trabalho, o linguista norte-americano demonstrou, por meio de um estudo da língua de sinais americana (ASL), que as línguas de sinais poderiam ser descritas e analisadas utilizando-se os mesmos procedimentos teóricos e metodológicos aplicados às línguas faladas. Desde esse estudo até o presente, os estudos das línguas de sinais ganharam novos espaços. Foram várias pesquisas evidenciando que as línguas de sinais constituem-se de todos os níveis da linguística, portanto, reconhecidamente como línguas naturais (Stokoe, 1960; Fischer, 1975, 1978; Klima e Bellugi, 1979; Battison, 1978, Padden, 1983; Liddell, 1980; Sandler, 1989; Perlmutter, 1992; Brentari, 1990, 1998; Lillo-Martin, 1991; Quadros, 1999; Meir, 2012; Berent, Dupuis, Brentari, 2014; entre outros).

Atualmente, é consenso entre os linguistas o reconhecimento do estatuto linguístico das línguas de sinais. As pesquisas, neste momento, voltam-se para investigações com base empírica no sentido de analisar aspectos que são comuns e diferentes das línguas de sinais e as línguas faladas. Nessa direção, as pesquisas identificaram os efeitos da modalidade nas formas linguísticas. As línguas faladas utilizam primeiramente a modalidade auditiva acústica (embora possa haver também algum insumo visual), que vão determinar a percepção auditiva e visual; enquanto as línguas de sinais envolvem a modalidade visual-gestual que são percebidas visualmente. Stokoe (1960) reconheceu que os sinais envolvem combinações das mãos a partir de configurações específicas, de movimentos e de locações. Crasborn (2001; 2012) identificou que a variação fonética dos sinais é alta compreendendo lateralidade manual (mão esquerda e direita), a altura da mão (influência do sinal anterior), a configuração de mão (efeitos de contexto linguístico sequencial) e movimento (maior ou menor). Apesar



de serem altamente variáveis, existe uma abstração fonológica das formas fonéticas, por meio da captação dos sinais e seu reconhecimento. Um estudo sobre as diferentes pronúncias na Libras também foi realizado por Xavier e Barbosa (2014; 2017) que concluem que, apesar da grande variabilidade, há estabilidade nessa variação que viabiliza a percepção dos sinais entre seus usuários. Esses estudos indicam, portanto, que apesar da diferença na modalidade, no nível fonético e fonológico há princípios comuns entre as diferentes línguas.

Uma das diferenças identificadas entre as línguas de sinais e línguas faladas está relacionada com a sequencialidade e a simultaneidade. As línguas de sinais apresentam a possibilidade de produzir os sinais por meio de uma composição simultânea envolvendo um processo flexional, diferentemente das línguas faladas que utilizam a sequencialidade (Aranoff, Meir, Sandler, 2005). Os morfemas das línguas de sinais são sobrepostos uns aos outros (ao invés de serem concatenados). O fato de as línguas de sinais acontecerem por meio do corpo determina o alto grau de motivação na composição de seus sinais e está relacionada com a iconicidade que impacta diretamente nas formas que as línguas de sinais tomam. Conforme os autores, as línguas de sinais demonstram uma predisposição para formas comuns entre as diferentes línguas de sinais. Por exemplo, o sistema de concordância das línguas de sinais faz parte da gramática dessas línguas. Apesar dessas diferenças entre as línguas de sinais e as línguas faladas, a essência da constituição linguística é a mesma, envolvendo combinações de elementos cada vez mais complexos até chegar ao nível mais complexo do discurso.

No Brasil, o estudo científico da Libras teve início na década de 1980, com os trabalhos seminais da linguista Lucinda Ferreira-Brito. Apesar disso, no desenrolar das décadas de 1980 e 1990, com raras exceções, o estudo da Libras permaneceu ainda bastante marginal ao interesse dos pesquisadores brasileiros. Foi



apenas a partir da virada do milênio que pudemos testemunhar a consolidação dos estudos da Libras como um campo de investigação legítimo no âmbito acadêmico brasileiro.

Quadros e Stumpf (no prelo) discutem sobre a presença dos movimentos surdos na legitimação da Libras, especialmente a partir do final da década de 1980. A Federação Nacional de Educação e Integração (FENEIS) passou a ser dirigida por surdos a partir de 1987, quando a primeira presidente surda foi eleita, Ana Regina Souza e Campello. Essa eleição constitui um marco histórico na legitimação dos direitos humanos surdos. A FENEIS esteve presente em reuniões importantes que determinaram a elaboração, a discussão e até a votação e promulgação da Lei de Libras. Os esforços da FENEIS foram também respaldados pela Federação Mundial de Surdos (FMS). Além disso, a FENEIS esteve também presente no planejamento das políticas que envolveram a Libras e formações foram realizadas para capacitar instrutores de Libras em todo o país, por meio dos Centros de Atendimento de Surdos (CAS) espalhados por todo o país. Essas várias ações culminaram na publicação da Lei de Libras n. 10.436 em 2002, que reconhece a Libras como língua da comunidade surda brasileira, e o Decreto n. 5626, de 2005, que a regulamenta. Essa lei representa uma espécie de divisor de águas.

Ainda que a luta política e social pela vitalização da Libras já possua um histórico de cerca três décadas – tomando-se como referência o período de constituição da FENEIS – foi somente com a promulgação da Lei de Libras, de 2002, e particularmente a partir do Decreto n. 5626, de 2005, que os surdos brasileiros puderam vivenciar os primeiros avanços no sentido de transformar o estatuto social “de risco” de sua língua de sinais nacional. Entre esses avanços, estão: a) a criação de cursos de Letras-Libras nas modalidades a distância, em 2006, e presencial, em 2009, atendendo à necessidade de formação de professores e intérpretes de Libras em todo o país; b) a criação do exame de certificação



nacional de proficiência em Libras (Prolibras), em 2006, com o intuito de certificar professores e intérpretes de Libras já atuantes na área mas ainda carentes de uma formação; c) a intensificação da produção científica voltada para a Libras em nível de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, com destaque para o ingresso crescente de pessoas surdas em programas de mestrado e doutorado; e d) a inclusão da Libras como disciplina obrigatória dos cursos de licenciatura, fonoaudiologia e educação especial, acompanhada pelo ingresso gradual de surdos como professores efetivos em universidades públicas brasileiras. Todas essas conquistas advêm de um conjunto de fatores que conta com o papel fundamental dos movimentos sociais surdos (Brito, 2013).

Do ponto de vista histórico, o surgimento da Libras como língua de sinais *nacional* do Brasil está relacionado à criação do então Imperial Instituto de Surdos-Mudos em 1857, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com sede no Rio de Janeiro. Dom Pedro II, então imperador, propôs a criação do Instituto após conhecer o professor surdo francês, Edward Huet, que, formado na corrente educacional criada pelo Abade L'Épée na França, utilizava a língua de sinais falada por seus próprios alunos franceses como base para a sua instrução formal. Foi assim que se estabeleceu a relação histórica entre a Libras e a Língua de Sinais Francesa (LSF) e, por consequência, a relação de parentesco entre a Libras e inúmeras outras línguas de sinais nacionais utilizadas em países que também foram influenciados pela política e método de educação de surdos desenvolvidos por L'Épée.

É plausível supor que, previamente à instituição da antiga Língua de Sinais Francesa no Brasil, os surdos brasileiros já dispunham de uma língua de sinais original e que, como discutido na seção anterior, a atual Libras seja produto de um processo histórico de crioulização entre as línguas de sinais originais do Brasil e a língua de sinais trazida pelos educadores franceses. Ainda que não se tenha conhecimento de documentos históricos



que comprovem esse fato, recenseamentos realizados no país entre os anos de 1872 e 1920 – levantamento feito por Bacellar (1925 *apud* Campello, 2011) – revelam que, nas primeiras décadas do século XX, o Brasil contava com uma população de 26.214 surdos dentre um total de 30.635.605 habitantes, o que fortalece a hipótese de que, pelo menos em algumas localidades ainda no século XIX, deve ter havido uma massa crítica de surdos suficiente para a emergência de línguas de sinais originais no Brasil.

Um fato curioso, relativo à primeira documentação da língua de sinais nacional do Brasil, também revela essa relação histórica entre a LSF e a Libras. Como mostra Campello (2009) a partir de suas pesquisas na biblioteca do INES, a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, produzida por Flausino José da Gama em 1875 no INES, foi uma reprodução exata de um documento produzido por Piérre Pelisier na França para a língua de sinais falada pelos surdos franceses, à exceção da substituição de glosas em francês por glosas em português como forma de nomear os sinais isolados, reproduzidos nesse documento na forma de desenhos. Após a publicação da *Iconographia*, então, a língua de sinais nacional dos surdos brasileiros só receberia uma nova documentação significativa quase um século depois, através da publicação de *Linguagem das Mãos*, produzida pelo padre Eugênio Oates, em 1969. Até onde se saiba, entre 1875 e 1969, não foram feitos registros documentais da Libras que permitam a ampliação de nosso conhecimento sobre o seu desenvolvimento histórico (Diniz, 2010).

A consolidação da língua de sinais desenvolvida no interior do INES como língua nacional dos surdos no Brasil, do ponto de vista legal, só foi efetivada no início do século XXI, conforme já vimos, com a promulgação da Lei 10.436, de 2002, que estabelece a língua brasileira de sinais (Libras) como “como meio legal de comunicação e expressão ... [oriundo] de comunidades de pessoas surdas do Brasil”, e o Decreto n. 5626 de 2005, que a regulamenta e determina uma série de políticas de fomento à formação de



professores e intérpretes de Libras, além de garantia de direitos das pessoas surdas a serviços públicos essenciais, em especial relativos à saúde e educação.

Cabe assinalar que a língua nacional à qual ambas as leis fazem referência nem sempre foi referida dessa maneira. Até a década de 1990, até mesmo as pessoas surdas que já defendiam a importância da língua de sinais não contestavam afirmações tais como a de que os surdos utilizavam “mímica” ou “gestos”, ou “a linguagem das mãos” que serviu de título para a importante obra de Oates. Lucinda Ferreira-Brito, linguista pioneira no estudo da Libras no Brasil, foi uma exceção a essa regra, adotando já na década de 1980 a nomenclatura “língua de sinais dos centros urbanos (LSCB)”, que se mostrava mais condizente com o estatuto linguístico das línguas de sinais. Entretanto, no prefácio de seu livro clássico, “Por uma gramática de língua de sinais”, de 1995, ela afirma que acabou optando por utilizar o termo “Língua Brasileira de Sinais”, ou Libras, no lugar de LSCB, em respeito à votação realizada numa reunião da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), em 1993, envolvendo as primeiras pessoas surdas do Brasil a se mobilizarem politicamente na defesa de seus direitos linguísticos e sociais.

O processo de vitalização da Libras, portanto, passa hoje por uma fase decisiva. A demanda acadêmica e social por conhecimento relativo a Libras é grande, a despeito do fato de o campo de investigação da Libras ainda estar se estruturando. De modo geral, observa-se no Brasil a mesma dificuldade enfrentada por comunidades usuárias de outras línguas de sinais nacionais ao redor do mundo: há uma enorme variação e inconsistência nos critérios de registro, documentação, análise e apresentação das produções sinalizadas à comunidade acadêmica (Miller, 2001). Esse quadro dificulta um debate rico, empiricamente fundamentado, sobre os diferentes aspectos linguísticos das línguas de sinais, bem como a utilização desse conhecimento em



vários âmbitos aplicados, como é o caso da educação de surdos, o ensino de Libras como primeira e segunda língua, a formação de intérpretes de Libras, o fomento à produção literária e artística em Libras, dentre outros campos.

O estudo científico da Libras, portanto, passa hoje por uma fase decisiva e está se consolidando. Não por acaso, a sistematização dos procedimentos de coleta, documentação e recuperação de dados e metadados de línguas de sinais tem adquirido grande relevância mundial na última década (e.g. Crasborn, Van Der Kooij e Mesch, 2004; Efthimiou e Fotinea, 2007; Hanke, 2000; Leeson, Saeed e Byrne-Dunne, 2006; Schembri, 2008). Com a Libras, não poderia ser diferente. A constituição de *corpora* de Libras e a sistematização desse processo contribui de diferentes formas para a consolidação do campo teórico e aplicado relativo à Libras e surdez no Brasil.

Entre as diversas frentes que podem ser construídas para a consolidação da Libras, é por meio da documentação que essa língua poderá ser preservada, reconhecida e estudada. É a documentação que permite não apenas às comunidades usuárias dessa língua, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de sua particularidade linguística e da perspectiva cultural nela imbuída. A documentação é um ponto de partida, portanto, para a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade, revelador da fantástica capacidade humana na arte da bricolagem, a saber, a arte de explorarmos criativamente os recursos disponíveis sob circunstâncias específicas para que possamos lidar da melhor maneira possível com os problemas práticos da vida cotidiana.

## **O escopo do Inventário**

### Comunidades linguísticas e comunidades de referência

O Inventário Nacional da Libras constituído e apresentado neste livro envolve dados de uma comunidade local e de surdos



de referência identificados pelos próprios surdos representando dezoito estados brasileiros. A comunidade local envolveu a Grande Florianópolis, aproveitando do fato de que um acervo linguístico da Libras na região metropolitana de Florianópolis já estava sendo constituído por meio de um projeto parceiro – o do Inventário da Libras na Região Metropolitana de Florianópolis – o Inventário da Libras no escopo do INDL incluiu a complementação desse acervo local por meio da coleta dos indicadores sociolinguísticos - relacionados à metodologia do INDL - nas cinco cidades da região metropolitana de Florianópolis que estarão contempladas no acervo, a saber: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu e Santo Amaro da Imperatriz. Os surdos de referência foram representados por 35 participantes reconhecidos pela comunidade brasileira como representantes de referência dos surdos brasileiros. Sendo assim, a pesquisa realizada procurou dar continuidade à composição do inventário da Libras envolvendo dados linguísticos e indicadores sociolinguísticos de usuários da Libras, tanto em nível nacional quanto em nível local.

O trabalho constituiu-se num esforço de oferecer ao Estado brasileiro um primeiro conjunto de dados e indicadores sociolinguísticos da Libras que permitem o seu reconhecimento como referência cultural brasileira. Para isso, neste primeiro momento, o principal trabalho foi o de aplicar e avaliar as atuais propostas metodológicas para o inventário de línguas à Libras, considerando as suas características peculiares e a sua atual conjuntura social e histórica. Nesse sentido, considerando que a Libras é uma língua nacional que se estende por todo o território nacional, o que inviabiliza um inventário exaustivo num curto espaço de tempo, o inventário constituído buscou estrategicamente tomar vantagem de outros projetos anteriores já constituídos na área de Libras de modo a maximizar as possibilidades de inventariar informações sobre o seu uso nas diferentes regiões do país.



A comunidade local da Grande Florianópolis já contava com 36 participantes surdos. Os surdos participaram das atividades em duplas, com amigos ou conhecidos da mesma faixa etária, conforme organização prévia, ou seja, três grupos de três faixas etárias diferentes. Houve ajustes nas faixas etárias, pois o terceiro grupo não estava sendo localizado. Assim os grupos foram divididos da seguinte forma:

Grupo 1: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres entre 16 e 29 anos de idade.

Grupo 2: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres entre 30 e 49 anos de idade.

Grupo 3: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres acima de 50 anos de idade.

As entrevistas foram realizadas garantindo-se o registro de produções em Libras mediante a interação entre dois participantes para registrarem-se atos de fala (em sinais), com expressões culturais e amostras de palavras e elementos gramaticais, vocabulário específico, empréstimos, frases ilustrativas de elementos da gramática, demonstração de variedades dialetais e elementos que singularizam a língua tipologicamente dentro da região.

As entrevistas e a coleta do vocabulário foram conduzidas por dois surdos da região metropolitana da Grande Florianópolis com cada participante da pesquisa, individualmente. As demais atividades foram realizadas entre os participantes em duplas sob a condução dos dois surdos locais. Para as filmagens, foi montado um estúdio na Universidade Federal de Santa Catarina com quatro filmadoras para captar os informantes em diferentes perspectivas, exatamente para apreender a dimensão corporal dessa língua, uma língua visual-espacial. Cada participante visualizava o seu interlocutor e uma tela com as imagens relacionadas com cada tópico da interação. A sala recebeu pintura nas duas paredes de fundo e um piso vinílico de cor cinza escuro. Essas cores facilitam a visualização dos participantes estabelecendo um

contraste de cores. As câmeras foram posicionadas de acordo com a acomodação dos participantes frente a frente, previamente testadas e planejadas, resultando em filmagens com quatro perspectivas: câmera 1 focada nos dois participantes de frente, câmera 2 no participante 1, câmera 3 no participante 2, câmera 4 nos dois participantes com visão de cima, conforme segue:

**Figura 1 - Perspectivas das câmeras do INDL da Libras**



Fonte: Os autores (acervo próprio).

Apesar de essas tomadas quaduplicarem o número de horas em vídeo, o que implica em mais espaço de armazenamento, tornou possível ter uma visão com dimensões múltiplas que permitem análises mais acuradas das produções em Libras, especialmente relativas à visualização de cada participante e dos usos do espaço para realizar a língua na interação na Libras.

No escopo do INDL, este inventário foi complementado com mais 18 surdos:



Grupo 1: 3 homens e 3 de mulheres entre 16 e 29 anos de idade.

Grupo 2: 3 homens e 3 mulheres entre 30 e 49 anos de idade.

Grupo 3: 3 homens e 3 mulheres acima de 50 anos de idade.

Os surdos de referência foram identificados no país por meio do apoio da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS). Foram identificados 35 surdos de referência<sup>3</sup> que vieram de diferentes partes do Brasil para um encontro no qual as regiões foram representadas por diferentes exposições em um seminário, além de serem coletados dados seguindo a proposta do Guia do INDL por meio de entrevistas e a coleta da lista de palavras do *Swadesh* e por meio da formação relativa ao INDL com foco nas línguas de sinais. A formação teve um cunho multiplicador, considerando que o objetivo do Inventário Nacional de Libras é ser replicado nos estados brasileiros. Da participação nesse evento, já iniciamos a coleta de dados em outros estados brasileiros: Rio de Janeiro, Alagoas, Ceará e Tocantins. Esses estados estão replicando o Inventário Nacional de Libras para compor dados que sejam comparativos com os dados da Grande Florianópolis.

Além desses participantes, o INDL também contou com a participação de usuários da Libras, surdos e ouvintes, como respondentes de um questionário *on-line* produzido no escopo do Inventário Nacional de Libras. Esse questionário será apresentado no item instrumentos da coleta de dados, na descrição da metodologia que norteou os trabalhos e seus resultados serão apresentados no Capítulo 3. Foram 861 respondentes surdos e 1.491 respondentes ouvintes, totalizando 2.352 respondentes representando todo o Brasil, que possibilitaram uma visão bastante abrangente de dados sociolinguísticos que serão apresentados em detalhes neste livro.

---

3 A lista completa dos surdos de referência que participaram da pesquisa encontra-se na seção 3.9.



## As anuências e o pedido de reconhecimento

O desenvolvimento de um *corpus* nacional da Libras é um projeto que só pode ser realizado com o envolvimento direto da comunidade surda. Para isso, no decorrer do segundo semestre de 2013, demos início a esse empreendimento com uma consulta direta às associações e outras organizações de surdos a fim de se esclarecer os objetivos e a importância deste projeto para a educação de surdos no Brasil. Além disso, a coordenação do projeto sempre esteve aberta para conhecer os interesses da comunidade surda com relação aos tipos de textos ou temas que julgam mais relevantes de serem documentados, as formas de procedimento para a coleta dos dados, e às expectativas com relação ao tipo de devolutiva que o projeto pode oferecer à comunidade surda brasileira.

A participação da comunidade representada nesta pesquisa foi condicionada ao consentimento e assinatura do *Termo de Consentimento* para tornar seus vídeos dados de domínio público. O termo apresenta de forma clara e objetiva a proposta da pesquisa, destacando a sua relevância acadêmica e social para o desenvolvimento das pesquisas com Libras e, conseqüentemente, para a inclusão social das pessoas surdas; e permite ao participante compreender as diferentes implicações da cessão de suas imagens para fins de pesquisa, produção de materiais didáticos e disponibilização de seus vídeos em domínio público na *internet*. O termo também foi traduzido para a Libras, em forma de vídeo, desse modo garantindo máxima clareza aos informantes surdos sobre a importância e as implicações de sua participação na pesquisa. Além do termo, durante as entrevistas foi conversado sobre o Inventário Nacional de Libras e a pertinência da participação dos envolvidos, sendo solicitada a declaração pública quanto à relevância deste projeto para a comunidade surda. Todos os participantes consideraram este trabalho importante para a



preservação de sua língua, registro e história da comunidade surda brasileira. Os participantes informaram o quanto ficam felizes de estarem contribuindo para o inventário por meio da sua participação e, muitos deles, consideram uma forma de celebração da herança surda brasileira.

Nestes termos, a proposta foi submetida ao Comitê de Ética da UFSC e, feito ajustes indicados por esse comitê, foi aprovada. Ao longo da constituição do Inventário de Libras, o comitê de ética recebeu também emendas para complementação dos dados. O primeiro projeto aprovado foi em 2013 com a primeira etapa da pesquisa iniciada com o financiamento do CNPQ. Nessa etapa foi constituído um *corpus* com dados da Grande Florianópolis. Em 2015, com recursos aprovados do IPHAN/Ministério da Cultura, foi encaminhada uma emenda para complementar o *corpus* de Libras da Grande Florianópolis seguindo a metodologia do INDL. Nessa mesma etapa, solicitamos a inclusão do estado de Alagoas que também realizou a coleta de dados para integrar o *Corpus* de Libras, por meio do Inventário Nacional de Libras, seguindo a mesma metodologia da Grande Florianópolis. Nesta emenda ainda solicitamos a aprovação da coleta de dados por meio de um questionário *on-line* aplicado no país para identificação de dados sociolinguísticos e a integração dos surdos de referência. Em 2017, encaminhamos uma solicitação de uma terceira emenda para incluir os estados de Tocantins, Ceará e Rio de Janeiro no Inventário Nacional de Libras, constituindo o *Corpus* da Libras com representação de diferentes estados brasileiros. Essa última etapa está também contando com financiamento do CNPQ, por meio do projeto Documentação de Libras. Todas as emendas foram aprovadas, sempre se realizando os ajustes e recomendações solicitados pelo Comitê de Ética.

Além desse termo de consentimento, também solicitamos o termo de anuência dos pesquisadores e participantes do projeto que fazem parte da comunidade linguística (professores,



intérpretes e alunos surdos e ouvintes) e pode ser acessado no *link*: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/r/publicacoes//Anuencia>. O termo de anuência é previsto no INDL, no sentido de ter em comum acordo a realização do inventário da língua, mas ainda, muito mais que isso, a anuência em participar atestando o valor cultural e linguístico deste trabalho. Essa anuência também é feita com a legitimação da participação enquanto atores que representam a comunidade surda. Os participantes sempre preferiram manter seu nome, pois sua imagem é apresentada, levando a identificação da sua autoria em cada texto filmado. Nesse sentido, este trabalho é resultado de ações que legitimam a participação dos surdos locais, da Grande Florianópolis, e surdos de referência que representam vários grupos da comunidade surda brasileira. Essas anuências foram registradas nas próprias entrevistas em vídeo, assim como por meio da assinatura do termo. Nesse sentido, 2.406 participantes da pesquisa apresentaram anuência por meio do questionário e em vídeo (1.491 ouvintes e 861 surdos, 35 surdos de referência e 18 surdos da Grande Florianópolis).

## **2.2 A construção do Inventário: metodologia, modos de execução e composição dos dados primários**

O Inventário Nacional de Libras compreendeu a constituição de um corpus de Libras com produções de surdos, homens e mulheres, de diferentes faixas etárias da Grande Florianópolis (18) e produções de surdos de referência do país (35 surdos), por meio de entrevistas e coleta do vocabulário *Swadesh*. Também foram coletadas entrevistas com pessoas ouvintes de referência da comunidade surda brasileira (14 ouvintes). Além disso, o *corpus* incluiu também algumas produções de alunos do Letras Libras. Juntamente com todos esses dados coletados no escopo deste projeto, também incluímos produções de surdos do Inventário



de Libras da Grande Florianópolis que já havia sido coletado anteriormente, contribuindo para a sua transcrição (36 surdos). No total, temos em torno de 230.000 sinais transcritos do Inventário Nacional de Libras (dados da Grande Florianópolis etapa 1, Grande Florianópolis etapa 2 e Surdos de Referência). Também, acrescentamos um levantamento sociolinguístico com usuários de Libras, surdos e ouvintes, totalizando uma amostra nacional de 2.352 usuários (861 surdos e 1.491 ouvintes) de Libras e um levantamento demográfico da região metropolitana da Grande Florianópolis de 18 usuários de Libras. Esse conjunto de dados e informações representam uma amostra significativa dos usos da Libras no Brasil.

### **2.2.1 Inventário da Grande Florianópolis UFSC/ CNPQ (Quadros, 2016a; 2016b; Quadros *et al.*, 2017a, 2017b)**

A seguir serão apresentadas as diretrizes estabelecidas na constituição do Inventário da Grande Florianópolis etapa I (projeto financiado pelo CNPQ, processos 234255/2013-7, 303725/2013-3 e 471355/2013-5).

#### **2.2.1.1 Instrumentos de coleta de dados**

Em um primeiro momento, foram definidos quais os instrumentos integrariam a coleta de dados, bem como o seu formato. Os instrumentos envolveram uma entrevista, conversa livre, conversas temáticas, narrativas com base em histórias em sequência, narrativas com base em clipes de filmes não falados e levantamento de vocabulário. Cada instrumento foi definido em detalhes para ser apresentado aos participantes da pesquisa. Segue uma síntese dos instrumentos:



## Entrevista

A entrevista foi realizada por um surdo local conhecido pelos participantes. O roteiro da entrevista foi elaborado com a proposta de coletar relatos sobre a história de vida dos participantes, considerando, em especial, a relação com as línguas.

Roteiro da entrevista:

1. Relato sobre sua história de vida.
2. O sinal que tem e como este sinal foi dado à pessoa.
3. Idade.
4. Relação familiar.
5. Aquisição da língua de sinais.
6. Contato com pessoas surdas.
7. Contato com os ouvintes.
8. Relação com as línguas (sinais, falada e escrita).
9. Experiência educacional.
10. Escolarização.
11. Experiência profissional.
12. Inserção na associação de surdos.
13. Fatos marcantes.

## Conversas

Os participantes foram orientados a conversarem livremente e depois a conversarem observando o tema proposto por meio de ficha constando um título com uma figura. Os temas envolveram questões atuais e questões diretamente envolvidas na vida dos surdos. Para a replicação do projeto, os temas devem ser atualizados de acordo com a realidade local.

- Conversa livre: as duplas conversaram livremente em torno de 10 minutos.

- Conversa temática: foram apresentados temas para nortear as conversas, são eles: trânsito em Florianópolis, manifestação

pública em Florianópolis, copa 2014, escolas de surdos e escolas de ouvintes (inclusão), tecnologias e implante coclear, associação de surdos. Para cada tema, as duplas tinham em torno de 10 minutos.

**Figura 2 - Exemplo de fichas da conversa temática**



Fonte: Os autores (acervo próprio).

### **Narrativas com base em histórias em sequência**

Cada participante teve contato com uma história em sequência, sendo orientado a visualizar a história e depois narrá-la para o seu parceiro. O parceiro não visualizava a história que seria contada pelo narrador. Foram selecionadas duas histórias: a história do sapo “*Onde está você?*” adaptada de Mercer Maya para realização desta coleta (história clássica para coleta de narrativas em diferentes línguas) e a história do Piteco “*Roupa que eu quero*”, de Maurício de Souza. Ambas as histórias em sequência foram apresentadas em formato de vídeo. Os participantes assistiram uma das histórias para contar ao outro. Eles poderiam assistir mais de uma vez, caso precisassem.

### **Narrativas com base em cliques de vídeos não falados**

Cada participante assistiu a dois vídeos para contar as respectivas histórias ao seu parceiro.



O participante 1 assistiu aos cliques de um vídeo do Charles Chaplin e Tom e Jerry.

O participante 2 assistiu aos cliques da História da Pera e do Mister Bean.

Os cliques envolvem vídeos de no máximo 3 minutos. Depois de assistir, a pessoa conta a história para o outro em Libras. O participante pode assistir os cliques mais de uma vez, se desejar.

## Vocabulário

O vocabulário foi organizado por conjuntos de figuras a partir de um mesmo frame semântico. Os surdos locais apresentavam a figura a cada participante individualmente e solicitavam a ele qual o respectivo sinal para identificá-la. Os conjuntos foram os seguintes:

Figura 3 – Fichas exemplos da elicitación de vocabulário





Fonte: Os autores (acervo próprio).

### 2.2.1.2 Coleta de dados por meio de registros em vídeo

A coleta de dados foi concluída em dezembro de 2015. Foram entrevistadas 36 duplas de surdos, 6 em cada grupo de acordo com a faixa etária e o gênero na primeira etapa da coleta na Grande Florianópolis. A coleta foi realizada seguindo o roteiro dos instrumentos da coleta de dados. Os vídeos totalizaram 2.340 perspectivas, com 10 a 30 minutos cada vídeo, totalizando em torno de 780 horas de vídeo e 195 horas de interações em Libras.

Os vídeos foram salvos seguindo um padrão para a sua localização:

Sigla da cidade – Grupo – Dupla – Título da atividade – Vídeo  
Por exemplo: FLN\_G1\_D1\_ConversaLivre\_Vídeo1

Cada vídeo salvo foi encaminhado para o acervo no servidor e para a produção para o acesso aos transcritores, revisores e tradutores.

Foram criadas tabelas para organização dos dados e acompanhamento das atividades:

**Figura 4 – Tabela para a organização dos dados por grupos e por duplas**

A	B	C	D	E	F	G
	DUPLA 1	DUPLA 2	DUPLA 3	DUPLA 4	DUPLA 5	DUPLA 6
GRUPO 1 (até 29 anos)	<a href="#">grupo1/dupla1</a>	<a href="#">grupo1/dupla2</a>	<a href="#">grupo1/dupla3</a>	<a href="#">grupo1/dupla4</a>	<a href="#">grupo1/dupla5</a>	<a href="#">grupo1/dupla6</a>
GRUPO 2 (30 até 49 anos)	<a href="#">grupo2/dupla1</a>	<a href="#">grupo2/dupla2</a>	<a href="#">grupo2/dupla3</a>	<a href="#">grupo2/dupla4</a>	<a href="#">grupo2/dupla5</a>	<a href="#">grupo2/dupla6</a>
GRUPO 3 (acima 50 anos)	<a href="#">grupo3/dupla1</a>	<a href="#">grupo3/dupla2</a>	<a href="#">grupo3/dupla3</a>	<a href="#">grupo3/dupla4</a>	<a href="#">grupo3/dupla5</a>	<a href="#">grupo3/dupla6</a>

Fonte: Os autores (acervo próprio).



**Figura 5 – Tabela da organização dos dados categorizadas por vídeos e transcrições para acompanhamento das transcrições**

A COLETA DE DADOS EM ENTREVISTA: 28/08/2014				
GRUPO 1 - DUPLA 1	VIDEOS	NOME PARTICIPANTE	TRANSCRIÇÕES	TRANSCRIÇÃO
ADOR PI MEGA e DATA COLETA DE DADOS E	cidade_dupla1_entrevista_video		VÍDEO TRANSCRITO	TRANSCRIÇÃO
PRONTO (04/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO1.MP4</a>	JULIANA E NICOLY	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO1.EAF	edinata
PRONTO (08/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO2.MP4</a>	JULIANA	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO2.EAF	edinata
PRONTO (08/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO3.MP4</a>	NICOLY	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO3.EAF	edinata
PRONTO (04/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO4.MP4</a>	JULIANA E NICOLY	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO4.EAF	edinata
PRONTO (08/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO1.MP4</a>	JULIANA E KARINE	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO1.EAF	Marquiato
PRONTO (08/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO2.MP4</a>	JULIANA	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO2.EAF	Marquiato
PRONTO (08/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO3.MP4</a>	KARINE	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO3.EAF	Marquiato
PRONTO (08/09/2014)	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO4.MP4</a>	JULIANA E KARINE	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO4.EAF	Marquiato

Fonte: Os autores (acervo próprio).

**Figura 6 - Tabela da organização dos dados categorizados por vídeos e transcrições para acompanhamento das transcrições e postagens das traduções e revisões**

NOME PARTICIPANTE	TRANSCRIÇÕES	TRANSCRIÇÃO	COLETA DE DADOS EM EAF	TRADUÇÃO pronto (jea)	REVISÃO
NOME PARTICIPANTE	VÍDEO TRANSCRITO	TRANSCRIÇÃO		TRADUÇÃO	REVISÃO
JULIANA E NICOLY	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO1.EAF</a>	edinata			
JULIANA	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO2.EAF</a>	edinata			
NICOLY	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO3.EAF</a>	edinata			
JULIANA E NICOLY	<a href="#">FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO4.EAF</a>	edinata			
JULIANA E KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO1.EAF</a>	Marquiato	pronto		
JULIANA	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO2.EAF</a>	Marquiato	pronto		
KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO3.EAF</a>	Marquiato	pronto		
JULIANA E KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO4.EAF</a>	Marquiato			
NICOLY E KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Transito_VIDEO1.EAF</a>	edinata			
NICOLY	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Transito_VIDEO2.EAF</a>	edinata			
KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Transito_VIDEO3.EAF</a>	edinata			
NICOLY E KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Transito_VIDEO4.EAF</a>	edinata			
NICOLY E KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Manifestação_VIDEO1.EAF</a>	Marquiato			
NICOLY	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Manifestação_VIDEO2.EAF</a>	Marquiato			
KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Manifestação_VIDEO3.EAF</a>	Marquiato			
NICOLY E KARINE	<a href="#">FLN_G1_D1_CONVER_Manifestação_VIDEO4.EAF</a>	Marquiato			

Fonte: Os autores (acervo próprio).

### 2.2.1.3 Arquivamento dos vídeos

O arquivamento dos vídeos está sendo feito no repositório da UFSC e no servidor do Núcleo de Pesquisas em Aquisição da Língua de Sinais (NALS), do Centro de Comunicação, Departamento de Libras. Foi realizado um estudo no formato de organização dos dados dentro do servidor para o arquivamento dos dados e desenvolvido um Manual de Arquivamento dos Dados do *Corpus* de Libras para ser consultado sempre que necessário e

também servir de referência para a replicação da coleta de dados em outras cidades brasileiras.

#### 2.2.1.4 Transcrição dos dados

Quadros (2016) elenca várias decisões que foram tomadas na metodologia adotada para transcrição de dados em Libras para proceder com as transcrições do Inventário Nacional de Libras. Essas decisões servem de referência para quaisquer pesquisas com línguas de sinais, mas em especial para o Inventário Nacional de Libras que envolverá dados coletados em todo o país. Atualmente, o modelo desenvolvido neste trabalho já está sendo replicado em outros estados brasileiros citados anteriormente: Rio de Janeiro, Alagoas, Ceará e Tocantins. A seguir, apresentamos uma síntese das diretrizes aplicadas nas transcrições no escopo deste trabalho.

Segundo Quadros (2016), a transcrição de dados da Libras é necessária para facilitar a análise dos dados, bem como servir a um sistema de buscas eficiente, pois ainda não contamos com sistemas de buscas dentro de vídeos por sinais. Assim, precisamos usar palavras que identifiquem sinais específicos dessa língua. As palavras representam identidades desses sinais e precisam ser aplicadas de forma consistente a cada sinal. Por exemplo, o sinal a seguir ilustrado, possui a identidade CONSEGUIR:

Figura 7 – Exemplo de ID



**CONSEGUIR**

Fonte: Quadros (no prelo)



Este ID (identificador de sinal) identifica este sinal e a cada vez que ele aparece em produções registradas em vídeo, ele é anotado com a mesmo ID, CONSEGUIR. O objetivo dessa padronização é atingir consistência nas anotações. Conforme observado por Xavier e Barbosa (2014), os sinais produzidos em contexto de interação entre surdos apresentam efeitos de pronúncia que envolvem variações. No entanto, Xavier e Barbosa (2017) também verificaram que as variações de pronúncia apresentam certa estabilidade que permite a percepção dos sinais pelos interlocutores. Assim, determinamos que o sinal percebido, mesmo com variações de pronúncia, é anotado com o seu respectivo identificador.

Foi desenvolvido um Manual do Transcritor que é consultado sistematicamente pelos transcritores e disponibilizado no espaço de interação da página do *Corpus* de Libras em <http://www.corpuslibras.ufsc.br/espacointerativo/perguntas/view/11> em português e em Libras. Além do manual, a equipe utiliza o Identificador de Sinais (ID), que lista os identificadores dos sinais (glosas) com o intuito de padronizar a transcrição de todos os dados em Libras transcritos com a utilização de glosas em português. O ID é alimentado sistematicamente por novos sinais identificados no *Corpus* de Libras e disponibilizado para fins de consulta pelos transcritores ([www.idsinais.libras.ufsc.br](http://www.idsinais.libras.ufsc.br))<sup>4</sup>.

As decisões tomadas para escolher um ID para o sinal que representa uma ocorrência nos dados que estão sendo transcritos são feitas pelo grupo de transcritores. Desenvolvemos duas estratégias para tomar essa decisão:

---

4 O Identificador de Sinais foi estabelecido por meio de um projeto financiado pelo CNPQ Processos 304102/2010-5 e 471478/2010-5, em 2010. A partir de 2018, depois de 10 anos de uso, está sendo feito uma migração destes dados para o Banco de Sinais da Libras, uma vez que a página exige atualização e apresentação em diferentes versões de mídia (celular, tablets e computadores). Essa atualização faz parte do Projeto Documentação da Libras, também financiado pelo CNPQ, Processo 440337/2017-8.



- 1) Reunir o grupo de transcritores nas reuniões de pesquisa e apresentar o sinal que não dispõe de ID. O grupo apresenta sugestões, verifica-se se os possíveis IDs não existem ainda e, então, escolhemos o ID que mais caracteriza o sinal. O ID que caracteriza melhor o sinal é o que se aproxima mais do sentido daquele sinal usado no contexto em que foi encontrado, de certa forma, seguimos um princípio de similaridade de sentido, mas nem sempre isso é possível.
- 2) Discutir o possível ID no grupo do Inventário da Libras criado no WhatsApp. Essa opção foi instaurada desde 2017 e tem sido a mais eficiente. Todos os transcritores e tradutores compartilham este espaço e postam os vídeos dos sinais que requerem um novo ID. A discussão é feita no próprio grupo e o ID é escolhido.

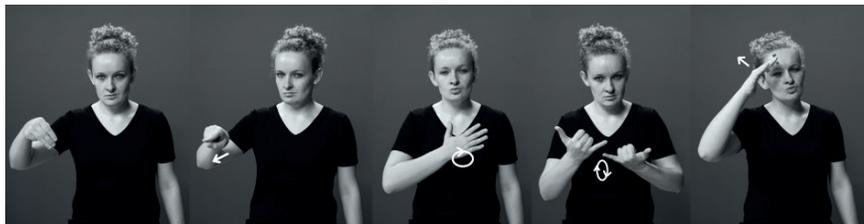
Depois de escolhido um ID para o sinal, o ID passa a integrar o Identificador de Sinais com o vídeo associado.

No entanto, há alguns problemas que foram identificados após essa decisão, assim foram tomadas decisões metodológicas com base nas discussões do grupo de pesquisa *Corpus* de Libras (CNPQ). Entre elas destacamos as seguintes:

- 1) Sinais polissêmicos são registrados com o mesmo identificador, mesmo que tenham significados diferentes. O significado é captado na tradução, que faz parte da transcrição. A decisão é manter a mesma glosa e se dá por apresentarem a mesma forma, mas com relações de sentido, embora sejam diferentes.
- 2) Todas as apontações (pronominais, adverbiais, determinantes etc.) são anotadas como IX. O IX é um index que representa qualquer apontação que utiliza o dedo indicador para representar referentes do discurso. Veja o exemplo a seguir:



**Figura 8 – Exemplo de uso da apontação anotada como IX**



**MARIA IX GOSTAR BRINCAR SONHAR**

Fonte: Quadros (no prelo).

A apontação para MARIA à direita do espaço de sinalização é com o dedo indicador como um determinante e é anotado com ‘IX’.

- 3) Os identificadores que representam um sinal precisam ser apresentados como uma palavra. Quando houver mais uma palavra para identificar um sinal, estas palavras deverão ser ligadas por hífen. Veja o exemplo a seguir:

**Figura 9 – Exemplo de ID com palavras compostas**



**SISTEMA-SOLAR**

Fonte: Quadros (no prelo).

- 4) O ID não necessariamente irá caracterizar melhor o sentido de um sinal já inserido no Identificador de Sinais em outros contextos de interação. Quando isso acontece, o ID é mantido mesmo assim. Usamos a trilha da tradução para



adequar o sentido de cada ocorrência de um mesmo sinal, mantendo a identificação estabelecida previamente para o sinal.

Estes aspectos, entre outros, foram registrados no Manual de Transcrição do *Corpus* de Libras.

As transcrições dos dados do Inventário Nacional de Libras, Grande Florianópolis Etapa I, Grande Florianópolis Etapa II e Surdos de Referência, foram realizadas compreendendo em torno de 230.000 sinais, equivalente a em torno de 43 horas dos dados coletados, com recursos do CNPQ e do IPHAN, assim como com a participação voluntária de alunos do Letras Libras da UFSC. Isso representa 70% do total dos dados existentes no Inventário Nacional de Libras<sup>5</sup>. A transcrição foi realizada utilizando-se o Sistema de Anotação Eudico – ELAN (<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>). Esse sistema permite a visualização de vídeos e se adequa ao tipo de pesquisa que inclui dados em vídeo. É um sistema de anotação que possibilita a criação, edição, visualização e busca de anotações por meio de dados de áudio e vídeo, bem como, a criação de trilhas específicas para registro e análises em diferentes modalidades de língua (visual-espacial e oral-auditiva) (Quadros, 2016).

Foram criadas trilhas para a transcrição conforme segue:

SinaisD – sinais produzidos com a mão direita.

SinaisE – sinais produzidos com a mão esquerda.

Tradução – tradução para o português.

Comentários do transcritor – registro de algum comentário feito pelo transcritor.

---

5 Os totais são estimativas, pois as transcrições compreendem dois sinalizantes com anotações da mão direita e da mão esquerda. Como vários sinais são produzidos com as duas mãos, apresentamos apenas os totais produzidos com a mão dominante dos sinalizantes destros. Portanto, o número real será um pouco maior do que está apresentado. Além disso, destaca-se que nem todas as transcrições foram revisadas, devido ao limite de tempo e de recursos disponíveis. Pretende-se dar continuidade para disponibilizar todas as transcrições revisadas de forma pública na página do Corpus de Libras.



Comentários do tradutor – registro de algum comentário feito pelo tradutor.

As trilhas criadas indicam o participante que está sendo anotado por meio do número. O primeiro participante é indicado com o número 1 e o segundo com o número 2 à frente de cada trilha: 1SinaisD, 2SinaisD e assim sucessivamente. A anotação é feita sinal por sinal de ambas as mãos: mão direita e mão esquerda. A tradução livre do texto em Libras para a Língua Portuguesa é realizada no formato de texto com segmentação por meio de sentenças enquanto unidades de sentido (aqui a questão da sentença é determinada pelo sentido e não por razões sintáticas).

Mesch e Quadros (submetido) apresentam critérios de segmentação para a transcrição de dados em línguas de sinais. As autoras consideraram os *corpora* de duas línguas de sinais: Língua de Sinais Sueca e Libras. A partir de análises, as autoras apresentam alguns critérios de segmentação para cinco níveis diferentes: (1) a palavra (o sinal); (2) o enunciado, baseado em cada proposição; (3) os segmentos sintáticos com foco no predicado; (4) a sentença, incluindo as subordinadas, complementos, orações relativas e coordenadas; e (5) a tradução. Cada nível de segmentação apresenta critérios específicos. O nível da palavra é determinado pelo início da transição para a produção de um sinal até o início da transição do próximo sinal. O nível do enunciado envolve uma proposição completa que inclui marcas formais de entonação e pausa associada ao contexto em que é produzida. O segmento sintático é determinado pelo predicado (verbal e nominal). Cada predicado está separado em um segmento que representa um segmento sintático. A sentença compreende um conjunto de segmentos sintáticos que formam uma sentença completa. Por fim, a tradução livre normalmente coincide com o nível do enunciado.

No caso da transcrição realizada no escopo do Inventário Nacional de Libras, optamos em realizar apenas a transcrição

básica do nível da palavra e da tradução. Para análises mais profundas, os pesquisadores podem anotar os demais níveis dependendo de seus objetivos de pesquisa. A seguir, apresentamos um exemplo usado por Mesh e Quadros (submetido):

Libras (FLN\_G1\_D1\_CONVER\_Escolasurdoouvinte  
00:00:01:000-00:00:10:000)

Um enunciado, três segmentos sintáticos:

SinaisD: ESCOLA | INCLUSÃO | DIFÍCIL | PORQUE |  
TER-NÃO | PENSAR | SABER | SURDO | CULTURA |  
CERTO

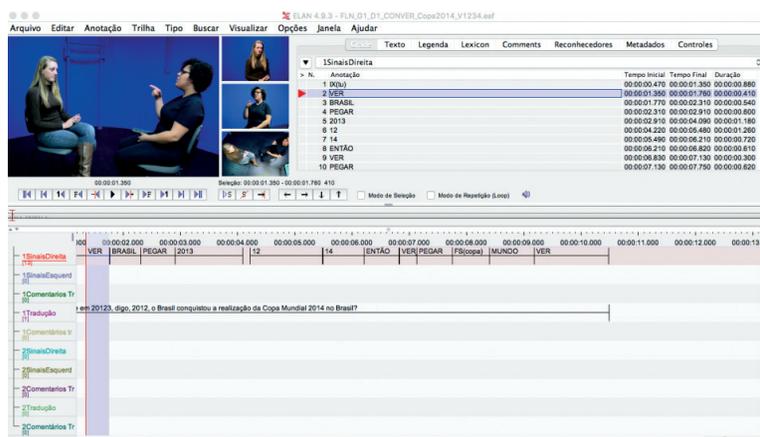
SinaisE: ESCOLA | INCLUÃO | | PORQUE |  
Enunciado: ESCOLA INCLUSÃO DIFÍCIL PORQUE TER-  
NÃO PENSAR SABER SURDO CULTURA CERTO

Segmentos sintáticos: ESCOLA INCLUSÃO DIFÍCIL |  
PORQUE TER-NÃO PENSAR SABER SURDO CULTURA  
| CERTO

Tradução: A escola inclusiva é muito difícil, pois não há  
conhecimento compartilhado sobre a cultura surda, não é?

Na imagem a seguir, apresenta-se a tela do ELAN com as diferentes perspectivas da sessão com duas participantes surdas da Grande Florianópolis e a composição das trilhas criadas para a transcrição no escopo do Inventário Nacional de Libras.

**Figura 10 – Imagem da tela do ELAN incluindo as quatro perspectivas dos vídeos com as trilhas de anotação criadas no escopo do INDLibras**



Fonte: Acervo próprio.



As trilhas foram definidas a partir do que deveria constituir uma transcrição básica para ser disponibilizada aos usuários (pesquisadores, professores e demais interessados). Segundo Quadros (2016):

A transcrição é um processo que demanda um grande investimento de tempo e dedicação, particularmente nas pesquisas com línguas de sinais, que não possuem um sistema de escrita convencional e plenamente adaptado ao computador. Uma estimativa geral relatada em projetos de pesquisa com línguas de sinais é a de uma hora de trabalho de transcrição para cada minuto de gravação (Quadros, 2016, p. 21-22).

Após a transcrição ser finalizada, o revisor revisa as anotações e encaminha para o tradutor. As transcrições também passam por processos de validação. Segundo Quadros (2016), uma vez a cada semestre ou quando se sente necessidade, considerando a grande rotatividade de transcritores, realiza-se a validação. A validação envolve a transcrição de um mesmo arquivo por mais de um transcritor. As transcrições, então, são comparadas para se verificar a consistência. Acima de 70% de consistência, as transcrições são consideradas consistentes. Quando a consistência observada estiver abaixo desse percentual, é realizada a identificação das inconsistências para fazermos as correções em grupo.

Os transcritores são sinalizantes de Libras, preferencialmente surdos, falantes nativos da língua. Entende-se como falante nativo aqueles que cresceram com a língua de sinais em contato com outros surdos adultos, não necessariamente do meio familiar, pois maioria dos surdos são filhos de pais ouvintes, não sinalizantes ou aprendizes da língua de sinais como segunda língua.

Os transcritores participaram do projeto como pesquisadores de iniciação científica com financiamento do CNPQ, ou pelo sistema de pesquisadores voluntários da UFSC, ou financiados



pelo IPHAN pelo projeto INDL no escopo do projeto do Inventário Nacional de Libras.

### 2.2.1.5 Disponibilização dos dados

A difusão da Libras envolve a socialização de todas as ações que envolvem essa língua no país. A Universidade Federal de Santa Catarina criou o Portal de Libras que está incluindo várias fontes de informação sobre a Libras, entre elas, os glossários e o *Corpus* da Libras, incluindo todos os materiais compreendidos no Inventário Nacional de Libras. A socialização é fundamental, pois além de garantir a difusão da Libras, dá visibilidade e é um instrumento de políticas linguísticas de *status*, de *corpus*, de aquisição e de atitude. Ou seja, além de estarmos realizando o registro da Libras por meio de sua documentação, estamos valorizando essa língua, disseminando-a e tornando-a mais empoderada. Também, a socialização permitirá o acesso a diferentes formas de registro para fins de aquisição, ou seja, o ensino da Libras como L1 para surdos e como L2 para ouvintes. Todos esses materiais acabam tendo um impacto na relação das pessoas com a língua, implicando em mudança de atitudes em relação à língua, um dos objetivos mais específicos do Inventário Nacional de Libras. O Portal de Libras está disponível em [www.libras.ufsc.br](http://www.libras.ufsc.br). Dentro do Portal de Libras, temos acesso no menu ao *Corpus* de Libras [www.corpuslibras.ufsc.br](http://www.corpuslibras.ufsc.br). Os manuais elaborados no escopo deste projeto e de outros projetos e os dados coletados e transcritos estão sendo incluídos no estado de Santa Catarina, no acervo que apresenta um mapa do Brasil na página do *corpus*. Em 2018, conseguimos financiamento para desenvolver interfaces para o acesso de professores que atuam nas escolas com o ensino de Libras e para os intérpretes de Libras e Língua Portuguesa por meio do Projeto Documentação de Libras. Esse trabalho ainda está em desenvolvimento, mas objetiva tornar o *Corpus* de Libras acessível também a outras pessoas que possam



se beneficiar de todo o material do Inventário Nacional da Libras, além dos pesquisadores da Libras.

**Figura 11 - Tela de entrada do Portal de Libras**



Fonte: [www.libras.ufsc.br](http://www.libras.ufsc.br)

**Figura 12 - Tela de entrada do *Corpus* de Libras no Portal de Libras**



Fonte: [www.libras.ufsc.br](http://www.libras.ufsc.br)

Na parte I do Inventário de Libras, que compreende o Inventário da Grande Florianópolis, portanto, foi constituído o primeiro conjunto de dados do Corpus de Libras de forma



sistematizada. A proposta foi consolidar aspectos metodológicos com procedimentos consistentes para a replicação no país. O conjunto de dados organizado foi disponibilizado no *Corpus* de Libras, nominado Inventário da Grande Florianópolis, constando a estrutura e a organização dos metadados, bem como os resultados de várias análises relativas às formas de socializar o material. Nesse mesmo espaço, disponibilizamos o Inventário da Grande Florianópolis Etapa II e o Inventário dos Surdos de Referência, compreendidos neste trabalho. Esse espaço também inclui outras produções da Libras e pode englobar produções documentadas de todo país. A seguir detalhamos o projeto dessa segunda etapa.

### **2.2.2 Inventário da Grande Florianópolis – IPOL/UFSC – e coleta dos surdos de referência**

O Inventário da Língua Brasileira de Sinais desenvolvido pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) envolveu duas diferentes frentes de trabalho, uma de abrangência nacional e outra local. Em nível nacional, o projeto promoveu a pesquisa com surdos de referência e a aplicação de um questionário para a coleta de indicadores sociolinguísticos parciais relativos aos usuários da Libras em diferentes regiões do Brasil. Em nível local, realizou-se uma nova coleta de dados na Grande Florianópolis, a etapa 2, seguindo a proposta do projeto executado anteriormente – Inventário da Libras na Região Metropolitana de Florianópolis (etapa 1). É importante ressaltar que todos os materiais das duas coletas realizadas na Grande Florianópolis compõem o acervo do projeto.

Para realização da segunda etapa e da coleta dos surdos de referência foram seguidos os procedimentos estabelecidos no Inventário da Grande Florianópolis etapa I com alguns ajustes, a partir das orientações do INDL. A coleta de dados foi concluída



em julho de 2017 e foram entrevistadas 18 duplas de surdos, 3 em cada grupo de acordo com a faixa etária e o gênero na primeira etapa da coleta na Grande Florianópolis.

No Inventário da Grande Florianópolis, etapa 2, foram 18 participantes, compreendendo 576 arquivos de vídeo totalizando em torno de 95 horas de produção em Libras (em torno de 380 horas de vídeo). Na coleta Surdos de Referência foram 35 participantes, compreendendo 1.152 arquivos de vídeo, totalizando em torno de 190 horas de produção em Libras (em torno de 760 horas de vídeo).

### **2.2.2.1 Instrumentos de coleta de dados**

Os instrumentos da coleta de dados compreenderam o preenchimento do questionário (a ser apresentado na próxima seção), seguidos da entrevista, da contação de duas narrativas, e da eliciação do vocabulário que passou a compreender a Lista *Swadesh*, seguindo a proposta do INDL. A seguir detalhamos esses instrumentos (cf. descrito por Quadros *et al.*, 2017b).

A coleta foi realizada no mês de fevereiro (2017) na Universidade Federal de Santa Catarina e contou com a participação de 18 surdos moradores da Grande Florianópolis. A coleta de dados dos surdos de referência foi realizada em maio (2017). As entrevistas foram realizadas com 35 surdos de referência de diferentes estados (pesquisadores, professores, pessoas surdas envolvidas nos movimentos surdos).

Em razão do grande número de materiais coletados e da necessidade de documentação, os vídeos foram organizados de modo que sejam de fácil acesso a todos os pesquisadores. Fizemos alguns ajustes no formato adotado para os dados coletados na primeira etapa, na Grande Florianópolis, pois percebemos a necessidade de algumas adequações. Nesta etapa do Inventário Nacional de Libras, os vídeos foram nomeados da seguinte forma: FLN\_G2\_F1\_entrevista\_camera01\_2017 (FLN



– Florianópolis; G2 – Grupo 2; F1 – Feminino 1). Incluímos, portanto, a informação relativa ao gênero, já no nome do arquivo, bem como ajustamos a referência à perspectiva da câmera, ou seja, passamos de vídeo1, 2, 3 e 4 para câmera 1, 2, 3 e 4, pois reflete melhor ao que se refere.

O guia de documentação e pesquisa sugere que sejam realizadas as coletas de dados com cinco categorias geracionais: criança, jovem, adulto I, adulto II e idoso. No entanto, no Inventário da Língua Brasileira de Sinais optou-se em utilizar três grupos, considerando a dificuldade em encontrar pessoas mais idosas para participar da pesquisa e também para se adequar à forma previamente utilizada no Inventário da Grande Florianópolis. Por tais motivos, as entrevistas foram organizadas em três categorias: a) grupo 1: até 29 anos (3 mulheres e 3 homens); b) grupo 2: 30 até 49 anos (3 homens e 3 mulheres) e c) grupo 3: acima de 50 anos (3 homens e 3 mulheres).

A seguir, apresentamos o detalhamento sobre os instrumentos que apresentaram especificidades dessa etapa, diferenciando-se dos instrumentos usados anteriormente.

## **Entrevista**

Para a coleta detalhada em nível local e também com os surdos de referência, além do questionário, utilizou-se também a entrevista. Segundo o guia de pesquisa e documentação (volume 1), a entrevista caracteriza-se por ser uma técnica que propicia uma maior interação do pesquisador com o pesquisado e para os inventários, sugere-se que as questões sejam previamente elaboradas em um roteiro para que todos os temas interessantes à pesquisa sejam contemplados.

Nesse sentido, o roteiro elaborado para a entrevista buscou abordar questões relacionadas à aquisição da linguagem, aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua, contextos de aprendizagem, atitudes linguísticas e também um



espaço para falar sobre a história de vida. Os assuntos abordados vão ao encontro daqueles contemplados nos questionários, mas se diferenciam por permitir explorar detalhadamente as experiências de cada participante. As entrevistas foram realizadas em um estúdio, na Universidade Federal de Santa Catarina e mantivemos o uso das quatro câmeras para registrar a interação entre a pesquisadora surda e cada participante. Como já estabelecido na coleta da Grande Florianópolis etapa 1, essa estrutura foi fundamental para garantir uma gravação adequada que considere todas as perspectivas da sinalização, haja vista que a Língua Brasileira de Sinais apresenta-se em uma modalidade visual-espacial. A seguir apresentamos o novo roteiro da entrevista, seguindo, portanto, a proposta do INDL.

Roteiro guia da entrevista:

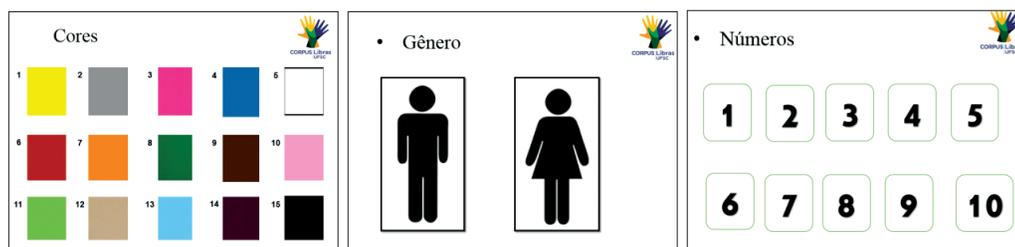
1. Qual o seu nome?
2. Qual o seu sinal? Por quê?
3. Qual sua idade?
4. Com qual idade ocorreu a aquisição da Língua Brasileira de Sinais?
5. Por qual motivo você iniciou a aquisição da Libras?
6. Como era/é o uso da Língua Brasileira de Sinais na escola onde você estudou/estuda?
7. Você estudou/estuda em escola bilíngue ou escola inclusiva?
8. Fale um pouco sobre sua trajetória escolar e o papel da Libras durante sua formação.
9. O que você acha que poderia ser feito para promover, fortalecer e preservar a Língua Brasileira de Sinais?
10. Como você se sente usando a Libras?
11. O quanto é importante a Libras para você?
12. Como você se sente usando o Português?
13. O quanto é importante o Português para você?
14. Você se sente bilíngue?

15. Você considera importante ter um inventário da Libras com produções em Libras registradas e documentadas disponíveis publicamente?
16. Conte um pouco sua história de vida.

### Lista de palavras *Swadesh*

Um outro instrumento obrigatório na constituição de um inventário é a lista de palavras, especificamente a lista *Swadesh* de 100 palavras. Essa técnica consiste na coleta de vocabulário básico da língua que permite levantar aspectos relacionados à variação linguística em diferentes níveis – lexical, semântico, fonético-fonológico. Para a coleta do Inventário da Língua Brasileira de Sinais, criamos um instrumento composto por imagens relacionais às palavras contidas na referida lista, além de outras consideradas importantes pela equipe do projeto. Na imagem abaixo, pode-se ver uma amostra do que foi elaborado adaptando o formato da lista do vocabulário usada na etapa 1:

Figura 13 - Layout da lista de palavras



Fonte: Acervo próprio.

A coleta da lista de palavras foi realizada no mesmo estúdio apresentado anteriormente e utiliza a mesma estrutura. A pesquisadora surda apresenta as imagens aos participantes e eles produzem os sinais referentes a cada figura.

A Lista *Swadesh* foi organizada a partir de imagens representativas para elicitare o vocábulo usado pelo participante. Em alguns momentos, os participantes produziram vocábulos



que não correspondiam ao vocábulo-alvo da lista. Quando isso aconteceu, o interlocutor procurava dar mais informações sobre o que era o alvo, mas mesmo assim, algumas vezes não foi possível identificar o vocábulo. Em outros casos, os surdos desconheciam o respectivo sinal. De modo geral, alguns itens do vocabulário puderam ser recuperados a partir das próprias interações sociais realizadas. A partir disso, foi registrada a Lista *Swadesh* da Grande Florianópolis, disponível em vídeo em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLmN9GAWrWabYzXvvTjSMGVPgBXrlynHMz>.

Os dados foram transcritos em sua totalidade compreendendo anotações seguindo as mesmas orientações da etapa 1 do Inventário da Grande Florianópolis.

#### **2.2.2.2 Questionário *on-line***

Conforme o guia de pesquisa e documentação (volume 1) o questionário é uma ferramenta essencial para identificação do número de falantes da língua e pode ser utilizado com outras fontes para realização do levantamento demográfico. Esse instrumento proporciona a elaboração de perguntas mais objetivas e permite uma sistematização mais fácil e rápida, além de ser uma técnica recomendada para o levantamento de informações de natureza sociolinguística (IPHAN, 2016). Ainda segundo o guia, os questionários devem abarcar perguntas sobre: as línguas que as pessoas falam; a aquisição da língua; a aferição da proficiência dos indivíduos; as línguas mais utilizadas (se forem bilíngues ou multilíngues); os contextos sociais de uso da língua; a alfabetização; as atitudes para com as diferentes línguas: a ascendência; o sexo (feminino/masculino); a residência e família; a escolaridade; a profissão e classe socioeconômica.

Partindo dessas orientações, elaboramos um escopo do questionário contemplando todas as questões citadas acima. Entretanto, a Língua Brasileira de Sinais se diferencia de outras



minorias linguísticas por ser falada em todo o território brasileiro e ter como falantes pessoas surdas e ouvintes. Nesse sentido, foi necessário criar dois questionários (1. Ouvintes e 2. Surdos) *on-line* (Formulários *Google*) para alcançar um número significativo de falantes da língua e considerar as especificidades dos dois grupos de usuários.

Após a elaboração das perguntas, iniciaram-se as gravações das perguntas, isso porque todo o instrumento foi desenvolvido em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (modalidade escrita). Para isso, contamos com a participação de cinco profissionais envolvidos: a) tradutor-intérprete de Libras: responsável pela tradução do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, revisão do questionário e edição dos vídeos; b) dois professores surdos: encarregados da elaboração das perguntas em Libras e revisão do instrumento e c) duas professoras da área de Linguística: responsáveis pela elaboração das perguntas, revisão do questionário e coordenação das atividades.

Os questionários apresentam diferenças quanto à organização e perguntas realizadas, uma vez que os dois grupos de falantes se distinguem quanto à aquisição, uso da língua e outros aspectos. Em um primeiro momento, ao terem acesso ao questionário, todos os participantes se deparam com uma página inicial com dois vídeos em Libras, onde há uma breve explicação sobre o projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. É importante ressaltar que o objetivo foi oferecer um instrumento para os falantes da Libras e, por esse motivo, a primeira parte foi toda nessa língua. Ver publicação das questões do questionário no canal do Inventário de Libras: <https://www.youtube.com/channel/UCL7NiTK6Qz0111R3madE7xA>.

**Figura 14 - Layout inicial do questionário**

Fonte: Acervo próprio.

**Figura 15 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>6</sup>**

Fonte: Acervo próprio.

Essa parte inicial é fundamental, pois é nesse momento que o participante conhece a proposta do projeto e diante do TCLE tem a oportunidade de aceitar ou não participar da coleta. Em

<sup>6</sup> O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi disponibilizado em Libras para todos os participantes e esclarece as questões relacionadas à pesquisa.

um segundo momento, após concordarem em participarem da pesquisa, iniciam-se as respostas das perguntas. Para os surdos, são disponibilizados vídeos em Libras em todo o instrumento e também as perguntas em sua segunda língua, Língua Portuguesa (LP). No caso dos ouvintes, as perguntas foram apresentadas somente em LP.

**Figura 16 - Layout do questionário para surdo**



Fonte: Acervo próprio.

Nos questionários, utilizaram-se predominantemente dois tipos de questões: (a) Múltipla escolha – o entrevistado escolhe uma entre várias respostas; (b) Escalar – as respostas são organizadas de forma hierárquica (utilizadas para as perguntas de atitude linguística). Após a finalização do instrumento, iniciamos a

divulgação dos instrumentos em eventos da área, contatos por *e-mail*, redes sociais (Figura 16), nas coletas de dados e na formação dos Surdos de Referência.

**Figura 17 - Página do Inventário Nacional da Libras**



Fonte: Acervo próprio.

O questionário *on-line* viabilizou uma representação nacional de usuários de Libras, incluindo surdos e ouvintes fluentes em Libras e os surdos que participaram da coleta de dados empírica (Grande Florianópolis etapa 2 e Surdos de Referência).



### 3 Mapeamento documental do Inventário Nacional de Libras

O mapeamento documental foi realizado a partir do formulário do INDL (Guia do INDL, Chacon *et al.*, 2014) com base em dados secundários. As informações levantadas envolveram várias frentes de trabalho, sendo uma delas a consulta *in loco* à comunidade da Grande Florianópolis que exigiu a visita às organizações comunitárias e o encontro com representantes dessas comunidades. A outra, foi a partir das entrevistas realizadas nas quais obtivemos informações sobre as práticas sociais, culturais e linguísticas na Libras. Além disso, fizemos levantamentos por meio de fontes bibliográficas, acervos digitais e acervos impressos. Reunindo todas essas fontes, a seguir, apresentamos as informações que integram o presente mapeamento.

#### 3.1 Caracterização territorial

Os surdos e demais usuários de Libras estão espalhados em todo o território nacional. Foi realizado um mapeamento a partir dos dados coletados incluindo informações sobre o número de sinalizantes, o tipo de uso, o estatuto jurídico da localidade. A seguir são apresentados os surdos que foram identificados no contexto do Inventário Nacional de Libras deste projeto<sup>7</sup>. Os números apresentados a seguir referem exclusivamente aos surdos que participaram da pesquisa direta ou indiretamente, não representando, portanto, o número real dos surdos em cada um destes locais.

---

7 Além da Lei n. 10.436 de 22 de abril de 2002 que reconhece a Libras em território nacional, há documentos legais municipais que legitimam o uso da Língua Brasileira de Sinais pelas comunidades surdas brasileiras, alguns listados nesta tabela. Em muitos casos, tal reconhecimento aconteceu antes de 2002. Para mais detalhes sobre a legislação existente, veja o formulário completo do INDLibras no link <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>.



**Quadro 1 – Número de surdos identificados no escopo do INDLibras da Grande Florianópolis e Surdos de Referência**

Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Língua identificada	Número de falantes identificados pela pesquisa
Florianópolis SC	Sim	Urbano	Lei n. 7555, de 14 de janeiro de 2008 - Dispõe sobre a presença de intérprete da Libras em eventos oficiais do município.	Libras	800 Surdos identificados nas associações e comunidade de surdos
São José SC	Sim		Lei n. 3702, de 11 de setembro de 2001 - Dispõe sobre a implantação da Libras como língua oficial na rede pública municipal de ensino de surdos e reconhece oficialmente como meio de comunicação clara e de uso corrente.		300 Surdos identificados nas associações e comunidade de surdos
Palhoça SC	Sim		Sem estatuto jurídico especial		87 Surdos identificados nas associações e comunidade de surdos
Biguaçu SC	Sim		Lei n. 3558, de 23 de junho de 2015 - Institui o Plano Municipal de Educação 2015 – 2024, constando na meta 4.8 a garantia da oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos educandos surdos na Rede Municipal de Ensino.		20 Surdos identificados nas associações e comunidade de surdos
Santo Amaro SC	Sim		Sem estatuto jurídico especial		24 Surdos identificados nas associações e comunidade de surdos
Governador Celso Ramos	Sim		Sem estatuto jurídico especial		15
Caxias do Sul RS	Não		Lei n. 4612, de 14 de janeiro de 1997 - Reconhece oficialmente, no município de Caxias do Sul, a Libras como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		150



Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Língua identificada	Número de falantes identificados pela pesquisa
Acre	Não		Lei n. 1487, de 24 de janeiro de 2003 - Institui a Libras, no Estado do Acre, como meio legal de comunicação e expressão, e outros recursos de expressão a ela associados.		26
Alagoas	Não		Lei n. 6060, de 15 de setembro de 1998 – Dispõe sobre o reconhecimento e a implantação da Libras, no Estado do Alagoas, como língua oficial na rede pública de ensino para surdos.		35
Amapá	Não		Lei n. 834, de 27 de maio de 2004 – Reconhece no Estado do Amapá, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como meio de comunicação objetiva de uso corrente.		11
Amazonas	Não		Sem estatuto jurídico especial		34
Bahia	Não		Sem estatuto jurídico especial		105
Ceará	Não		Lei n. 13.100, de 12 de janeiro de 2001 - Reconhece oficialmente no Estado do Ceará, a Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		113
Distrito Federal	Não		Lei n. 2.089, de 29 de setembro de 1998 - Institui a obrigatoriedade de inserção, nas peças publicitárias produzidas para veiculação em emissoras de televisão, da interpretação da mensagem em legenda e na Libras.		106
Espírito Santo	Não		Lei n. 5.198, de 25 de março de 1996 - Reconhece, no Estado do Espírito Santo, a Libras como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		55
Goiás	Não		Lei n. 12.081, de 30 de agosto de 1993 - Reconhece oficialmente no Estado de Goiás, a Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		62
Maranhão	Não		Lei n. 8.708, de 16 de novembro de 2007 - Reconhece oficialmente, no Estado do Maranhão, a Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		20

(Continua)



Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Língua identificada	Número de falantes identificados pela pesquisa
Mato Grosso	Não		Lei n. 7.831, de 13 de dezembro de 2002 - Dispõe sobre o reconhecimento oficial, no Estado de Mato Grosso, da Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		49
Mato Grosso do Sul	Não		Lei n. 1.693, de 12 de setembro de 1996 - Reconhece no Estado de Mato Grosso do Sul, a Libras, como meio de comunicação objetiva de uso corrente.		48
Minas Gerais	Não		Lei n. 10.379, de 10 de janeiro de 1991 - Reconhece oficialmente, no Estado de Minas Gerais, a Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		251
Pará	Não		Lei n. 8068, lei municipal de Belém, de 28 de maio de 2001 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, no município de Belém, implementando a formação de profissionais intérpretes de Libras.		49
Paraíba	Não		Lei n. 8.957, de 30 de outubro de 2009 – Assegura às pessoas portadoras de deficiência auditiva o direito de serem atendidas nas repartições públicas estaduais por meio da Libras.		63
Paraná	Não		Lei n. 5.219, de 27 de março de 1998 - Reconhece oficialmente, no Estado do Paraná, a Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		142
Pernambuco	Não		Lei n. 11.686, de 18 de outubro de 1999 - Reconhece oficialmente no Estado de Pernambuco, a Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		112
Piauí	Não		Lei n. 4.817, de 2 de outubro de 2015 - dispõe acerca da inserção da Libras na grade curricular das escolas municipais de Teresina.		37



Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Língua identificada	Número de falantes identificados pela pesquisa
Rio de Janeiro	Não		Lei n. 3.195, de 15 de março de 1999 - Dispõe sobre o reconhecimento da Libras, no estado do Rio de Janeiro, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente da comunidade surda.		176
Rio Grande do Norte	Não		Lei n. 9.249, de 15 de julho de 2009 - Dispõe sobre a oficialização, da Libras, no âmbito do Estado do Rio Grande do Norte.		54
Rio Grande do Sul	Não		Lei n. 11.405, de 31 de dezembro de 1999 - Dispõe sobre a oficialização da Libras, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.		147
Rondônia	Não		Diário Oficial do Estado de Rondônia n. 53, de 11 de maio de 2007 - Decreto Estadual - Institui a obrigatoriedade de apresentação em Libras, para as publicidades institucionais e de utilidade pública, veiculadas em nível estadual.		31
Roraima	Não		Lei n. 353, de 21 de novembro de 2002 - Dispõe sobre o reconhecimento da Libras, no Estado de Roraima.		1
Santa Catarina	Não		Lei n. 11.869, de seis de setembro de 2001 - Reconhece oficialmente, no Estado de Santa Catarina, como meio de comunicação e expressão, a Libras.		182
São Paulo	Não		Lei n. 10.958, de 27 de novembro de 2001 - Torna oficial a Libras no Estado de São Paulo.		383
Sergipe	Não		Lei n. 7.317, de 19 de dezembro de 2011 - Dispõe sobre o uso da Libras, no Estado de Sergipe.		21
Tocantins	Não		Lei n. 2.977, de 8 de julho de 2015 - Aprova o Plano Estadual de Educação do Tocantins – na meta 6.5 é garantida a oferta, gradativa e efetiva, da disciplina Libras, no currículo das escolas públicas e privadas do sistema estadual de ensino, e adota outras providências em relação a educação bilíngue para surdos no Estado.		19



### 3.2 Educação

A educação de surdos em nosso país apresenta diferentes realidades e podem ocorrer em escolas bilíngues, escolas-polos (escolas regulares nas quais os surdos da região são direcionados com uma proposta bilíngue garantindo o encontro surdo-surdo com seus pares, além do contato com colegas ouvintes); escolas inclusivas (escolas regulares de ouvintes nas quais os surdos são incluídos independente da presença de outros surdos). No caso específico de Santa Catarina, onde foi realizado a pesquisa *in loco*, não há escolas de surdos e, por isso, estes se matriculam em escolas inclusivas com a presença de intérpretes ou professores bilíngues. O Estado de Santa Catarina, administrativamente, divide-se em 35 Gerências Regionais de Educação e os profissionais que atuam na educação de surdos são contratados nessas Gerências. Para garantir a contratação, um processo contendo alguns dados dos alunos é encaminhado ao Centro de Atendimento à Surdez (CAS), localizado na Fundação Catarinense de Educação Especial, município de São José, a fim de verificar a elegibilidade de receber um intérprete ou um professor bilíngue. A avaliação consiste basicamente em averiguar se o aluno é surdo e usuário da Libras, por meio de audiometria e parecer pedagógico da escola (mais detalhes consultar o formulário do INDLibras no link: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>).

### 3.3 Associações de surdos

Os surdos também se encontram nas associações de surdos. No Brasil, identificamos 140 associações de surdos (ver listagem completa na página da Confederação Nacional de Desportos de Surdos: <http://cbsurdos.org.br/associacoes.htm>). Especificamente em Santa Catarina, mapeamos as seguintes associações de surdos:



Associação de Surdos da Grande Florianópolis.  
Associação de Surdos de Chapecó.  
Associação dos Surdos de Blumenau.  
Associação Blumenauense de Amigos de Deficientes Auditivos.  
Sociedade de Surdos de São José.  
Associação de Surdos de Balneário Camboriú.  
Associação Apoio de Surdos de Joinville.  
Associação dos Surdos de Lages.  
Associação de Deficientes Auditivos do Sul.  
Associação de Surdos de Criciúma.  
Associação dos Surdos de Porto União.  
Associação dos Surdos de Jaraguá do Sul.  
Associação dos Surdos de Extremo Sul Catarinense.  
Associação dos Surdos de Caçador.  
União de Surdos de Lages.  
Associação dos Surdos de São Bento do Sul.  
Associação dos Surdos de Brusque.  
Associação de Surdos de Palhoça.  
Associação de Surdos de Concórdia.  
Associação de Surdos de São Francisco do Sul (NOVO).  
Associação de Deficiente Auditivo Surdos de Indaial (NOVO).  
Associação de Surdos de Itajaí.  
Associação de Surdos de Tubarão.

### **3.4 Sinalizantes de Libras**

A comunidade surda sinalizante de Libras é minoritária, pois está inserida na comunidade falante de Língua Portuguesa. É difícil estabelecer a temporalidade, mas se considerarmos as associações de surdos, as cidades contam com essa representação institucional que varia entre 5 e 60 anos. Os indicativos são de que o agrupamento de surdos acontece a partir das escolas e, então,



são posteriormente estabelecidas as associações como forma de organização da comunidade.

Os usuários de Libras estão espalhados nas cidades entre os falantes de Língua Portuguesa. Normalmente, eles compartilham espaços com os ouvintes (referência usada para os falantes de Língua Portuguesa pelos surdos). Para manterem a comunidade surda, os surdos criam espaços de encontros que podem ser institucionalizados ou não. Quando são institucionais, estão ligados às associações criadas pelos próprios surdos ou, normalmente, escolas. Quando não são institucionalizadas, os surdos criam os pontos de encontros. Eles combinam um horário fixo e permanente em um determinado local popular da cidade (por exemplo, em Florianópolis, eles se encontram nas sextas-feiras aos finais de tarde no vão central do Mercado Público). Eles valorizam muito os pontos de encontros entre os surdos, pois é considerado o espaço de conforto. O fato de compartilharem a língua é muito importante nesses espaços, pois frequentemente, entre os ouvintes, acabam sendo excluídos das conversas, mesmo sendo bilíngues (por não ouvirem a língua, apenas terem acesso ao português escrito). A questão da língua de sinais ser uma língua na modalidade visual-espacial e se estabelecer a partir da condição auditiva é um aspecto que apresenta impacto significativo nas questões sociais. Os surdos preferem quando todos usam a língua de sinais, pois é quando compartilham efetivamente os espaços sociais. Por outro lado, nos espaços compartilhados por pessoas ouvintes que não usam a Libras, o Português torna-se fator de exclusão social das pessoas surdas.

### **3.5 Situações de risco**

A Libras sempre está diante de situações de risco, por ser uma língua usada por uma minoria linguística que apresenta uma situação bastante peculiar quanto à forma de transmissão



da língua. A maioria das crianças nasce em famílias de ouvintes que desconhecem a língua de sinais. Dessa forma, a transmissão da língua depende do contato com os usuários da língua que não fazem parte do núcleo familiar da criança. Os resultados do levantamento sociolinguístico realizado por meio do questionário aplicado no país indicam que a maioria das crianças surdas tem contato com a Libras na escola, entre os 4 e 18 anos de idade. Também indicam que esse contato é feito com os intérpretes de língua de sinais ou com os professores que conhecem um pouco da língua. Assim, claramente temos uma situação de risco iminente, pois a língua não está sendo transmitida no berço familiar e não está sendo transmitida na infância da criança, apresentando implicações no processo de aquisição da linguagem. A escola é o espaço no qual as crianças surdas têm acesso a Libras. Portanto, torna-se fundamental o estabelecimento de políticas linguísticas de aquisição da primeira língua nesse espaço.

### 3.6 Denominações usadas

A seguir apresentamos as denominações que identificamos a partir do mapeamento:

**Quadro 2 – Denominações usadas para a língua brasileira de sinais**

AUTODENOMINAÇÃO	Descrição
SURDOS	Forma de autodenominação da pessoa disseminada pelas pessoas que pertencem à comunidade surda.
SURDO-MUDO	Forma de autodenominação antiga que aparece em algumas associações de surdos, mas que atualmente é ainda usada apenas por aqueles que desconhecem os surdos. Existiu um movimento por parte dos surdos na década de 1990 que tinha o slogan "surdo-mudo: apague essa ideia". Os surdos começaram a usar apenas o termo "surdo" para se autodenominarem no sentido de afirmar a ideia que eles não eram "mudos", pois tinham a sua língua verbal, a língua de sinais.

(Continua)



AUTODENOMINAÇÃO	Descrição
MUDINHOS	Forma pejorativa de referência aos surdos, normalmente usada por pessoas que zombam dos surdos.
LIBRAS	Forma de autodenominação da língua disseminada pelas pessoas que pertencem à comunidade surda e em diferentes instâncias, tais como: instâncias legais, políticas, educacionais, acadêmicas e sociais.
LSB	Forma de autodenominação da língua no meio acadêmico. Há várias teses e dissertações que usam a sigla LSB ao invés de usarem o termo Libras, apesar de este último ser amplamente difundido e usado para referir a língua na própria Lei n. 10.436/2002 e no Decreto n. 5.626/2005 e, também, em diversos materiais acadêmicos, assim como na identificação dos Cursos de Letras Libras.
LINGUAGEM DE SINAIS	Forma usada normalmente na mídia e por pessoas que não conhecem a comunidade surda.
MÍMICA	Forma pejorativa de referência à língua, normalmente usada por pessoas que não tem nenhum conhecimento da língua de sinais.
OUVINTE	Forma de referência às pessoas que não são surdas, ou seja, as que ouvem e falam uma língua falada. Este termo é usado com um sentido mais amplo para referir qualquer pessoa que não seja surda, mas também é usado de forma restrita para referir a pessoa que não pertence à comunidade surda.

Fonte: Formulário do INDLibras (2019).

### 3.7 Modos de transmissão

Os modos de transmissão são peculiares, pois apesar de ser uma língua que é passada de geração em geração herdada pelos filhos quando os pais são surdos, de modo geral, é uma língua herdada de uma geração de surdos para outras gerações fora do seio familiar, pois os surdos, normalmente são filhos de pais ouvintes que desconhecem a Libras. Assim, eles vão adquirir a Libras no seio da comunidade surda e nas escolas. Nos questionários e entrevistas, há relatos de surdos que contam a experiência de ter no contexto familiar o contato com a língua de sinais por meio de pais, avós e outros familiares surdos (ver mais detalhes em Quadros, 2017).



Em relação à língua e suas variedades, os surdos brasileiros identificam a sua língua como Língua Brasileira de Sinais - Libras - uma língua nacional. Eles reconhecem que a Libras apresenta variedades, mas ao mesmo tempo a consideram uma língua nacional, ou seja, identificam-na com uma unidade linguística. As variações identificadas são de ordem lexical, assim como observado na Língua Portuguesa. Também se identificam expressões usadas especificamente entre diferentes grupos de surdos que usam a Libras. No âmbito da pesquisa realizada a partir de dados empíricos na composição do Inventário Nacional de Libras, identificamos variantes por idade, por grupo social e variações regionais no nível lexical. Assim, o levantamento considera as variantes identificadas como parte de uma mesma língua com relação à língua de referência.

No caso da Libras, identificou-se o uso da mesma língua entre os participantes. As diferenças identificadas foram no nível lexical e no nível fonológico, por exemplo, um mesmo sinal produzido por configurações de mão similares, mas não idênticas. No caso da variação lexical, foram identificados sinais completamente diferentes que são usados em uma região ou noutra do país, por exemplo, os sinais para MÃE e PAI que apresentaram três formas diferentes que são difundidas em diferentes estados, mas todas são reconhecidas entre os usuários da língua como variantes regionais.

As línguas diferentes identificadas pertencem a comunidades indígenas e comunidades de vilarejos isolados, que constituem um grupo social e usam uma língua que não é a Libras. A diferença está em todos os níveis gramaticais. No âmbito da pesquisa realizada, não foram estudadas as línguas de sinais dessas comunidades que são consideradas diferentes da Libras.

### **3.8 Produções documentais**

As produções em Libras são, basicamente, registradas em vídeo, por ser uma língua visual-espacial, articulada no corpo



do sinalizante. No entanto, há também alguns registros usando a escrita de sinais que ainda são pouco difundidos na comunidade. As produções sobre a Libras estão registradas por meio de textos escritos na Língua Portuguesa em forma de livros, dissertações, teses e artigos. Também há vários materiais acessíveis em Libras disponíveis na internet (ver lista completa no formulário do INDLibras <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>). A exemplo, o Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, dispõe de um repositório com todos os materiais disponibilizados, contando com publicações em português e em Libras: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/> e a Universidade Federal de Santa Catarina apresenta um Portal de Libras: [www.libras.ufsc.br](http://www.libras.ufsc.br).

### **3.9 Surdos de referência**

Os surdos de referência foram identificados pela comunidade surda por meio da indicação da FENEIS. São pessoas identificadas como representantes da comunidade surda nacionalmente ou localmente, em seus respectivos estados. Esses surdos desempenham funções sociais liderando uma série de ações e atividades em diferentes níveis sociais, tais como, nos níveis políticos, sociais, intelectuais e comunitários. A seguir listamos os surdos de referência identificados. Gostaríamos de salientar que estes representam um grupo de surdos de referências que não necessariamente representam todos os surdos de referência do país. Os surdos identificados integraram este inventário e representam várias lideranças importantes da comunidade.

Lista dos Surdos de Referência que foram entrevistados no escopo da pesquisa realizada que representam falantes de referência e especialistas:

### Quadro 3 – Lista dos surdos de referência

Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>1. Ana Regina de Souza Campello (RJ) anacampelloines@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1116#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1116#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Doutora em Educação. Professora e pesquisadora da área da educação de surdos (INES). Área de concentração: Educação de Surdos. Primeira presidente surda da FENEIS nacional (antiga FENEIDA), em 1987. Ex-presidente da FENEIS nacional em várias gestões. Sempre esteve à frente dos movimentos sociais surdos.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos%20de%20Refer%C3%AAncias#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos%20de%20Refer%C3%AAncias#w1-tab0</a></p>
<p>2. Antônio Abreu Campos (MG) alemaolibras@yahoo.com.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1117#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1117#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Historiador. Professor. Ex-presidente da FENEIS Nacional. Ex-presidente da FENEIS – MG. Desempenhou papel importante na constituição política para o reconhecimento da Libras em vários estados e municípios brasileiros e no país. Especificamente, esteve envolvido diretamente na constituição da Lei n. 10.436/2002 (Lei de Libras) e da Lei de reconhecimento da Libras no estado de MG, Lei n. 10.379 de 1991. Fundador do escritório regional da FENEIS - MG.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=Ant%C3%B4nio#w3-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=Ant%C3%B4nio#w3-tab0</a></p>
<p>3. Antônio Carlos Cardoso (PE) antonio.ccardoso.ufpe@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1118#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1118#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Licenciado em Letras Libras. Professor de Libras (UFPE). Licenciado em Letras Libras da UFSC em 2012. Especialista e Professor de Libras na UFPE desde agosto de 2014. Coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos sobre o Léxico da Libras - GRUPELL na UFPE desde agosto de 2014. Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Surdez e Educação de Surdos – GEPESES, desde outubro de 2014. Tutor no Curso de Letras-Libras a Distância na UFPB Virtual desde 2013. Coordenador da Comissão Setorial de Acessibilidade da UFPE Campus Recife de 2014 a 2016. Idealizador e Professor de Libras do Grupo de Estudos e Pesquisa em Libras dos Surdos do Vale do São Francisco - GEPELIS, em parceria com a Univasf de 2013 a 2014. Atuou como diretor do Escritório Regional da FENEIS em Pernambuco de 2002 a 2006, e Vice-Presidente da FENEIS Nacional de 2006 a 2008, Membro do Conselho Fiscal da FENEIS Nacional em 2006 a 2008, voluntário há 12 anos. Ativista político e social dos movimentos surdos e movimentos LGBTs Surdos.</p>	<p>O surdo de referência Antônio Carlos Cardoso (Pernambuco) participou do Seminário do Inventário Nacional de Libras, mas não conseguimos registrar suas entrevistas. Antônio Carlos Cardoso é professor da UFPE, atua no ensino da Libras, tem representado as questões relativas à comunidade surda brasileira, em especial, os surdos do Estado de Pernambuco.</p>



Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>4. André Reichert (SC) andereichert@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1119#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1119#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança surda. Doutor em Linguística Aplicada (UNISINOS). Professor do Departamento de Libras da UFSC. Possui experiência na área de Educação de Surdos, desde educação básica até o ensino superior, bem como no ensino de Libras para alunos ouvintes, com ênfase em Educação e Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: educação de surdos, Libras, estrutura gramatical, tradução, educação e bilinguismo.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w13-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w13-tab0</a></p>
<p>5. Débora Campos Wanderley (SC) deboraufclibras@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1120#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1120#w1-tab0</a></p>	<p>Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Libras da UFSC. Área de concentração: Linguística e Escrita de Sinais.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=D%C3%A9bora%20Campos#w3-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=D%C3%A9bora%20Campos#w3-tab0</a></p>
<p>6. Deonísio Schmitt (SC) deonisioschmitt@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1121#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1121#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Libras da UFSC. Área de concentração: Sociolinguística da Libras.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w16-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w16-tab0</a></p>
<p>7. Fabíola Morais Barbosa</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1122#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1122#w1-tab0</a></p>	<p>Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Especialista Lato Sensu em Libras pela Faculdade Dom Pedro II (2013) e Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Brasileira de Sinais, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, polo UFBA, em 2010). Professora efetiva de LIBRAS na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Líder de movimento de surdos da Bahia e Salvador.</p>	<p>A surda de referência Fabíola Morais Barbosa (Bahia) participou do Seminário do Inventário Nacional de Libras, mas não conseguimos registrar suas entrevistas.</p>

Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>8. Fernanda de Araújo Machado (SC) fernanda.machado.ufsc@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1123#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1123#w1-tab0</a></p>	<p>Doutora em Estudos da Tradução. Professora do Departamento de Libras da UFSC. Área de concentração: Literatura com foco em produções poéticas. Poetisa com produções em Libras. Estabeleceu a primeira Antologia de Poemas em Libras do país.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=2#w19-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=2#w19-tab0</a></p>
<p>9. Flaviane Reis (MG) flavianereis@yahoo.com.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1124#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1124#w1-tab0</a></p>	<p>Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação da UFU. Área de concentração: Educação de Surdos e Políticas Educacionais.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=2#w14-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=2#w14-tab0</a></p>
<p>10. Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo (AP) gabriellelis@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1125#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1125#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Licenciado em Letras Libras. Professor de Libras da UFAP.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w1-tab0</a></p>
<p>11. Giselle Pedreira de Mello Carvalho gisellemello@ufpa.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1126#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1126#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Licenciado em Letras Libras. Professora de Libras (UFPA).</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=1#w7-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=1#w7-tab0</a></p>



Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>12. Jakson da Silva Vale (AM) jacksonlibras@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1127#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1127#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Licenciado em Letras Libras. Professor de Libras (IFAM).</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1107#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1107#w1-tab0</a></p>
<p>13. José Arnor de Lima Junior (RN) arnorjr_brasil30rn@hotmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1128#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1128#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Licenciado em Letras Libras. Professor de Libras (UFPE). Atuou na Associação de Surdos do Rio Grande do Norte de 2004 à 2012. Estabeleceu o Miss Surda Nordeste e, também, criou condições para uma maior mobilização dos surdos acerca dos seus direitos como a criação de escolas bilíngues. Incentivou e auxiliou na criação de mais associações de surdos no Nordeste. Participa ativamente dos movimentos sociais surdos pela reivindicação por tradutores/intérpretes de Libras nos diversos espaços, tomando como base a Lei de Libras. Além disso, a associação conseguiu convênio com a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte dispondo de certificado de Libras reconhecido SEEC/MEC com a sua participação.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w4-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=4#w4-tab0</a></p>
<p>14. Karin Strobel (SC) kalistrobel@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1129#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1129#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Doutora em Educação. Professora do Departamento de Libras da UFSC. Área de concentração: Educação de Surdos e Estudos Surdos.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=2#w5-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A4ncias?page=2#w5-tab0</a></p>

Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>15. Kelly Samara Pereira Lemos (PI) kellysamara123@hotmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1130#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1130#w1-tab0</a></p>	<p>Licenciada em Pedagogia na Faculdade Santo Agostinho e Letras Libras EAD da UFSC. Especialização em Libras com docência no Ensino de superior. Instrutora de Libras no CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento aos Surdos, desde 2006. Secretária de ASTE (Associação de Surdos de Teresina) (2000 a 2002), Vice-Presidente (2006 a 2008) e Presidente (2012 a 2014).</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%AAsncias?page=2#w11-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%AAsncias?page=2#w11-tab0</a></p>
<p>16. Larissa Rebouças (SE) larissasutda@yahoo.com.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1150#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1150#w1-tab0</a></p>	<p>Doutoranda em Educação. Mestre em Educação. Professora da Universidade Federal de Sergipe.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%AAsncias?page=1#w19-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%AAsncias?page=1#w19-tab0</a></p>
<p>17. Marisa Dias Lima (MG) marisalima.ufu@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1131#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1131#w1-tab0</a></p>	<p>Doutoranda em Educação – Linha de Estado, Política e Gestão Escolar (UFU). Mestre em Linguística com o enfoque em Língua Portuguesa por escrito dos surdos (UnB). Pedagoga (2008) e Letras Libras (2010). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Desde jovem atuou ativamente nos movimentos da comunidade surda no interior de Minas Gerais, participou diversas conquistas da Associação dos Surdos de Patos de Minas. Foi a primeira surda a atuar como professora efetiva da educação básica atuando na sala de aula da rede estadual de Minas Gerais. Atualmente participa dos movimentos sociais da comunidade surda mais especificamente a educação bilíngue dos surdos, implementação do curso superior de pedagogia bilíngue para a formação de professores. Lidera com os grupos de surdos jovens, adultos e idosos com diversos projetos e programas que promova a interação e formação do sujeito no seu exercício de cidadania.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%AAsncias?page=2#w2-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%AAsncias?page=2#w2-tab0</a></p>



Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>18. Marianne Rossi Stumpf (SC) stumpfmarianne@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1132#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1132#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Doutora em Educação e Tecnologia da Informação. Professora do Departamento de Libras da UFSC. Área de concentração: Escrita de Sinais; Glossários em Libras.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1108#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1108#w1-tab0</a></p>
<p>19. Messias Ramos Costa (DF) messias.unb13@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1133#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1133#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Mestre em Linguística. Professor do Departamento de Libras da UnB. Área de concentração: Terminologia em Libras.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1109#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1109#w1-tab0</a></p>
<p>20. Myrna Salerno (RJ) myrna.salerno@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1134#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1134#w1-tab0</a></p>	<p>Mestre em Linguística. Professora do Departamento de Libras da UFRJ. Área de concentração: Sociolinguística da Libras.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1110#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1110#w1-tab0</a></p>
<p>21. Nelson Pimenta de Castro (RJ) npcastro6@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1135#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1135#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Mestre em Linguística. Professor e pesquisador do INES. Área de concentração: Libras e Linguagem Cinematográfica; Prosódia da Libras.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1114#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1114#w1-tab0</a></p>

Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>22. Patrícia Luiza Rezende (RJ) patricialuiza2011@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1136#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1136#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Doutora em Educação. Professora do INES. Área de concentração: Educação de Surdos e Políticas Públicas.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?page=3#w5-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?page=3#w5-tab0</a></p>
<p>23. Paulo Vieira (SP) pvieira@maragabrigilli.com.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1137#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1137#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Assessor Parlamentar da Deputada Federal Mara Gabrilli, responsável pelas questões envolvendo a Comunidade Surda. Participante do Projeto LBI – Lei Brasileira de Inclusão n. 13.146/2015. Foi um dos idealizadores e persistiu na aprovação da Lei Municipal n. 14.441/2007, que criou a Central de Intérpretes e Guias-Intérpretes no município de São Paulo, a primeira inaugurada em todo o Brasil. Outros resultados de sua luta foram o Decreto Municipal de São Paulo, n. 52.785, que trata das Escolas Municipais de Educação Bilingue-EMEBs para Surdos e o Decreto estadual de SP, n. 60.028/2014 onde estabelece a Delegacia da Pessoa com Deficiência. Conselheiro da Gestão da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo e Ex-Presidente da Associação dos Surdos de São Paulo por 3 gestões, e Instrutor de Libras proficiente pelo MEC em 2006.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1051#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1051#w1-tab0</a></p>
<p>24. Priscilla Leonor Alencar Ferreira cillinhaalencar@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1138#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1138#w1-tab0</a></p>	<p>Professora Auxiliar da Universidade Estadual Sudoeste da Bahia (UESB). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/ Campus Vitória da Conquista. Pós-graduada (Latu Sensu) em Libras, pela Faculdade Dom Pedro II (2013). Licenciada em Letras Libras, com habilitação em Língua Brasileira de Sinais, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011) e graduação em Pedagogia pela Faculdade Evangélica de Salvador (2010). Atualmente vice-coordenadora nacional da Programa de Negros Surdos na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?page=2#w8-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?page=2#w8-tab0</a></p>



Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>25. Raimundo Cleber Teixeira Couto (PA) cleber_5@hotmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1139#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1139#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Especialista em Educação Inclusiva. Professor de Libras no Centro de Referência em Inclusão Educacional/SEMEC-Belém. Atua como Agente/Multiplicador de Libras pelo MEC/SEESP desde 2001 até o presente. Autor do livro "Casal Feliz" (literatura surda) em 2010 e do livro didático "Aprendendo Língua de Sinais" em 2015. Ator/Palhaço desde 2005.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?page=4#w7-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?page=4#w7-tab0</a></p>
<p>26. Rimar Ramalho Segala (SP) rimar@ufscar.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1140#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1140#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Mestre em Estudos da Tradução. Professor e pesquisador da UFSCAR. Contador de histórias e poeta. Área de concentração: Tradução intersemiótica, interlinguística e intermodal.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1111#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1111#w1-tab0</a></p>
<p>27. Rodrigo Nogueira Machado (CE) roflam@yahoo.com.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1141#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1141#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Mestre em Linguística. Professor e pesquisador da UFCE. Área de concentração: Sociolinguística.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1115#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1115#w1-tab0</a></p>
<p>28. Sandro dos Santos Pereira (SP) psolsandro@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1142#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1142#w1-tab0</a></p>	<p>Poeta Surdo. Professor de Libras. Liderança Surda atuante na luta pelos direitos dos surdos negros brasileiros.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1113#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1113#w1-tab0</a></p>

Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>29. Sédina dos Santos Jales Ferreira (RN) sedina.jales@hotmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1143#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1143#w1-tab0</a></p>	<p>Líder da comunidade surda. Formada em Letras Libras pela UFSC e em pedagogia pela Facen, especialista em docência em Libras pela Estácio e atual professora de Libras da UFRN. Há trabalhos e lutas em prol do surdo desde 1993 contribuindo para a fundação da ASNAT, além de lutar pela sua sede própria, na qual foi presidente durante 2005 a 2010 e da criação de uma coordenação de estudos de instrutores surdos em 1998 sendo agente multiplicador pela FENEIS. Um dos primeiros movimentos da luta com os surdos no estado foi em 2005, dessa forma conseguiu a certificação de reconhecimento da Libras pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte - SEEC/MEC.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos%20de%20Refer%C3%A4ncias#w13-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos%20de%20Refer%C3%A4ncias#w13-tab0</a></p>
<p>30. Simone Gonçalves de Lima e Silva (SC) simonesgls@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1144#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1144#w1-tab0</a></p>	<p>Doutora em Linguística. Professora do IFSC Campus Palhoça Bilingüe. Área de Concentração: Educação de Surdos na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1031#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1031#w1-tab0</a></p>
<p>31. Simone Patrícia Soares de Souza (RN) profasimone@cchla.ufrn.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1145#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1145#w1-tab0</a></p>	<p>Pedagoga e licenciada em Letras Libras da UFSC – Polo UFC. Especialista em Libras. Professora de Ensino de Libras do Curso de Letras Libras/Língua Portuguesa como L2 (UFRN). Fundadora da ASNAT – Associação de Surdos de Natal e liderança surda de Natal/RN.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=Soares#w3-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=Soares#w3-tab0</a></p>
<p>32. Shirley Vilhalva (MS) shiv323@hotmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1146#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1146#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Mestre em Linguística. Professora e pesquisadora da UFMS. Área de concentração: Línguas de sinais indígenas; Educação de surdos indígenas; Educação de Surdos; Políticas Linguísticas.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=Vilhalva#w3-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/busca/index?b=Vilhalva#w3-tab0</a></p>



Lista de nomes Contatos	Caracterização das pessoas	Upload das entrevistas/retratos do acervo digital
<p>33. Sylvia Lia Grespan Neves (SP) sylvialia@yahoo.com.br</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1147#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1147#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Licenciada em Letras Libras. Professora de Libras.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=997#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=997#w1-tab0</a></p>
<p>34. Thiago Ramos de Albuquerque (PE) thiago.albuquerque1@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1148#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1148#w1-tab0</a></p>	<p>Mestre em Educação em Ciências e Matemática - UFPE, Especialista em Libras - UFPE, Graduado em Letras/Libras - UFSC e em Design Gráfico - Unibratec. Professor Surdo de Libras e Vice-Coordenador Setorial de Núcleo de Acessibilidade na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE / Centro Acadêmico do Agreste - CAA. Consultor de Libras nos diversos projetos. Atua na área de Linguística de Libras, promovendo acessibilidade comunicacional e a inclusão de pessoas surdas.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1039#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1039#w1-tab0</a></p>
<p>35. Tibiriça Mainéri (RS) tibirica.maineri@gmail.com</p>  <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1149#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/1149#w1-tab0</a></p>	<p>Liderança Surda. Licenciado em Pedagogia. Professor de Libras. Gestor de ações públicas na área da acessibilidade no município de Caxias do Sul/RS.</p>	<p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1033#w1-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=1033#w1-tab0</a></p>

Fonte: Formulário do INDLibras (2019).

Há outros surdos que são considerados falantes de referência e especialistas em seus estados e não integraram o grupo de surdos de referência representados na coleta de dados. Algumas dessas referências, assim como a lista de todos os professores surdos concursados em universidades e instituições públicas com o ensino



de Libras podem ser encontradas no formulário do INDLibras disponível no link <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>. A seguir apresentamos alguns ouvintes de referência identificados no escopo do presente trabalho.

### 3.10 Ouvintes de referência

Os ouvintes especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisas e ações com impacto na comunidade surda foram identificados a partir dos surdos de referência que fizeram parte do INDLibras. Essas pessoas foram indicadas pelos surdos de referência.

**Quadro 4 – Ouvintes de referência**

Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
André Xavier andre.xavier.unicamp@gmail.com	Sim	Doutor em Linguística. Professor da UFPR no Curso de Letras Libras. Teve um envolvimento importante na comunidade surda paulistana, contribuindo como mediador e interlocutor dos movimentos surdos.
Alviberta Cavalcanti Vitório de Sousa Miranda	Não	Piauí Fundadora da APADA de Piauí.
Carlos Skliar	Não	Doutor em Educação. Ex-professor e pesquisador da UFRGS. Desempenhou um papel importante na educação para surdos em uma perspectiva da diferença. Contribui para a mudança na perspectiva da educação de surdos no Brasil a partir da presença de surdos como autores da educação. Formou pesquisadores e educadores, incluindo surdos, na perspectiva dos Estudos Culturais estabelecendo a mudança da educação clínica-terapêutica para a educação sócio-antropológica na educação de surdos.



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Cristina Lacerda cbflacerda@gmail.com	Não	<p>Doutora em Linguística. Professora da UFSCAR. Desempenha um papel importante nas discussões sobre a inclusão dos surdos com a presença de intérpretes de línguas de sinais.</p> <p>Contribuiu diretamente para a consolidação da educação bilíngue para surdos no município de São Paulo, juntamente com a Secretaria Municipal da Educação de SP, com a Silvana Drago. Influenciaram na criação do Decreto Municipal 52.785/2011 que transforma as escolas especiais de surdos em escolas bilíngues (libras e português): Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS).</p>
Deize Vieira dos Santos		<p>Professora da UFRJ. Doutora em Linguística. Coordenadora da Pós-Graduação <i>Latu Sensu</i> Especialização em Libras: Ensino, Tradução e Interpretação. Coordenadora do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Libras, Coordenadora do Curso de Letras Libras (Licenciatura e Bacharelado) e membro do Grupo de Trabalho de Libras da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística).</p>
Denise Coutinho	Sim	<p>Mestre em Linguística, Professora e Pesquisadora na UFCEG. Tradutora e intérprete de Libras e Língua Portuguesa.</p> <p>Desempenhou um papel importante na formação de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa na região nordeste. Militante da causa Surda. Apoiou a Associação de Surdos de Pernambuco. Membro fundadora do Centro Permanente para Surdos (Cepes) e da Associação Cultural Édouard Huet (Aceh).</p>
Emeli Marques	Sim	<p>Professora aposentada do INES. Ativista das questões relacionadas com a educação de surdos.</p> <p>Muito presente nos grandes embates sociais e sobre os direitos dos surdos da comunidade surda do Rio de Janeiro, com repercussões nacionais.</p>



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade lingüística?	Principais atividades que realiza
Enilde Faustich	Não	Doutora em Linguística. Professora e pesquisadora da UnB. Área de concentração: Terminologia. Desempenha um papel importante na formação de professores e pesquisadores na área de Libras no contexto da UnB, Programa de Pós-Graduação em Linguística, incluindo a formação de mestres e doutores surdos; coordenou o polo da UnB dos Cursos de Letras Libras da UFSC.
Esmeralda Stelling	Sim	Mãe de surdo, membro da diretoria da APADA- Niterói, ex-presidente da FENEIDA (antiga FENEIS). Participou ativamente das discussões sobre a educação de surdos e direitos das pessoas surdas no Rio de Janeiro.
Erica Maestri	Sim	Mãe de uma surda, fundadora da APAS em Curitiba. Orientou muitas famílias de surdos por correspondência. Foi vice-presidente da FENEIS da área da família.
Ernando Pinheiro <i>(in memoriam)</i>	Sim	Mestre em Estudos da Tradução. Professor do Departamento de Libras da UFCE. Tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa. Desempenhou um papel importante na consolidação da FEBRAPILS (Federação Brasileira de Intérpretes de Línguas de Sinais)
Padre Eugênio Oates <i>(in memoriam)</i>	Sim	Missionário americano redentorista que ficou no Brasil por vários anos e conviveu com a comunidade surda brasileira. Realizou um levantamento de sinais e publicou o dicionário Linguagem das Mãos com cerca de 1.300 palavras e expressões.
Geralda Eustáquio Ferreira	Não	Participou ativamente dos movimentos sociais no estado de Minas Gerais, desde 1991. Esteve presente por vários anos na FENEIS/MG como intérprete do Antônio Campos de Abreu e o assessorou em várias questões políticas. Ela participou diretamente das discussões que levaram a elaboração e a aprovação da Lei 10.379 de 1991 que reconhece a Libras no Estado de Minas Gerais. Também participou das discussões junto ao MEC que culminaram na Lei 10.436/2002, a Lei de Libras.



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Iraci Suzin	Não	Mãe de uma surda-cega, fundadora da escola de surdos APAS (Associação de Pais e Amigos de Surdos) na cidade de São Lourenço, em Santa Catarina, auxiliou a Associação de Surdos de Curitiba para conseguir a sua sede própria. Foi fundadora do Escritório Regional da FENEIS no estado do Paraná, juntamente com a Karin Strobel e atuou na gestão administrativa por três anos. Ajuda muitas famílias orientando sobre surdos e surdo-cegos.
Joel Barbosa Júnior ( <i>in memoriam</i> )	Sim	Licenciado em Letras Libras. Tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa. Teve um envolvimento importante na comunidade surda paulistana, contribuindo como mediador e interlocutor dos movimentos surdos.
Jose Edmilson Felipe da Silva	Sim	Doutor em Educação, mestre em Ciência da Linguagem, pedagogo, professor e pesquisador da UFRN sendo o vice-líder do Grupels - Grupo de pesquisa Educação, Linguagem e Surdez. Durante vários anos foi filiado a ASNAT - Associação de Surdos de Natal. É um ativista das questões relacionadas à educação dos surdos tendo coordenado por três vezes o Encontro para Discussão sobre Educação de Surdos e Libras na UFRN.
Lodenir Becker Karnopp lodenir.karnopp@ufrgs.br	Não	Doutora em Linguística. Professora da UFRGS. Área de concentração: Educação de Surdos. Literatura Surda. Desempenha um papel importante na formação de professores e pesquisadores na área de Libras no contexto da UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Linguística, incluindo a formação de mestres e doutores surdos; coordenou o polo da UFRGS dos Cursos de Letras Libras da UFSC. Membro do Grupo de Trabalho de Libras da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística).



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade lingüística?	Principais atividades que realiza
Lucia Inês de Sá Barreto Queiroz linez.sabarreto@gmail.com	Não	<p>Tia de um surdo. Realizou um curso de extensão em Educação Especial, naquela época, 1986, em Áudio Comunicação, onde todas as questões eram voltadas para a surdez e as metodologias oralistas, focando na (re)abilitação da fala oral. Integrou a equipe de Educação Especial, dentro da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Iniciaram a educação de surdos com base na Comunicação Total na década de 80. Depois de realizar um curso de língua de sinais, começou a frequentar o Ponto de Encontro dos Surdos de Recife na Rua da Conceição, pois não contavam com sede própria. O objetivo era aprender e praticar a língua de sinais. Influenciou o SUVAG de Pernambuco a adotar uma proposta bilíngue com o português oral e a língua de sinais. Nesse Centro, foi professora em turmas de alfabetização de crianças, adolescentes e adultos. Representou o estado de Pernambuco, em 1998, na UnB, para estudar Português como língua estrangeira, resultando nos livros editados pelo MEC, como Português para surdos. Atua no governo de Pernambuco como coordenadora pedagógica do Centro de Apoio ao Surdo (CAS-PE) discutindo com os instrutores surdos as propostas pedagógicas dos cursos oferecidos. Como professora de Educação Inclusiva nos cursos de Especialização da Faculdade ALPHA, articulou e viabilizou uma Especialização em Libras para surdos, toda em Libras, com professores surdos e ouvintes que tenham Libras.</p> <p>Seu filho hoje é professor da Universidade Federal do Ceará, com doutorado qualificado e prestes a defender a sua tese, Marcelo Amorim.</p>
Luciana Cury	Sim	<p>Teve um envolvimento importante na comunidade surda paulistana, contribuindo como mediador e interlocutor dos movimentos surdos. Desempenhou também um papel importante na educação de surdos de São Paulo. Coordenou a prestação de serviços à comunidade surda no interior do Estado de São Paulo nas associações de surdos.</p>



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Lucinda Ferreira (SP)	Não	<p>Doutora em Linguística. Professora aposentada da UFRJ. Foi uma das primeiras pesquisadoras da Libras.</p> <p>Fundadora do Grupo de Trabalho Língua e Surdez da ANPOLL (atual Grupo de Trabalho de Libras).</p> <p>Também teve uma participação significativa nos movimentos sociais dos surdos, especialmente em relação à língua de sinais.</p>
Luiz de Aquino	Sim	<p>Irmão de surdos que estudaram no INES. Colaborador na Fundação da Associação de Surdos do Mato Grosso do Sul. Desempenhou um papel importante nas ações de empoderamento dos surdos nas questões relativas às políticas sociais e públicas com a comunidade surda.</p>
Maria Arlete Rocha	Sim	<p>Psicóloga. Intérprete de Libras e Língua Portuguesa. Apoiava o movimento surdo e surdo-cego em prol da construção da sede própria da Associação de Surdos do Mato Grosso do Sul. Contribuiu diretamente no empoderamento dos jovens surdos do Mato Grosso do Sul.</p>
Maria Ines Vieira	Sim	<p>Coordenadora de Libras da escola especial Deric. É intérprete de Libras. Teve um envolvimento importante na comunidade surda paulistana, contribuindo como mediador e interlocutor dos movimentos surdos. Desempenhou também um papel importante na educação de surdos de São Paulo. Participou como a primeira delegada junto com os surdos para discussão do Plano Nacional de Educação.</p>
Marlene Gotti	Não	<p>Professora de Surdos em Brasília, formada em Letras Língua Portuguesa. Assessora técnica da área da educação de surdos no Ministério de Educação até 2016. Tornou-se uma pessoa de referência por ter participado ativamente na regulamentação do Decreto 5626/2005, como integrante da equipe da Secretaria de Educação Especial/MEC, e, posteriormente na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC).</p>



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade lingüística?	Principais atividades que realiza
Monica Amoroso	Sim	<p>Foi diretora da Escola Municipal Helen Keller.</p> <p>Teve um envolvimento importante na comunidade surda paulistana, contribuindo como mediadora e interlocutora dos movimentos surdos. Desempenhou também um papel importante na educação de surdos de São Paulo. Participou ativamente das discussões sobre a educação bilíngue no âmbito das escolas especiais para surdos. Também lutou pela formação de professores surdos e pela garantia do oferecimento de uma educação pública com qualidade com professores devidamente qualificados nas diferentes áreas de ensino.</p>
Regina Maria de Souza reginalaghi@hotmail.com	Não	<p>Pós-Doutora em Linguística - UDELAR Uruguai.</p> <p>Doutora em Linguística - UNICAMP.</p> <p>Mestre em Psicologia.</p> <p>Graduada em Psicologia.</p> <p>Professora e pesquisadora da UNICAMP.</p> <p>Ativista das questões relacionadas com a educação de surdos. Desempenha importante papel nas ações que envolvem estratégias políticas quanto à educação de surdos e a língua de sinais. Considera-se e é considerada uma aliada dos movimentos surdos.</p> <p>Desempenha um papel importante na formação de professores e pesquisadores na área de Libras no contexto da Unicamp, Programa de Pós-Graduação em Educação, incluindo a formação de mestres e doutores surdos; coordenou o polo da Unicamp dos Cursos de Letras Libras da UFSC.</p> <p>Membro do Grupo de Trabalho de Libras da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística).</p>
Ricardo Sander	Sim	<p>Mestre em Educação.</p> <p>Professor da UEM.</p> <p>Tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa.</p> <p>Desempenhou um papel importante na consolidação da FEBRAPILS (Federação Brasileira de Intérpretes de Línguas de Sinais).</p>



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
<p>Ronice Müller de Quadros ronice.quadros@ufsc.br Link: <a href="https://goo.gl/a9N8x6">https://goo.gl/a9N8x6</a></p> <p><a href="http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?pag e=3#w8-tab0">http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%A2ncias?pag e=3#w8-tab0</a></p>	Sim	<p>Professora e pesquisadora do Departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Linguística. Área de concentração: Educação de Surdos; Bilinguismo bimodal; Tradução e interpretação de línguas de sinais; Linguística das línguas de sinais; Políticas Linguísticas. Idealizou os Cursos de Letras Libras da UFSC. Participou da criação e o estabelecimento dos primeiros Cursos de Letras Libras do Brasil, na UFSC (Licenciatura e Bacharelado), em 2006 e 2008, respectivamente. Estabeleceu o Corpus de Libras a partir de 2013, um corpus que inclui o Inventário Nacional de Libras e várias outras produções em Libras. Participa ativamente das discussões relativas às políticas públicas envolvendo as línguas de sinais e a educação de surdos. Pesquisadora da Libras com produções em aquisição da língua de sinais, ensino de língua portuguesa para surdos, bilinguismo, intermodalidade, estudos linguísticos da Libras, tradução e interpretação da libras e língua portuguesa, educação de surdos. Filha de pais surdos com vários familiares surdos. Estabeleceu a organização nacional de filhos de pais surdos no Brasil, por meio dos encontros nacionais anuais, desde 2013, juntamente com a Sonia Marta de Oliveira (MG) e a Keli Sousa (MG). Membro do Grupo de Trabalho de Libras da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística).</p>
Sandra Patrícia de Nascimento Faria	Sim	<p>Doutora em Linguística. Professora e pesquisadora da UFG. Ativista das questões relacionadas com a educação de surdos e políticas linguísticas. Desempenhou um papel importante juntamente com a FENEIS em ações relacionadas com a educação bilíngue e a libras e na criação da Escola Bilíngue de Brasília. Membro do Grupo de Trabalho de Libras da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística).</p>



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade lingüística?	Principais atividades que realiza
Solange Rocha	Sim	<p>Doutora em Ciências Humanas - Educação Pontifícia Universidade Católica- PUC /RJ. Mestre em Educação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Graduação e Bacharelado em História – Universidade Federal Fluminense - UFF. Curso de Especialização - Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Desde 1982, quando ingressou como aluna do Curso de Especialização oferecido pelo INES, convive com os surdos e, conseqüentemente, com suas demandas políticas, sociais, existenciais, lingüísticas, dentre outras. A convivência diária nesse histórico território dos surdos e o contato com essas demandas possibilitaram a construção de uma identidade profissional que se configurou indissociável de sua prática docente, de sua prática de pesquisadora, e da experiência como Diretora Geral desta centenária Instituição. Dentre as contribuições que vem dando para o campo, destaca-se o de preservar e expandir a memória e a história da Educação de Surdos no Brasil seja a mais relevante para ser reconhecida como uma referência na Comunidade Surda.</p>
Solange Silva dos Santos	Sim	<p>Pedagoga e Licenciada em Letras Libras. Tradutora e intérprete de Libras e Língua Portuguesa do Centro de Surdos de Aracaju. Coordenadora na escola do pré-vestibular e supletivo para surdos. Participa ativamente da comunidade surda Sergipana e militante na luta para a garantia dos direitos dos cidadãos surdos.</p>
Sonia Marta de Oliveira	Sim	<p>Mestre em Educação. Professora e intérprete no município de Belo Horizonte. Tradutora e intérprete de Libras e Língua Portuguesa. Desempenha um papel importante na consolidação da FEBRAPILS (Federação Brasileira de Intérpretes de Línguas de Sinais). (Continua)</p>



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Sonia Marta de Oliveira	Sim	<p>Atual presidente da FEBRAPILS com a proposta de garantir a formação superior de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa e consolidar a relação entre a FEBRAPILS e a FENEIS.</p> <p>Estabeleceu a organização nacional de filhos de pais surdos no Brasil, por meio de encontros nacionais anuais, desde 2013, juntamente com Ronice Müller de Quadros (RS) e Keli Maria de Souza Costa Silva (MG).</p>
Sueli Fernandes	Não	<p>Doutora em Linguística.</p> <p>Professora e pesquisadora da UFPR.</p> <p>Ativista das questões relacionadas com a educação de surdos e políticas linguísticas.</p> <p>Desempenha um papel importante na formação de professores e pesquisadores na área de Libras no contexto da UFPR, Curso de Letras Libras; coordenou o polo da UFPR dos Cursos de Letras Libras da UFSC.</p>
Tanya Amara Felipe	Não	<p>Doutora em Linguística.</p> <p>Professora e pesquisadora do INES.</p> <p>Ativista das questões relacionadas com a educação de surdos.</p> <p>Participou ativamente na constituição dos Centros de Atendimento ao Surdos - CAS - em vários estados brasileiros, em parceria com o MEC.</p> <p>Participou da elaboração do Decreto 5.626/2005.</p> <p>Membro do Grupo de Trabalho de Libras da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística).</p>
Tarcísio de Arantes Leite tdaleite@gmail.com	Sim	<p>Doutor em Linguística.</p> <p>Professor da UFSC no Curso de Letras Libras.</p> <p>Teve um envolvimento importante na comunidade surda paulistana, contribuindo como mediador e interlocutor dos movimentos surdos.</p>



Lista de nomes Contatos	São membros da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Vanda Leitão	Não	<p>Doutora em Educação.            Professora e pesquisadora da UFCE.            Primeira coordenadora do Curso de Letras Libras da UFCE.            Desempenhou papel importante na criação do Curso de Letras Libras na UFCE e na inclusão de surdos e professores surdos na UFCE.</p>
Vilmar Silva	Sim	<p>Doutor em Educação.            Professor aposentado do IFSC.            Idealizador da Unidade Bilíngue do IFSC, a primeira unidade bilíngue de todos os institutos federais.            Ativista das questões relacionadas com a educação de surdos.</p>
Wilma Favorito	Sim	<p>Graduação em Letras (Português-Literatura - UFRJ), Mestrado em Letras (PUC-RJ) e Doutorado em Linguística Aplicada/Educação Bilíngue (UNICAMP).            Professora no INES atuando em sala de aula com a disciplina língua portuguesa na educação básica primeiramente na rede estadual e depois no INES e, a partir de 2007, nessa disciplina, além de linguística e educação bilíngue de surdos no Curso Bilíngue de Pedagogia e na pós-graduação lato sensu; desde o primeiro momento em que começou a trabalhar como professora de surdos, em 1988, se envolveu com as lutas em prol da conquista de diversos direitos e sobretudo a favor da educação bilíngue; dedicou-se a temáticas ligadas ao ensino para surdos (português como segunda língua para surdos; letramentos; educação bilíngue de surdos). Desde o seu ingresso no INES, em 1991, sempre esteve alinhada aos surdos em suas lutas internas, referentes à instituição, e a suas lutas nacionais, seja como docente, seja como gestora.</p>

Fonte: Formulário do INDLibras (2019).



### 3.11 Caracterização das grafias existentes

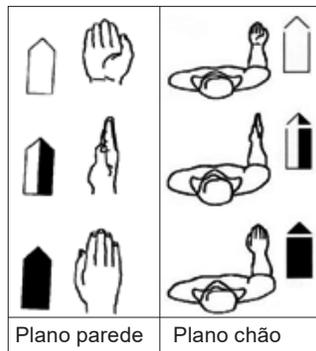
#### *SignWriting*

Criado em 1974 por Valerie Sutton, inicialmente com o objetivo de fazer notações de passos de dança, o atual sistema de escrita para línguas de sinais *SignWriting* permite o registro gráfico de qualquer língua de sinais. O sistema foi introduzido no Brasil pela pesquisadora e professora Marianne Rossi Stumpf a partir de 1996. Um dos primeiros trabalhos publicados no Brasil com o objetivo de uso desse sistema foi o material '*Lições sobre o SignWriting: Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais*' de Valerie Sutton, traduzido por Marianne Rossi Stumpf com a colaboração dos professores Antônio Carlos da Rocha Costa e Ronice Muller de Quadros. O sistema nota a Orientação de Mão, a Configuração de Mão (dedos), o Contato, o Espaço (localização) e o Movimento dos sinais.

#### Orientação de Mão

Nesse sistema a orientação de mão é diferenciada pelos planos parede e chão, sendo que no plano parede, sempre na perspectiva da visão de quem está sinalizando, o grafema é escrito por completo e no plano chão há um espaço na articulação dos dedos. Esse espaço na articulação dos dedos segue as demais configurações de mão para diferenciar a orientação da mão.

Figura 18 – Símbolos de orientações de mãos



### Configuração de mão (dedos)

O sistema *SignWriting* apresenta, na Configuração de Mão, dez grupos da escrita de dedos, que seguindo a orientação da mão, podem ser visualizados da seguinte forma:

**Quadro 5 – Símbolos de configurações de dedos**

Grupo 1 - Dedo Indicador	Grupo 2 - Dedos Indicador e Médio	Grupo 3 - Dedos Polegar, Indicador e Médio	Grupo 4 - Quatro dedos
<p>Fonte: Sutton [s.d.], p. 41.</p>	<p>Fonte: Sutton [s.d.], p. 47.</p>	<p>Fonte: Sutton [s.d.], p. 51.</p>	<p>Fonte: Sutton [s.d.], p. 55.</p>
Grupo 5 - Parte 2: A mão em ângulo - Cinco dedos flexionados estendidos	Grupo 5 - Parte 3: A Mão-C Cinco Dedos flexionados ou curvados nas três articulações	Grupo 6 - Dedo Mínimo	Grupo 7 - Dedo anelar
<p>Fonte: Sutton[s.d.], p. 60.</p>	<p>Fonte: Sutton[s.d.], p. 61.</p>	<p>Fonte: Sutton[s.d.], p. 71.</p>	<p>Fonte: Sutton[s.d.], p. 75.</p>



Grupo 8 - Dedo médio	Grupo 9 - Parte 1: Polegar e indicador se tocam outros dedos para cima	Grupo 9 - Parte 2: Polegar e indicador afastados outros dedos para baixo	Grupo 10 - Polegar
Fonte: Sutton[s.d.], p. 77.	Fonte: Sutton[s.d.], p. 81.	Fonte: Sutton[s.d.], p. 82.	Fonte: Sutton[s.d.], p. 89.

## Contato

O sistema *SignWriting* apresenta ainda seis símbolos para escrever o contato que ocorre durante a realização dos sinais, os quais podem ser:

Quadro 6 – Símbolos de contato

Contato	Pegar	Entre	Bater	Escovar	Esfregar

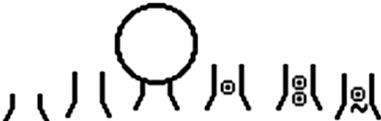
Fonte: Sutton [s.d.], acesso 2018, p. 99.

## Espaço (localização)

O espaço ou a localização onde o sinal é realizado pode ser escrito no espaço neutro, no tórax, na cabeça e no pescoço principalmente. Quando o sinal for realizado no espaço neutro

não é feita sua grafia, deve-se inserir o símbolo de localização se este for realizado no tórax, na cabeça ou no pescoço. No quadro que segue, podemos ver na primeira coluna a grafia da localização no tórax, devendo acompanhar um símbolo de contato indicando o lado da realização do sinal. Na coluna do meio temos a possibilidade da escrita de várias localizações durante a realização de sinais na cabeça. Por fim, na terceira coluna, vemos a localização de diferentes sinais realizados no pescoço:

**Quadro 7 – Símbolos de localizações**

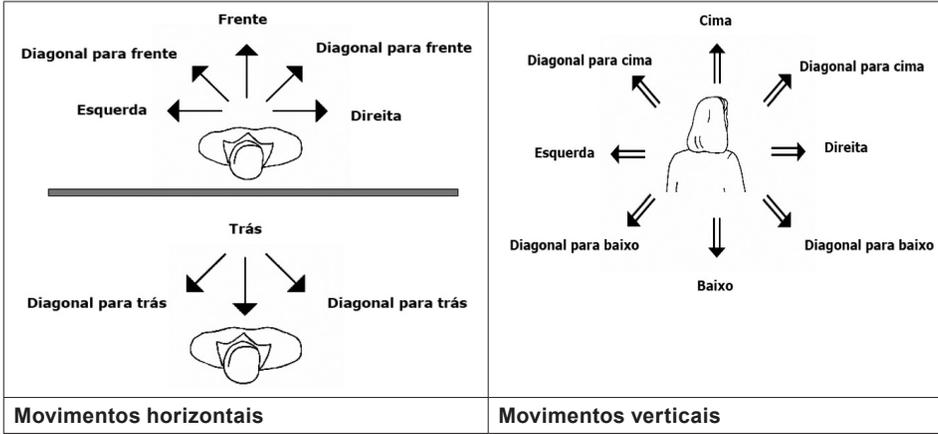
Grafia da localização no tórax	Grafia da localização na cabeça	Grafia da localização no pescoço
		
<p>Fonte: Sutton [s.d.], p. 181</p>	<p>Fonte: Sutton [s.d.], p. 172</p>	<p>Fonte: Sutton [s.d.], p. 180.</p>

## Movimento

Há muitos símbolos para escrever o parâmetro Movimento pelo sistema SignWriting, temos seis para os movimentos de Articulação de dedos, além dos que indicam o movimento da direção dos sinais. A seguir podemos visualizar uma sucinta representação dos movimentos horizontais e verticais grafados com setas:



**Figura 19 – Símbolos de movimentos**



Fonte: Ampessan (2015, p. 170-171).

**ELiS**

A ELiS - Escrita das Línguas de Sinais é um sistema criado por Mariângela Estelita Barros em sua dissertação de mestrado no ano de 1998. O sistema é composto por 95 visografemas, distribuídos em quatro grupos: Configuração de Dedos, Orientação da Palma, Ponto de Articulação e Movimento (Barros, 2016).

A seguir apresentam-se os 10 visografemas que compõem o grupo das Configuração de Dedos da ELiS:

**Quadro 8 - Configuração de dedos**

<b>CONFIGURAÇÃO DE DEDOS</b>	
<b>Polegar</b>	<b>Demais dedos</b>
. fechado	. fechado
/ na palma	∟ muito curvo
∠ curvo	∟ curvo
\ “3D”	\ inclinado
- horizontal	estendido
vertical	

Fonte: Barros (2016, p. 205).

Podemos visualizar no quadro que segue 6 visografemas de Orientação da Palma:



Quadro 9 - Orientação da Palma

<b>ORIENTAÇÃO DA PALMA</b>	
<input checked="" type="checkbox"/>	palma para frente
<input type="checkbox"/>	palma para trás
<input type="checkbox"/>	palma para cima
<input type="checkbox"/>	palma para baixo
<input type="checkbox"/>	palma para a medial
<input type="checkbox"/>	palma para a distal

Fonte: Barros (2016, p. 205).

Ponto de Articulação, com 35 visografemas:

Quadro 10 - Ponto de Articulação

<b>PONTO DE ARTICULAÇÃO</b>			
<b>Cabeça</b>	<b>Tronco</b>	<b>Membros</b>	<b>Mão</b>
<input type="checkbox"/> rosto	<input type="checkbox"/> pescoço	<input type="checkbox"/> braço inteiro	<input type="checkbox"/> palma
<input type="checkbox"/> alto da cabeça	<input type="checkbox"/> corpo	<input type="checkbox"/> ombro	<input checked="" type="checkbox"/> dorso
<input type="checkbox"/> lateral da cabeça	<input type="checkbox"/> tórax	<input type="checkbox"/> axila	<input type="checkbox"/> dedos
<input type="checkbox"/> orelha	<input type="checkbox"/> ao lado do corpo	<input type="checkbox"/> braço	<input type="checkbox"/> lateral de dedo
<input type="checkbox"/> testa	<input type="checkbox"/> abdômen	<input type="checkbox"/> cotovelo	<input checked="" type="checkbox"/> intervalo de dedo
<input type="checkbox"/> sobrelha		<input type="checkbox"/> antebraço	<input type="checkbox"/> articulações
<input type="checkbox"/> olho		<input type="checkbox"/> punho	<input type="checkbox"/> ponta de dedo
<input type="checkbox"/> maçã do rosto		<input type="checkbox"/> perna	
<input type="checkbox"/> nariz			
<input type="checkbox"/> buço			
<input type="checkbox"/> boca			
<input type="checkbox"/> dentes			
<input type="checkbox"/> bochecha			
<input type="checkbox"/> queixo			
<input type="checkbox"/> abaixo do queixo			

Fonte: Barros (2016, p. 206).

Movimento, com 44 visografemas:



Quadro 11 - Movimento

MOVIMENTO		
Braço e punho	Mão	Expressões não-manuais
⊥ para frente	⏏ abrir	⚭ negação com a cabeça
⊥ para trás	⏏ fechar	⚭ afirmação com a cabeça
⊕ para frente e para trás	⏏ abrir e fechar	↪ língua na bochecha
↑ para cima	⏏ flex. dedos na base	↪ língua para fora
↓ para baixo	⏏ flex. dedos na ponta	⏏ corrente de ar
↕ para cima e para baixo	⏏ unir e separar dedos	⏏ vibração dos lábios
→ para a direita	⏏ tamborilar de dedos	↔ mov. lateral do queixo
← para a esquerda	⏏ friccionar de dedos	⏏ murchar bochechas
↔ para a dir e a esq	⏏ dobrar o punho	⏏ inflar bochechas
+ para o meio	⏏ mov lateral do punho	⊕ abrir a boca
↔ para fora	⏏ girar o punho	+ piscar
↗ para cima e à direita	⏏ girar antebraço	⊖ girar o tronco
↖ para cima e à esquerda		
↘ para baixo e à direita		
↙ para baixo e à esquerda		
⤴ arco		
⏏ flex/ext de braço		
⊖ circular vertical		
⊖ circular horizontal		
⊖ circular frontal		

Fonte: Barros (2016, p. 206-207).

## SEL

O SEL, Sistema de Escrita para Línguas de Sinais foi desenvolvido pela linguista Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A proposta de escrita tem projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB.

Nesse sistema os sinais são escritos a partir de três elementos denominados pela autora de MLMov - Mão; Locação (ou localização); Movimento. Em seu blog - <http://sel-libras.blogspot.com.br/> - Lessa-de-Oliveira (SEL - VERSÃO 2017) apresenta a escrita de 52 unidades constitutivas dos sinais, elemento Mão:



Figura 20 – Escrita de 52 unidades constitutivas dos sinais do elemento Mão da SEL

Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
1	a	a a A A	
2	bê	m m M M	
3	bê-espraiado	w w W W	
4	cê	c c C C	
5	cê-espraiado	cw cw CW CW	
6	cê-encolhido	@ @ @ @	
7	dê	d d D D	
8	dê-encolhido	@ @ @ @	
9	e	e e E E	
10	efe	f f F F	
11	gequê	y y Y Y	
12	agakapê	y y Y Y	
13	ijota	mt mt M M	
14	ijota estendido	mt mt M M	
15	ele	J J J J	
16	eme	m m M M	
17	uene	m m M M	
18	uele	m m M M	
19	o	o o O O	
20	erre	r r R R	
21	esse	e e E E	
22	tê	t t T T	
23	vê	v v V V	
24	vê-ele	y y Y Y	
25	dáblio	w w W W	
26	xis	h h H H	



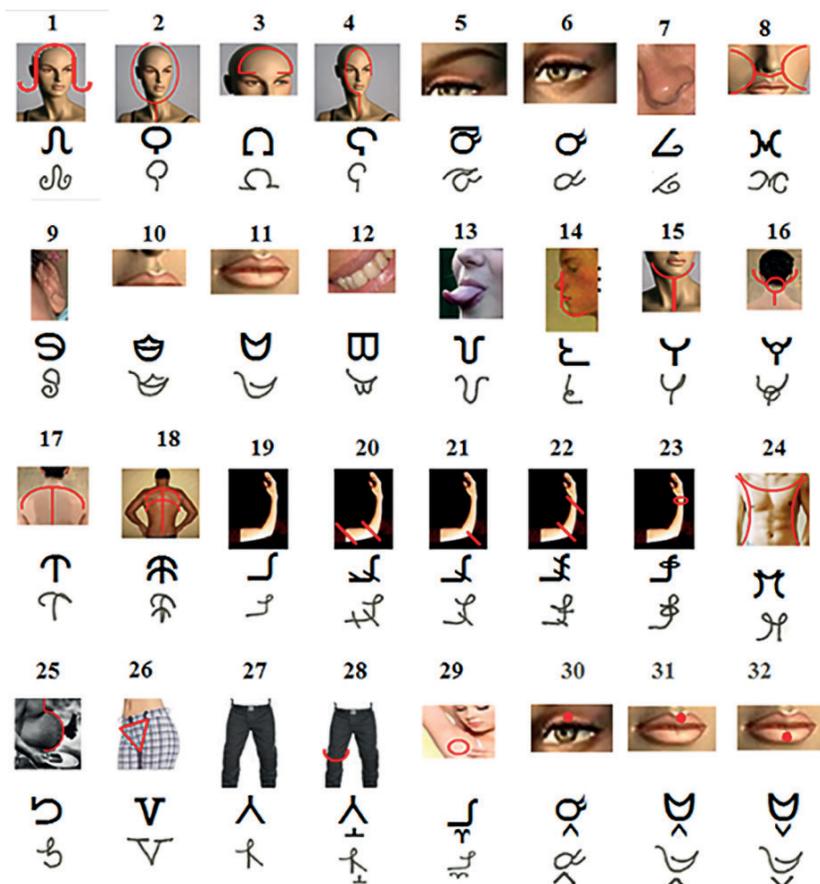
27	ípsilon			
28	zê			
29	cinco			
30	seis			
31	concha			
32	concha encolhida			
33	mão espalmada			
34	ele-espalmado			
35	mão espreada			
36	argola			
37	argola espreada			
38	argola média			
39	legal			
40	garra			
41	garra encolhida			
42	gancho			
43	pinça			
44	pinça dupla			
45	pinça espreada			
46	grampo			
47	figa			
48	pera			
49	namoro			
50	chifre			
51	avião			
52	desabrochar			

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2012) (<http://sel-libras.blogspot.com.br>)

Demonstra também a escrita de 32 Locações (ou localizações) que a SEL registra:



Figura 21 – Escrita de 32 localizações da SEL



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2012) (<http://sel-libras.blogspot.com.br>)

E por fim, apresenta o elemento Movimento dos sinais:



Quadro 12 – Escrita de Movimento dos sinais da SEL

	transversal				sagital				frontal			
	para frente	para trás	para cima	para baixo	para direita	para esquerda						
semicircular												
curvo												
angular												
angular duplo												
sinuoso												
zigue-zague												
diagonal												
retilíneo												
retilíneo breve												
retilíneo brevíssimo												
circular												
Formas manuscritas (básicas):												

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2012) (<http://sel-libras.blogspot.com.br>)

### 3.12 Fechamento do mapeamento documental do Inventário Nacional de Libras

As informações apresentadas nesta seção integram o formulário INDLibras disponível em <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>. Nesse formulário, é possível consultar mais detalhes sobre o Inventário de Libras.

Os dados primários e secundários que integram o Inventário Nacional de Libras apresentados neste livro com seus respectivos links evidenciam o quanto a Libras está estabelecida no Brasil. No entanto, percebemos também que não temos acesso a dados demográficos mais completos, considerando a dimensão do país. O projeto se deteve à Libras, uma língua nacional, mas temos ciência da necessidade de um mapeamento das demais línguas de sinais do país.



Os desafios estão em ter acesso a mais informações sobre os sinalizantes de Libras, o acesso à escolarização nos níveis fundamental e médio e as necessidades locais dos surdos brasileiros. Nesse sentido, o presente inventário contribui para subsidiar políticas públicas em diferentes âmbitos sociais que envolvem a Libras e os surdos brasileiros.

Nesta primeira etapa do Inventário Nacional de Libras, o trabalho foi, portanto, realizar um levantamento demográfico e sociolinguístico dos usuários de Libras na Grande Florianópolis complementando esses dados já estruturados. Além disso, foram também coletados mais dados para adequar a coleta anterior às propostas do INDL – Inventário Nacional de Diversidade Linguística – sob a alçada do IPHAN, do Ministério da Cultura (atualmente integrando o Ministério da Educação) combinados com um levantamento mais abrangente por meio de um questionário em Libras postado para ser preenchido de forma anônima na Internet.

A seguir descreveremos a segunda parte do inventário que teve o foco no levantamento sociolinguístico, resultante da aplicação do questionário on-line em todo o território brasileiro.



## **4 Resultados do Inventário com base no levantamento sociolinguístico a partir da aplicação do questionário *on-line* em todo o território brasileiro**

A coleta de dados por meio dos questionários iniciou em novembro de 2016 e finalizou em julho de 2017, contando com a participação de 2.352 pessoas (861 surdos e 1.491 ouvintes). Conforme explicitado anteriormente, foram elaborados dois questionários em razão das particularidades dos dois grupos de falantes – ouvintes e surdos. Em virtude disso, os resultados são apresentados em quatro partes: 4.1 Caracterização dos falantes; 4.2 Caracterização dos falantes/usuários surdos; 4.3 Caracterização dos falantes/usuários ouvintes e 4.4 Atitudes linguísticas.

### **4.1 Caracterização dos falantes/ Sinalizantes**

#### **4.1.1 Sexo**

Conforme exposto previamente, o questionário foi aplicado com surdos e ouvintes. Dos 861 usuários surdos, 452 são mulheres (52%) e 409 são homens (48%). Esses dados vão ao encontro das informações do IBGE de 2010 que apresentam um resultado similar ao encontrado neste estudo, onde a porcentagem de mulheres e homens surdos é de quase 50% para cada grupo, mas com uma quantidade maior de pessoas surdas do sexo masculino (ver tabela 1).

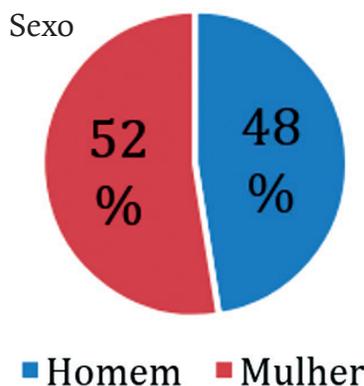


Tabela SEQ Tabela \\* ARABIC 1 - Dados demográficos do IBGE de 2010

Sexo e cor ou raça	Brasil		
	Total Geral	Algum tipo de deficiência	Surdos
<b>População</b>	<b>190 755 799</b>	<b>45 606 048</b>	<b>344 206</b>
Branca	90 621 281	21 252 847	177 461
Preta	14 351 162	3 884 965	24 383
Parda	82 820 452	19 733 079	137 483
<b>Homem</b>	<b>93 406 990</b>	<b>19 805 367</b>	<b>172 405</b>
Branca	43 426 847	9 104 302	86 560
Preta	7 440 244	1 750 896	12 476
Parda	41 148 439	8 641 292	70 748
<b>Mulher</b>	<b>97 348 809</b>	<b>25 800 681</b>	<b>171 801</b>
Branca	47 194 434	12 148 546	90 901
Preta	6 910 918	2 134 069	11 907
Parda	41 672 013	11 091 787	66 735

Fonte: Vedoato (2015, 51)

Gráfico 1 - Sexo dos participantes surdos

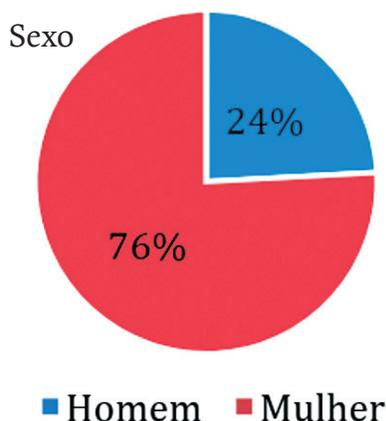


Fonte: Dados primários (2018).



Diferente dos surdos, há uma predominância de mulheres na pesquisa realizada com os usuários ouvintes, cerca de 76% dos participantes. É interessante destacar que esse grupo de usuários da Língua Brasileira de Sinais é composto principalmente por familiares, filhos de pais surdos (Codas) e profissionais da educação (tradutores/intérpretes e professores). Esse resultado relaciona-se ao papel da mãe no contexto familiar como usuária da língua de sinais e do espaço ocupado pelas mulheres na educação brasileira. Um levantamento realizado com base no Censo Escolar de Educação Básica (2007) mostra o perfil feminino dominante no magistério, com 81,6% de mulheres atuando como professoras em todas as etapas e modalidades da educação básica.

**Gráfico 2 - Sexo dos participantes ouvintes**



Fonte: Dados primários (2018).

#### **4.1.2 Faixa etária dos falantes/sinalizantes**

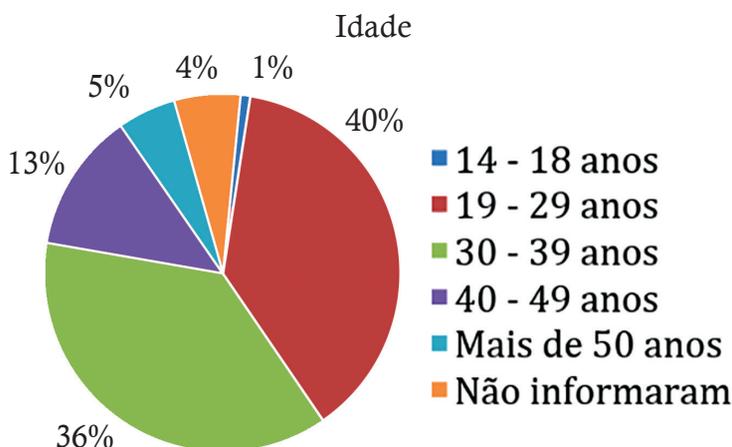
Os dois grupos de usuários da Língua Brasileira de Sinais apresentam pequenas diferenças quanto à média de faixa etária dos falantes. Dos participantes surdos, 40% estão na faixa entre os 19 e 29 anos de idade. Entre 30 e 39 anos, temos 36% dos



participantes surdos e 13% com idade entre 40 e 49 anos. Apenas 5% dos falantes têm mais de 50 anos e 1% tem até 18 anos de idade.

O baixo número de participantes com idade inferior a 18 anos está relacionado ao contexto de aplicação do questionário e ao perfil dos participantes. Além disso, 5% dos surdos não informaram a sua faixa etária. Esses indicadores mostram que 89% dos usuários da Língua Brasileira de Sinais são jovens e adultos com idade entre 19 e 49 anos.

**Gráfico 3 - Faixa etária dos participantes surdos**

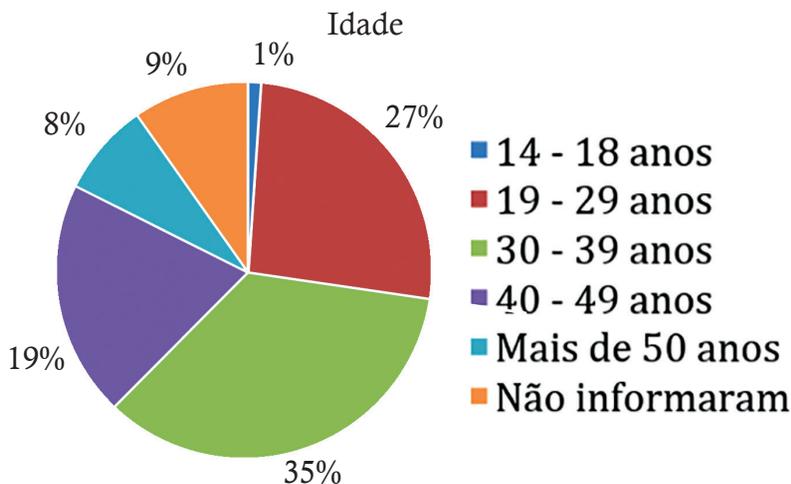


Fonte: Dados primários (2018).

Dos participantes ouvintes, a maioria dos usuários da Língua Brasileira de Sinais, cerca de 35%, encontra-se na faixa etária entre 30 e 39 anos. Entre 19 e 29 anos, temos 27% dos ouvintes, 19% com idade entre 40 a 49 anos e, somente 9% com mais de 50 anos. Também há 9% dos participantes que não apresentaram essa informação e 1% com idade até 18 anos. Da mesma forma, o baixo número de usuários com idade inferior a 18 anos justifica-se pelo contexto de aplicação dos questionários. Assim como os participantes surdos, há uma maior concentração de usuários ouvintes na faixa etária entre 19 e 49 anos, cerca de 81%.



**Gráfico 4 - Faixa etária dos participantes surdos**



Fonte: Dados primários (2018).

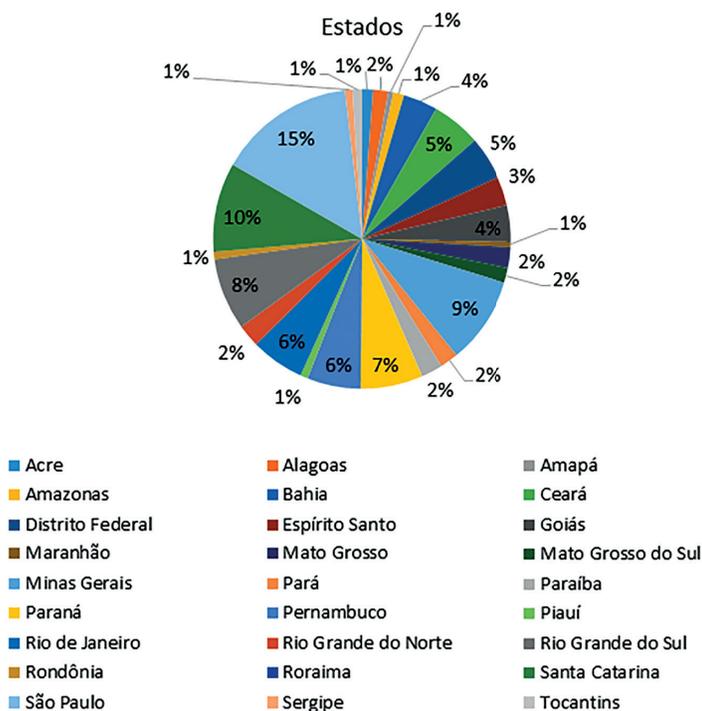
### 4.1.3 Território linguístico

O questionário foi aplicado em todo o território nacional com o objetivo de obter uma amostra dos usuários surdos nas diferentes regiões brasileiras. Esse propósito foi alcançado, pois apenas um estado não teve participantes na pesquisa – Roraima. As regiões Sul (25%) e Sudeste (33%) somaram os maiores percentuais no que se refere aos usuários surdos da Língua Brasileira de Sinais que responderam ao questionário. Tal resultado relaciona-se diretamente à participação ativa da comunidade e movimentos surdos nessas regiões, as quais foram protagonistas em diferentes ações voltadas aos direitos dos surdos, como o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais através da Lei n. 10.436/2002. Além disso, os estados da região Sul e Sudeste possuem as mais tradicionais escolas bilíngues para surdos (Concórdia, Escola Helen Keller, Escola Frei Pacífico, Centro de Educação para Surdos Rio Branco), a primeira instituição de surdos – Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o primeiro Instituto Federal de Educação Profissional voltado



para a educação de surdos e formação de profissionais na área educacional e tecnológica – Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Palhoça Bilíngue e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), entidade filantrópica com finalidade sociocultural, assistencial e educacional, no Rio de Janeiro. É da região Sul, especificamente, da Universidade Federal de Santa Catarina, o primeiro curso de Letras Libras (Bacharelado e Licenciatura) nas modalidades a distância e presencial e que hoje está sendo implementado em todo o Brasil. Todos esses fatores corroboram para os resultados obtidos no questionário, haja vista a concentração e participação ativa dos surdos nesses estados. A região Nordeste (23%) também obteve uma representatividade significativa, seguida pela região Centro Oeste (13%) e Região Norte (6%).

**Gráfico 5 - Representatividade territorial dos participantes surdos**

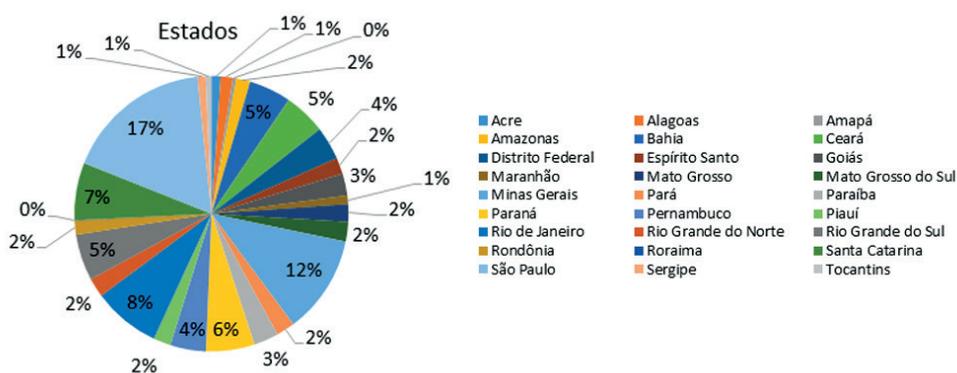


Fonte: Dados primários (2018).



O questionário aplicado aos usuários ouvintes alcançou, também, participantes em todo o território brasileiro. Os dados encontrados são similares aos resultados dos usuários surdos e trazem a região Sudeste com o maior percentual de participantes (39%). Os usuários ouvintes são, em sua maioria, familiares e profissionais (intérpretes e professores) e, por isso, a ampla participação da região Sudeste associa-se ao envolvimento da comunidade surda frente às causas surdas, sejam elas de cunho educacional ou social. Dentre as atividades marcantes dessa região, podemos citar: a) o I Encontro Nacional de Intérpretes organizado pela FENEIS no Rio de Janeiro em 1988 (Masutti e Santos, 2008); b) os primeiros cursos de formação e capacitação dos profissionais promovidos pela FENEIS e INES (Anater e Passos, 2010); e c) fundação da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), em 2008, com sede em Belo Horizonte (MG). A Região Nordeste obteve 21% de participação dos usuários ouvintes, seguida pela Região Sul com 18%. A Região Centro-Oeste e a Região Norte tiveram 11% de usuários ouvintes cada uma.

**Gráfico 6 - Representatividade territorial dos participantes surdos**



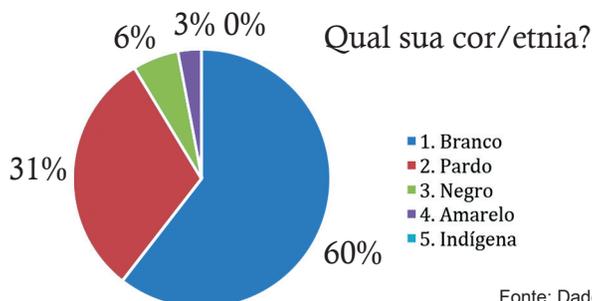
Fonte: Dados primários (2018).



#### 4.1.4 Cor/Etnia

Os resultados relacionados à cor/etnia dos participantes surdos foram ao encontro dos dados apresentados pelo Censo Demográfico de 2010, onde 47,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 43,1% da cor parda e 7,6% de cor preta. No presente estudo, 60% dos surdos se declararam da cor branca, 31% como pardos, 6% negros, 3% como amarelo e menos de 1% como indígenas. É interessante ressaltar que duas minorias – indígenas e negros – têm ocupado seus espaços nos movimentos surdos através de eventos, atividades e pesquisas que buscam legitimar os direitos sociais, linguísticos e culturais desses grupos. No caso dos negros surdos, desde 2008 tem ocorrido o Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo com o objetivo de promover um encontro que proporcione reflexões acerca da comunidade negra surda brasileira e os desafios enfrentados por essa minoria. A sexta edição do evento ocorreu em 2017, na Universidade Federal de Santa Catarina e contou com a participação de negros surdos do Brasil e do exterior. Da mesma forma, estudos realizados têm buscado investigar as especificidades dos surdos indígenas, especialmente quanto às línguas de sinais utilizadas por essas comunidades (Vilhalva, 2009). É importante destacar que há uma língua de sinais indígena registrada – a Língua de Sinais Kaapor Brasileira, a qual foi descrita por Ferreira-Brito na década de 1980.

**Gráfico 7 - Cor/Etnia dos participantes surdos**

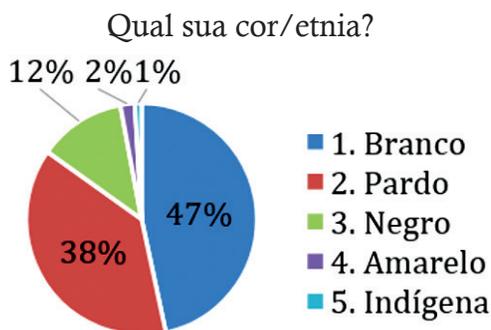


Fonte: Dados primários (2018).



Assim como no questionário dos surdos, os resultados dos usuários ouvintes vão ao encontro dos dados do IBGE 2010, tendo como maioria pessoas que se declararam brancas (47%), pardas (38%), negras (12%), amarelas (2%) e indígenas (1%).

**Gráfico 8 - Cor/Etnia dos participantes ouvintes**



Fonte: Dados primários (2018).

#### 4.1.5 Religião

Em razão do processo histórico de colonização do Brasil, a religião católica é predominante no país e essa realidade confirmou-se na presente pesquisa, uma vez que 41% dos surdos se declararam católicos. De acordo com Assis Silva (2012), nenhuma outra religião possui relação de longa duração tão extensa com a surdez como a Igreja Católica e devido a essa profundidade histórica, tal religião carrega uma heterogeneidade de normatividades em relação à surdez, isto é, diferentes visões acerca da comunidade surda que foram construídas nos últimos séculos e que nem sempre estiveram vinculadas à especificidade linguística dos surdos. Assis Silva (2012) destaca os diferentes vínculos da Igreja Católica com as pessoas surdas, sendo elas: a) as missas realizadas nas paróquias – específicas para surdos ou missas comuns com a presença de intérpretes; b) as atividades de evangelização e catequese com surdos através da rede nacional



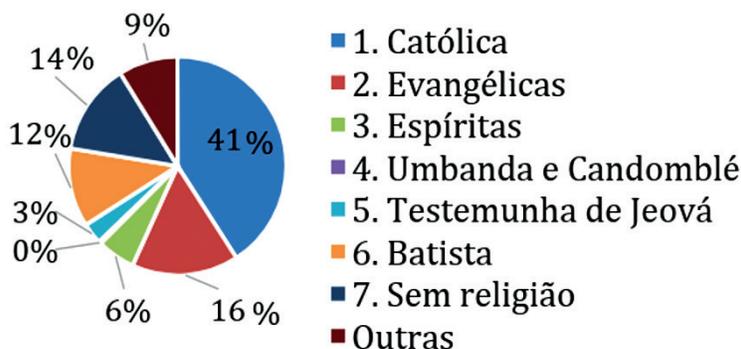
de paróquias denominada Pastoral dos Surdos do Brasil; c) associação de surdos; e d) as iniciativas educacionais, com a criação de escolas voltadas para os surdos, como o Instituto Santa Catarina, fundado em 1929, em Campinas, e transferido para São Paulo em 1933, além da presença de agentes católicos na história do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Esses fatores podem estar diretamente relacionados aos resultados obtidos na presente pesquisa, especificamente, no que diz respeito à forte atuação da Igreja Católica na região Sudeste, lugar de maior concentração de participantes surdos desse estudo.

Além da religião católica, Assis Silva (2012) destaca a ampla presença de agentes religiosos no âmbito da surdez em outras instituições religiosas, especialmente: Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Igreja Batista da Convenção Batista Brasileira e Testemunhas de Jeová. Em virtude desse trabalho de destaque realizado por essas religiões em diferentes regiões do país, o questionário apresentou a religião Batista e Testemunhas de Jeová como opção de resposta separada das “Evangélicas” e os resultados encontrados evidenciam a representatividade da religião Batista e Testemunhas de Jeová, que juntas somam 15% dos usuários surdos. As outras religiões “evangélicas” alcançaram 16%, enquanto as espíritas tiveram 6%. Também, 9% mencionaram outras religiões e 13% dos surdos declararam não ter religião.

Esses dados assemelham-se aos apresentados pelo IBGE de 2010, onde grande parte da população brasileira afirmou manter-se filiada à religião católica, seguidos por evangélicos e espíritas.

**Gráfico 9 - Religião dos participantes surdos**

Qual a sua religião?



Fonte: Dados primários (2018).

Diferentemente dos usuários surdos, as religiões evangélicas (32%) predominaram nas respostas dos ouvintes usuários da Língua Brasileira de Sinais, incluindo 9% dos Testemunhas de Jeová e 6% da Batista, elas equivalem a 47% dos participantes da pesquisa. Assis Silva (2012) menciona algumas das instituições religiosas que realizam atividades de evangelização com surdos:

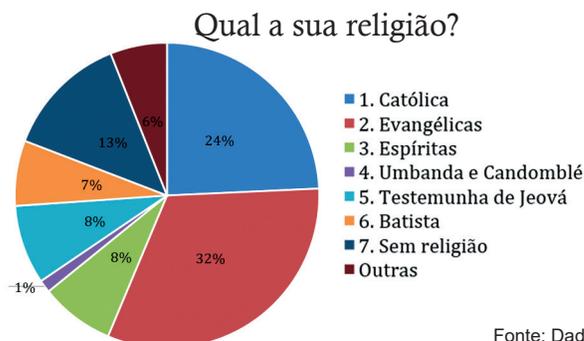
[...] igrejas protestantes históricas (Batista, Luterana, Presbiteriana, Metodista), pentecostais (Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Batista Renovada, Comunidade da Graça) e neopentecostais (Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Casa de Oração para todos os Povos, Universal do Reino do Deus), além dos Testemunhas de Jeová [...] (Assis Silva, 2012, p. 101-102).

Na presente pesquisa, o grande número de ouvintes usuários da Língua Brasileira de Sinais declarados de religiões evangélicas indica que de certa forma essas instituições são responsáveis também pela disseminação dessa língua. A notoriedade das atividades desenvolvidas pela Convenção Batista Brasileira, Testemunhas de Jeová e Igreja Luterana do Brasil está intrinsecamente relacionada ao olhar para a surdez



do ponto de vista da sua particularidade linguística. Nesse viés, essas instituições promoveram ações religiosas que alcançaram visibilidade e impactaram outros contextos, principalmente no que se refere ao campo profissional, acadêmico e político. De acordo com Assis Silva (2012), apesar de a Igreja Luterana ter pouca projeção no cenário brasileiro, esteve diretamente ligada a trabalhos importantes na educação de surdos, sobretudo, seu vínculo com a tradicional Escola Especial Concórdia, fundada em Porto Alegre em 1966, hoje denominada Escola Ulbra Especial Concórdia para Surdos. Além disso, o autor ressalta que é desse meio que emergiram importantes estudiosos da área da surdez, entre eles: Ronice de Quadros (UFSC), Lodenir Karnopp (UFRGS), Otmar Teske (Ulbra) e Madalena Klein (UFPEL). Assis Silva (2012) enfatiza que essa produção diferenciada sobre a surdez extrapola a formação religiosa e constitui-se por meio de uma formação acadêmica em campos da linguística, pedagogia e psicologia. Uma das principais contribuições das congregações batistas, além da evangelização dos surdos, diz respeito à formação de intérpretes em todo o território nacional por meio das oficinas do pastor Marco Antonio Arriens, que iniciou esses cursos em 1989, na Igreja Batista Memorial de Osasco, em São Paulo e, a partir disso, passou a ministrá-los em diversas regiões de Brasil e em outros países, proporcionando a formação de mais de 5.600 intérpretes (Assis Silva, 2012). Da mesma maneira, a instituição religiosa Testemunhas de Jeová vem desenvolvendo desde a década de 1980 ações de evangelização voltadas para os surdos e também práticas de formação na área de interpretação para os ouvintes.

Todos esses fatores apontados justificam a maioria de ouvintes usuários da Libras das religiões mencionadas. Por outro lado, os participantes declarados católicos somaram 24%, seguidos por 14% que afirmaram não ter religião, 8% filiados à religião espírita, 6% que mencionaram outras religiões e 1% da Umbanda e Candomblé.

**Gráfico 10 - Religião dos participantes ouvintes**

Fonte: Dados primários (2018).

### 4.1.6 Grau de escolaridade

É importante lembrar que a presente pesquisa traz um recorte da comunidade surda brasileira e, portanto, os dados aqui apresentados são concernentes a essa parcela de participantes. A divulgação do questionário contou com o apoio dos surdos de referência e dos pesquisadores surdos presentes em diferentes instituições brasileiras, o que pode ter impactado diretamente nos resultados referentes ao grau de escolaridade dos falantes da Língua Brasileira de Sinais. Mesmo diante das variáveis citadas acima, esses dados representam a comunidade surda brasileira atual que se caracteriza pelo protagonismo dos surdos na conquista do seu espaço no ensino superior, prova disso são os resultados que indicam que 52% dos participantes surdos são formados no ensino superior – graduação e pós-graduação e 20% dos surdos estão cursando a graduação. Dos 52% participantes surdos mencionados anteriormente, 18% possuem ensino superior completo, 25% têm especialização, 7% são mestres e 2% são doutores. De acordo com Quadros e Stumpf (2014), o ingresso dos surdos no ensino superior teve um crescimento de 705% entre os anos de 2002 (344 alunos matriculados) e 2005 (2.428 alunos matriculados). Segundo as autoras, esse aumento está relacionado à Lei n. 10.436 de 2002, a qual dispõe sobre o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais.



Uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no ano de 2016 coletou informações em 670 instituições de Ensino Superior e identificou que 80,74% possuíam alunos deficientes auditivos, 48,36% possuíam alunos surdos e 7,16% possuíam alunos surdocegos (Esdras e Galasso, 2017, p. 16).

Grande parte dos surdos participantes da pesquisa está inserida no ensino superior, mas, além desses, há 2% que possuem Ensino Fundamental Completo, 2% que ainda não concluíram o Ensino Fundamental, 4% de surdos com Ensino Médio Incompleto e 20% com Ensino Médio Completo. Esses dados são positivos no que se refere ao grau de escolaridade dos surdos brasileiros, pois diferem dos resultados divulgados pelo IBGE (2000) e INEP (2006), os quais indicavam que 91,07% dos surdos não faziam parte do ensino brasileiro (Quadros e Stumpf, 2014). Diferentemente, as informações mais recentes do IBGE de 2010 indicam que a maioria dos surdos, especialmente os que estão em idade escolar (06 a 17 anos), encontram-se nas escolas (conforme Tabela 2).

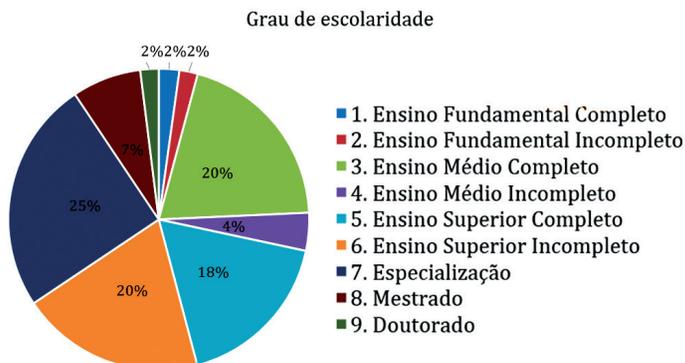
**Tabela 2 - População residente, por tipo de deficiência e frequência à escola ou creche, segundo o sexo e os grupos de idade**

Sexo e grupos de idade	População residente							
	Total (1) (2)	Frequentavam escola ou creche	Tipo de deficiência e frequência à escola ou creche					
			Pelo menos uma das deficiências investigadas		Visual		Auditiva	
			Total	Frequentavam escola ou creche	Total	Frequentavam escola ou creche	Total	Frequentavam escola ou creche
<b>Total</b>	<b>190 755 799</b>	<b>59 565 188</b>	<b>45 606 048</b>	<b>7 333 130</b>	<b>35 774 392</b>	<b>5 821 266</b>	<b>9 717 318</b>	<b>1 191 682</b>
0 a 4 anos	13 806 733	4 661 218	385 303	145 740	168 223	78 630	79 042	35 570
5 a 9 anos	14 967 767	14 234 497	1 147 368	1 080 258	789 926	763 239	233 395	218 942
5 e 6 anos	5 825 378	5 308 182	322 047	288 168	195 214	181 375	76 349	68 558
7 a 9 anos	9 142 390	8 926 315	825 322	792 090	594 713	581 863	157 047	150 384
10 a 14 anos	17 167 135	16 562 084	1 926 730	1 828 482	1 486 205	1 437 361	303 763	286 007
15 a 19 anos	16 986 788	11 610 342	2 017 529	1 395 804	1 577 245	1 129 911	289 223	188 429
15 a 17 anos	10 353 865	8 626 343	1 218 607	1 009 711	953 588	817 793	175 199	138 371
18 e 19 anos	6 632 922	2 983 999	798 921	386 093	623 657	312 118	114 024	50 058
20 a 24 anos	17 240 864	4 331 498	2 215 799	615 178	1 713 449	508 016	334 495	74 837
25 a 29 anos	17 102 917	2 446 915	2 376 938	387 461	1 808 755	315 274	373 604	50 532
30 a 39 anos	29 632 807	2 794 524	5 038 527	531 754	3 689 034	421 398	880 127	80 394
40 a 49 anos	24 843 143	1 530 248	8 560 642	551 577	7 240 829	485 003	1 200 137	73 638
50 anos ou mais	39 007 645	1 393 862	21 937 212	796 876	17 300 726	682 435	6 023 529	183 334

Fonte: IBGE (2010)



### Gráfico 11 - Grau de escolaridade dos participantes surdos



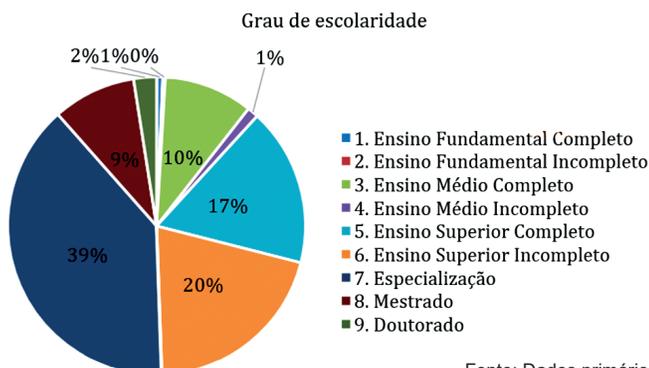
Fonte: Dados primários (2018).

Os usuários ouvintes participantes da pesquisa apresentam, em sua maioria, formação superior em diferentes níveis: 17% possuem ensino superior completo; 20% ainda não concluíram o ensino superior; 39% têm especialização; 9% são mestres e 3% são doutores. Diante disso, 88% dos participantes estão inseridos no contexto da educação superior e esse alto número de usuários ouvintes nesse espaço pode estar relacionado à inserção da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério e nos cursos de Fonaudiologia, a partir do Decreto n. 5.626/2005 e à visibilidade alcançada desde o reconhecimento dessa língua como meio de comunicação da comunidade surda brasileira por meio da Lei n. 10.436/2002. Além disso, a participação dos ouvintes em diferentes congregações religiosas indica que esse meio foi o ponto de partida para muitos profissionais que atuam diretamente com surdos.

Uma pequena parcela dos ouvintes não está inserida no contexto mencionado anteriormente, sendo que desses, 10% possuem ensino médio completo, 1% ainda não concluiu o ensino médio e 1% possui ensino fundamental completo. Esse fato pode ser decorrência do nível de abrangência da pesquisa, uma vez que o espaço acadêmico teve maior divulgação do estudo realizado. Por outro lado, tais dados podem indicar que a maior concentração

de pessoas ouvintes usuárias da Língua Brasileira de Sinais esteja no ensino superior e no meio profissional, de forma geral.

**Gráfico 12 - Grau de escolaridade dos participantes ouvintes**



#### 4.1.7 Formação Superior

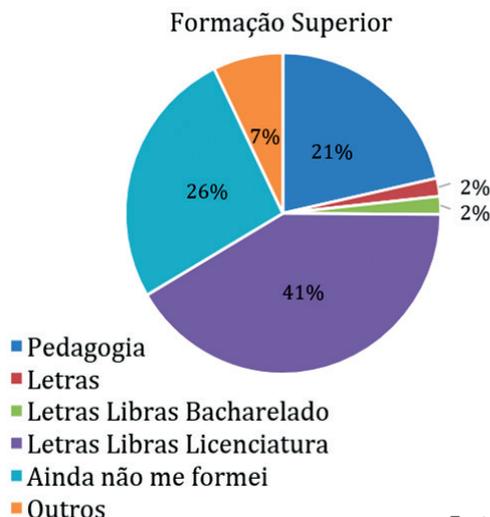
Conforme apresentado na questão anterior, grande parte dos surdos participantes da pesquisa possui formação superior, incluindo a graduação e a pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. A predominância de surdos formados em Letras Libras (Licenciatura), cerca de 41% dos integrantes desse estudo, reflete as iniciativas provenientes do engajamento da comunidade surda e acadêmica. A publicação do Decreto n. 5.626/2005 trouxe a obrigatoriedade de formação superior de docentes para o ensino de Libras em curso de licenciatura plena em Letras Libras e a prioridade das pessoas surdas nessa formação, o que subsidiou a criação dos primeiros cursos de Letras Libras – Licenciatura e Bacharelado - ofertados na modalidade a distância em 16 estados do país. Conforme Quadros e Stumpf (2014, p. 10), esses cursos foram ofertados pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “como projeto especial com aporte financeiro da Secretaria de Educação Especial (SEAD) e Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC em 2006 e da CAPES, a partir de 2006”. A primeira turma formou-



se em 2010, um total de 389 alunos licenciados e em 2012, 312 bacharéis e 378 licenciados. Esse projeto inicial teve continuidade com a implantação dos cursos presenciais de Letras Libras em diferentes estados do Brasil. Atualmente são 27 cursos de Letras Libras espalhados pelos estados brasileiros, em universidades federais; além dos cursos em instituições privadas.

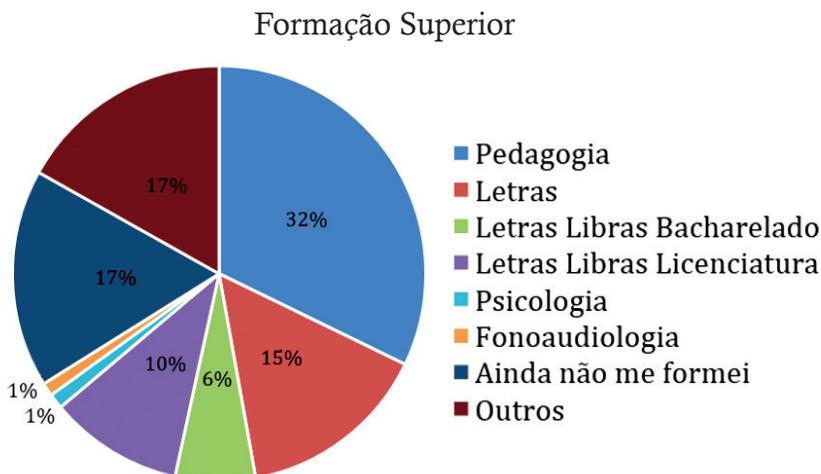
O curso de Pedagogia foi a segunda formação superior com maior número dos participantes da pesquisa, 22% dos usuários surdos. O curso de Letras Libras é recente, mas, antes disso, muitos surdos buscaram a formação acadêmica na área da educação através dos cursos de Pedagogia. Antes mesmo da publicação do Decreto n. 5.626/2005 que traz diretrizes acerca da formação de profissionais para atuação na educação de surdos, ocorreu uma oferta no ano de 2002, do Curso de Pedagogia a Distância para surdos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em parceria com associações de surdos da região e outras instituições.

Além do grande número de surdos nos cursos de Letras Libras e Pedagogia, há uma porcentagem alta de surdos que estão cursando o ensino superior, cerca de 26% dos participantes. Uma pequena parcela dos usuários – 7% – declarou ter se formado em outros cursos, sendo os principais: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Design Gráfico, Psicologia, Fisioterapia, Ciência da Computação, Artes Visuais, Educação Física, Ciências Contábeis, Comunicação Social, Sistemas de Informação, entre outros. Também, 2% dos participantes possuem formação superior em Letras Libras Bacharelado e outros 2% em Letras. De acordo com um estudo realizado por Esdras e Galasso (2017, p. 34), os cursos que possuem maior número de matrículas de deficientes auditivos, surdos e surdocegos são: Administração, Pedagogia, Direito, Educação Física, Ciências Contábeis, Ciências Biológicas, Comunicação Social, Letras e Ciências da Computação.

**Gráfico 13 - Formação superior dos participantes surdos**

Fonte: Dados primários (2018).

A formação acadêmica dos participantes surdos está fortemente relacionada aos avanços na educação de surdos ocorridos nos últimos anos. Conforme vimos, as políticas linguísticas e educacionais favoreceram a inserção do surdo no ensino superior, haja vista o grande número de surdos egressos do curso de Letras Libras – Licenciatura. Apesar de muitos ouvintes estarem diretamente ligados a esse processo, especialmente, no que se refere à formação de tradutores e intérpretes, houve nessa pesquisa uma predominância de ouvintes usuários da Libras formados em Pedagogia, cerca de 32% dos participantes. Uma parcela dos participantes declarou que ainda está cursando o ensino superior e outros 17% afirmaram ter se formado em outros cursos, como: Biologia, Administração, Direito, História, Serviço Social, Jornalismo, Enfermagem, Matemática, Geografia, Educação Física, Sistemas de Informação, entre outros. Além dos cursos mencionados, um grande número de usuários ouvintes declarou ter formação superior em Letras (15%), Letras Libras Licenciatura (11%), Letras Libras Bacharelado (6%), Psicologia (1%) e Fonoaudiologia (1%).

**Gráfico 14 - Formação superior dos participantes ouvintes**

Fonte: Dados primários (2018).

## 4.1.8 Aspectos relacionados à Língua Brasileira de Sinais

### 4.1.8.1 Denominação da língua

O Decreto n. 7.387/2010 dispõe sobre o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, o qual tem como objetivo a “identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Art. 9, Brasil, 2010). Por meio do Inventário da Língua Brasileira de Sinais, pretende-se incluir essa língua de sinais no INDL e, para isso, a participação coletiva e representativa dos usuários dessa língua é fundamental para esse processo, especialmente no que diz respeito à denominação da língua.

As diferentes formas de nomeação da língua de sinais parecem estar diretamente ligadas ao reconhecimento do status linguístico



dessa língua. Por muito tempo, a forma de comunicação de modalidade visual-espacial foi vista como um sistema primário de linguagem, formado por mímicas e gestos que pareciam universais. Segundo Assis Silva (2012), muitas expressões foram utilizadas para nomear a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros:

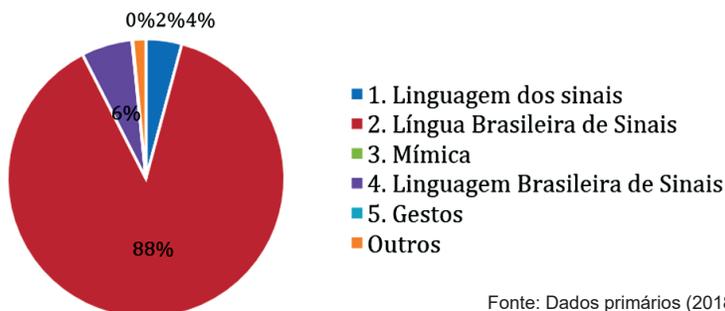
Nos anos 1960, o padre católico Eugênio Oates utilizou os termos mímicas, gestos e linguagem das mãos (Oates, 1969, 1988). Nos anos 1980, luteranos utilizam a categoria Linguagem de Sinais do Brasil (Hoemann, Oates & Hoemann, 1983). Também nos anos 1980, linguistas das línguas de sinais utilizaram o termo língua de sinais dos centros urbanos brasileiros (LSCB) (Quadros, 1997). Nos anos 1990, testemunhas de Jeová utilizaram linguagem de sinais (Testemunhas de Jeová, 1992) e batistas utilizaram linguagem e língua de sinais (Junta das Missões Nacionais, 1991). A categoria Libras remonta aos anos 1980, como comprova o relatório de 1987 da Feneis e, a partir dos anos 1980, torna-se progressivamente a categoria utilizada amplamente por intelectuais e religiosos, até ganhar normatividade jurídica no século XXI, sendo então a categoria legítima para nomear a língua que emergiu nesse processo (Assis Silva, 2012, p. 28).

As diferentes formas de nomeação desde a década de 1960 reverberam até os dias atuais, conforme pode ser visto nos dados coletados. Há predominância do termo “Língua Brasileira de Sinais”, sendo que 88% dos participantes declararam ser essa a forma de comunicação dos surdos brasileiros. Mesmo assim, outras denominações foram mencionadas pelos usuários surdos, sendo elas: Linguagem Brasileira de Sinais (6%), Linguagem dos Sinais (4%), e outros nomes (2%) – especialmente, Língua de Sinais Brasileira.



### Gráfico 15 - Denominação da língua para os participantes surdos

Qual o meio de comunicação dos surdos?



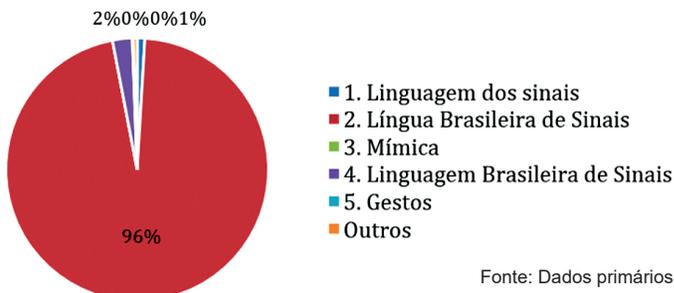
Fonte: Dados primários (2018).

Assim como os usuários surdos, os participantes ouvintes também declararam que a “Língua Brasileira de Sinais” é a denominação mais utilizada para se referir à língua de sinais da comunidade brasileira. Uma pequena parcela dos ouvintes optou pela Linguagem Brasileira de Sinais (2,4%), Linguagem dos Sinais (1%) e menos de 1% declarou outras nomeações, como Língua de Sinais Brasileira.

A denominação “Língua Brasileira de Sinais – Libras” foi a utilizada na Lei n. 10.436/2002, documento legal que a reconhece como meio de comunicação e expressão dos surdos brasileiros. Os dados encontrados nessa pesquisa indicam que esse termo se consolidou entre os usuários da língua, apesar de algumas opiniões divergentes.

### Gráfico 16 - Denominação da língua para os participantes ouvintes

Qual o meio de comunicação dos surdos?



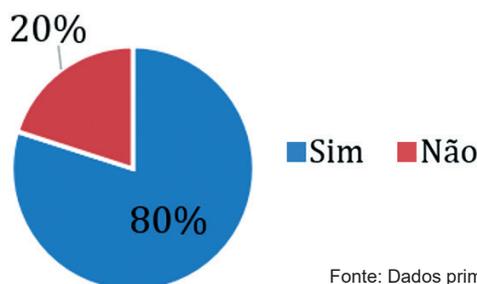
Fonte: Dados primários (2018).

#### 4.1.8.2 Sobre o uso/conhecimento da escrita de sinais

A escrita é um sistema de representação das línguas naturais e, por muito tempo, esse registro era predominantemente das línguas orais. No entanto, as primeiras propostas de representações das línguas de sinais não são tão recentes e tiveram início em 1822 com a Notação Mimographie publicada por Roch Ambroise Auguste Bébian, educador francês. No Brasil, o sistema de escrita *SignWriting* criado por Valerie Sutton, em 1974, foi o principal precursor do registro das línguas de sinais e influenciou pesquisadores brasileiros no desenvolvimento e disseminação de uma escrita de sinais que represente a Língua Brasileira de Sinais. Entre os usuários surdos, a escrita de sinais é conhecida e utilizada pela maioria dos participantes da presente pesquisa, cerca de 80%. Apenas 20% desconhecem ou não utilizam alguma escrita de sinais.

Gráfico 17 - Conhecimento sobre a escrita de sinais entre os participantes surdos

#### Utiliza/conhece escrita de sinais



Fonte: Dados primários (2018).

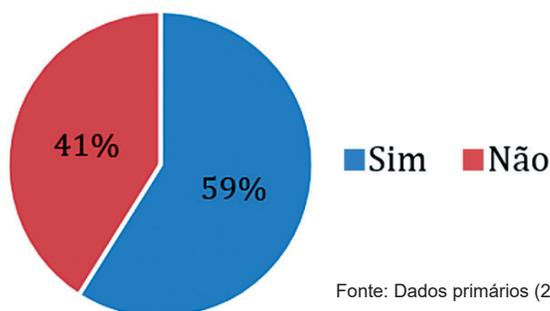
Os surdos, em sua maioria, mostraram conhecer ou utilizar a escrita de sinais. Em contrapartida, 59% dos participantes ouvintes afirmaram usar e conhecer a escrita de sinais e 41% desconhecem e não a utilizam. Tal resultado associa-se à função social que a escrita da primeira língua exerce na vida desses usuários, uma



vez que a Língua Portuguesa – e sua modalidade escrita – é a língua oficial do Brasil e majoritária em todo o país. As pesquisas acerca das escritas de sinais são recentes e a disseminação dessas representações está mais vinculada ao contexto acadêmico, especialmente, nos cursos de formação de profissionais como o Letras Libras – Bacharelado e Licenciatura, e através da inserção obrigatória da disciplina de Libras no currículo dos cursos de licenciatura.

**Gráfico 18 - Conhecimento acerca da escrita de sinais entre os participantes ouvintes**

Utiliza/conhece escrita de sinais



#### 4.1.8.3 Escrita de sinais utilizada

No Brasil, há pelo menos dois sistemas de representação da língua de sinais que estão sendo mais difundidos, sendo eles: a) o *SignWriting*: escrita que pode ser usada e adaptada por qualquer língua de sinais e registra os parâmetros fonológicos das línguas de sinais (configuração de mão, orientação de mão, locação, movimento e expressões não manuais) e sintéticos (uso do espaço, anafóricos e dêiticos). Possui uma organização empilhada e os textos são apresentados em colunas que começam pela esquerda (Stumpf, 2005); e b) Sistema de Escrita da Língua de Sinais (EliS): proposta da brasileira Dra. Mariângela Estelita Barros que tem

como objetivo principal a escrita de sinais, não somente para a Libras, mas para todas as línguas de sinais e caracteriza-se por ser uma escrita linear de base alfabética (Barros, 2008).

Considerando que essas duas escritas de sinais são as mais disseminadas em território nacional, a presente pesquisa mostra qual está sendo mais utilizada pelos usuários surdos que usam alguma escrita de sinais. Apesar de grande parte ter declarado conhecer alguma escrita de sinais (ver gráficos do item 4.1.8.2), 42% afirmaram que não a utilizam, 33% usam o *SignWriting* e 22% preferem utilizar a EliS. Há uma pequena diferença entre os dois sistemas de representação utilizados e o número de usuários surdos adeptos do sistema de escrita de sinais desenvolvido por Barros pode ser considerado significativo, haja vista a sua recente existência.

**Gráfico 19 - Escrita de sinais utilizada pelos participantes surdos**



Por outro lado, 31% dos participantes ouvintes afirmaram que o *SignWriting* é o sistema de representação mais utilizado por eles e apenas 7% usam a EliS. Mesmo assim, para 59% a escrita de sinais não é usada e 3% apresentaram outras respostas.



**Gráfico 20 - Escrita de sinais utilizada pelos participantes ouvintes**



## 4.2 Caracterização específica dos falantes/usuários surdos

Nesta seção são apresentadas informações referentes aos usuários surdos e que estão relacionadas às especificidades linguísticas e culturais desses participantes.

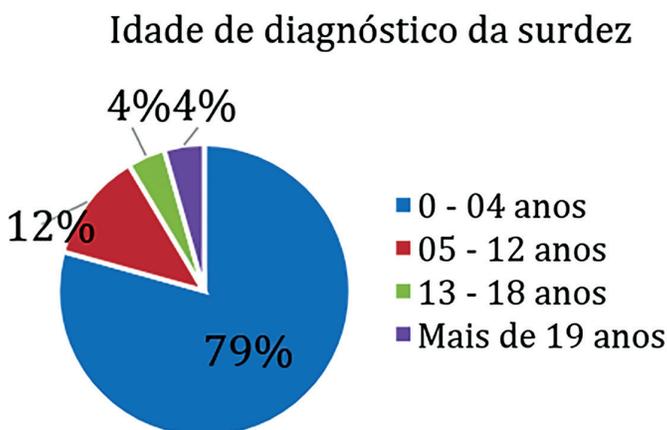
### 4.2.1 Idade de diagnóstico da surdez

A questão da aquisição da linguagem por crianças surdas é de extrema importância para a difusão da língua de sinais e, principalmente, para o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico dos sujeitos surdos. O primeiro passo nesse processo de promoção do acesso à língua de sinais desde a mais tenra idade é o diagnóstico precoce da surdez. De acordo com as recomendações de especialistas, “é necessário avaliar as condições de todas as crianças ao nascimento ou no máximo até os três meses de idade sendo que, no caso de deficiência auditiva confirmada, receber intervenção educacional até os seis meses” (Isaac e Manfredi, 2005, p. 238). Segundo Sígolo e Lacerda (2011), a idade média da confirmação do diagnóstico da surdez acontece por volta de

4 anos e 3 meses e isso pode trazer implicações para a aquisição da linguagem.

Na presente pesquisa, 79% dos participantes surdos foram diagnosticados até os 4 anos de idade, 12% descobriram a surdez entre os 5 e 12 anos de idade, 4% entre os 13 e 18 anos e 5% com mais de 19 anos.

**Gráfico 21 - Idade de diagnóstico da surdez**



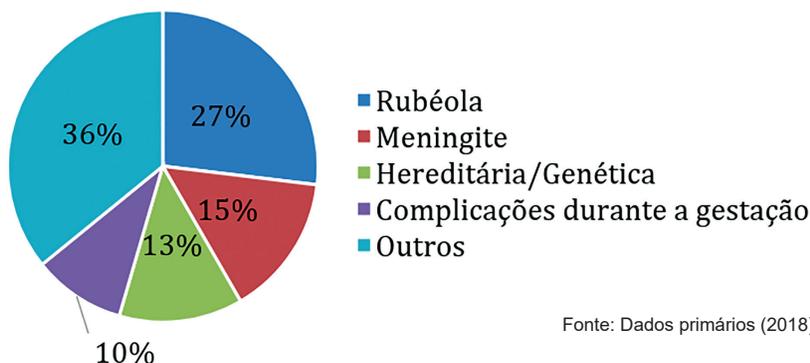
Fonte: Dados primários (2018).

### 4.2.2 Causa da surdez

A surdez pode ser causada por inúmeros fatores, sejam eles genéticos, ambientais ou até mesmo desconhecidos – idiopáticos. As causas genéticas/hereditárias foram declaradas por 13% dos participantes e 87% dos casos de surdez estão relacionados a causas não genéticas, como a rubéola (27%), meningite (15%), complicações na gestação/parto (9%), entre outras doenças e adversidades (36%). Entre as outras doenças citadas pelos usuários surdos, destacam-se: caxumba, sarampo, toxoplasmose e catapora. Esses dados vão ao encontro das informações que indicam que 90% nascem em famílias de ouvintes, onde a surdez é proveniente de fatores ambientais e idiopáticos.

**Gráfico 22 - Causa da surdez**

Causa da surdez



Fonte: Dados primários (2018).

### 4.2.3 Idade de aquisição da Libras

Desde a década de 1990, pesquisadores (Petitto; Marentette, 1991; Karnopp, 1994; Quadros, 1997) buscam compreender o desenvolvimento da aquisição da linguagem por crianças surdas e quais as consequências que o acesso tardio à língua de sinais pode ocasionar para esses sujeitos. De modo geral, os estudos têm demonstrado que a criança surda passa por estágios de aquisição semelhantes aos ouvintes quando possuem contato com a língua de sinais desde a mais tenra idade. No entanto, essa não é a realidade para maior parte dos surdos, pois eles estão inseridos em famílias ouvintes e contextos que não compartilham e não preconizam o uso da língua de sinais.

O resultado dos dados coletados quanto à idade de aquisição da língua é preocupante, pois 80% dos surdos declararam que a aquisição da Língua Brasileira de Sinais ocorreu após os quatro anos de idade, período considerado tardio para o desenvolvimento da linguagem. É interessante retomar o resultado da pergunta sobre a idade de diagnóstico da surdez, o qual indica que 79% dos participantes foram diagnosticados surdos até os quatro anos.

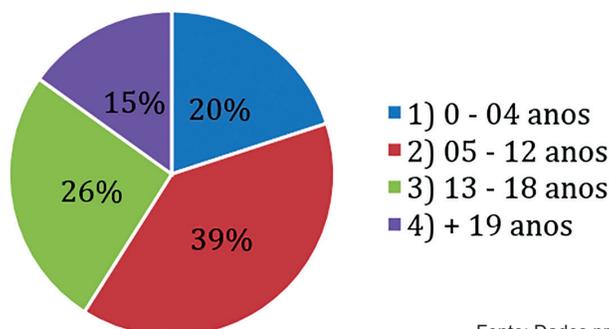


Essa informação indica que mesmo com o acompanhamento e a descoberta da surdez nos primeiros anos de vida, a maior parte dos surdos não está tendo acesso à língua de sinais nesse período crucial, talvez por desconhecimento da família ou por encaminhamentos a outras terapias e tratamentos que não priorizam a Libras como primeira língua das crianças surdas. Além do mais, o fato de os surdos nascerem, predominantemente, em famílias ouvintes pode ser um motivador para esse atraso na aquisição, pois a língua compartilhada no ambiente familiar não é a mesma da criança surda. O Decreto n. 5.626/2005 apresenta orientações acerca dos direitos dos surdos ao atendimento e assistência à saúde, incluindo a realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação e orientações para a família sobre a importância da criança surda ter acesso à Libras desde o seu nascimento.

A maior parte dos usuários surdos declarou ter desenvolvido a aquisição da linguagem dos 5 aos 12 anos de idade (39%), enquanto 26% tiveram acesso entre os 13 e 18 anos e 15% declaram ter adquirido a linguagem após os 19 anos. Apenas 20% dos participantes afirmaram ter desenvolvido a aquisição da língua de sinais no período considerado ideal, de 0 aos 4 anos de idade.

**Gráfico 23 - Idade de aquisição da Libras**

Idade de aquisição da Libras



Fonte: Dados primários (2018).



#### 4.2.4 Contexto de aquisição/aprendizagem

Conforme mencionado na pergunta anterior, 80% dos surdos tiveram acesso à língua de sinais após os quatro anos de idade e, desse número, 65% desenvolveram a aquisição da linguagem entre os 4 e 18 anos, isto é, em idade escolar. Quando questionados sobre o contexto em que tiveram contato com a Libras, a maior parte dos participantes (44%) declarou ter adquirido a língua de sinais na escola e tal dado ratifica a importância desse contexto para o desenvolvimento linguístico dos sujeitos surdos. As políticas educacionais e linguísticas colaboram para que o ambiente escolar seja um lugar onde as pessoas surdas possam ter garantidos seus direitos linguísticos através do acesso à educação em sua primeira língua. A Lei n. 10.436/2002, o Decreto n. 5.626/2005 e o Plano Nacional de Educação (Lei n. 13.005/2014) são alguns dos documentos legais que apresentam diretrizes sobre uma educação para surdos pautada na Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e na Língua Portuguesa – modalidade escrita – como segunda língua, além da garantia de profissionais capacitados para atuação nesse espaço, como os intérpretes, professores bilíngues e professores de Libras. Por tais motivos, o contexto escolar vem se destacando como um espaço fundamental de propagação da língua de sinais entre os sujeitos surdos e também entre os ouvintes.

Um outro espaço de contato com os pares surdos e acesso à língua de sinais são as associações de surdos, local onde 21% dos participantes dessa pesquisa tiveram contato com a Libras. As associações de surdos estão presentes em todas as regiões do país e fazem um trabalho de difusão da Língua Brasileira de Sinais e de orientação aos surdos antes mesmo do reconhecimento legal dessa língua como forma de comunicação das pessoas surdas. Por esse motivo, conforme indicado nessa pesquisa, as associações destacam-se como um dos principais espaços de interação dos surdos com seus pares.



As igrejas também aparecem como um contexto de acesso e desenvolvimento da língua de sinais, no qual 11% dos participantes afirmaram terem tido o primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais. Como discutido anteriormente, as congregações religiosas promovem a difusão da língua de sinais através dos trabalhos desenvolvidos com os sujeitos surdos e ouvintes e contribuem dessa forma para o crescimento desses sujeitos.

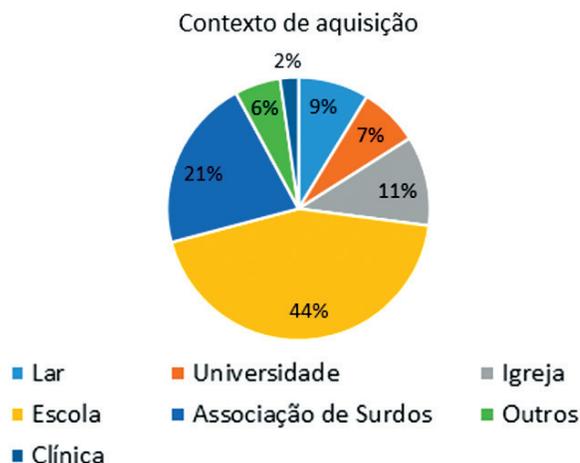
A universidade surge como o espaço de aquisição para 7% dos surdos que participaram dessa pesquisa e deve se enquadrar em alguns dos 15% de surdos que tiveram acesso à língua de sinais após os 18 anos de idade. Além desses locais, 2% afirmaram terem desenvolvido a língua de sinais em clínicas, por meio do atendimento especializado e 6% apresentaram outros contextos de aquisição, como o contato com amigos surdos e instituições de ensino que ofertavam cursos de Libras.

Um dos mais importantes contextos de aquisição da linguagem é o lar, espaço de interação entre familiares e o mais propício para o desenvolvimento linguístico desde a mais tenra idade. No entanto, apenas 7% dos usuários surdos declararam ter acesso à língua de sinais no ambiente familiar e, provavelmente, são aqueles que possuem familiares/ pais surdos que usam naturalmente essa língua com seus filhos. Esse fato é preocupante e mostra que mesmo diante dos avanços no que se refere ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, há ainda muito desconhecimento por parte dos pais acerca dos benefícios que o acesso à linguagem desde os primeiros anos de vida pode trazer aos sujeitos surdos. A não existência de uma língua compartilhada entre filhos e pais surdos no contexto familiar é uma realidade singular da comunidade surda e que pode acarretar prejuízos no desenvolvimento cognitivo, social e linguístico desses sujeitos. Os dados apresentados na pesquisa indicam que 91% dos surdos tiveram contato com a língua de sinais em outros espaços e esse



resultado justifica, inclusive, o grande número de aquisição tardia – ocorrida depois dos quatro anos de idade.

**Gráfico 24 - Contextos de aquisição da Língua Brasileira de Sinais**



Fonte: Dados primários (2018).

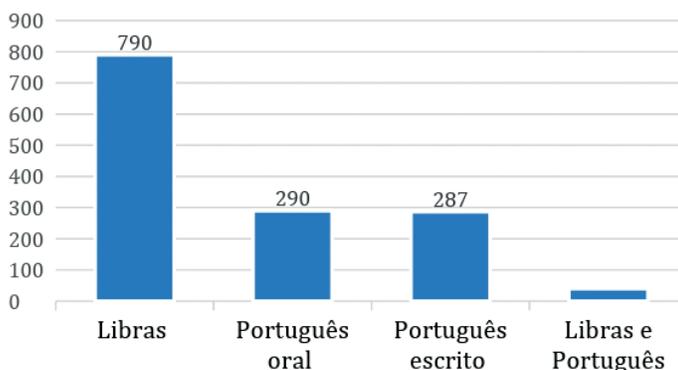
## 4.2.5 Línguas utilizadas pelos surdos

Os usuários da Língua Brasileira de Sinais – ouvintes ou surdos – são, em sua maioria, bilíngues. Entretanto, para cada um dos grupos, as línguas possuem uma representação diferente e isso se relaciona ao papel da primeira e segunda língua no cotidiano desses sujeitos. No caso dos surdos, quando questionados sobre as línguas que falam/sinalizam, a maioria afirmou usar apenas a Língua Brasileira de Sinais, em seguida a Língua Portuguesa – modalidade oral, em terceiro lugar optam pela modalidade escrita da Língua Portuguesa e um número menor declara saber as duas línguas. Nessa pergunta, os participantes podiam escolher mais de uma opção de resposta.



### Gráfico 25 - Línguas utilizadas

Quais línguas você utiliza?



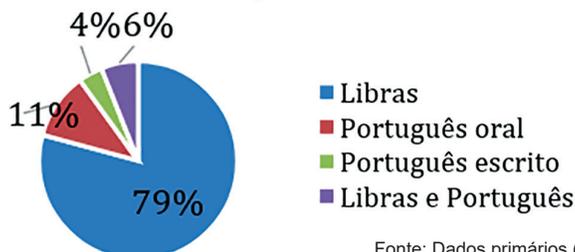
Fonte: Dados primários (2018).

#### 4.2.6 Língua utilizada com mais frequência

Apesar de utilizarem mais de uma língua, há o uso mais frequente no cotidiano de uma dessas línguas. Sendo assim, 79% dos participantes surdos afirmaram que usam a Língua Brasileira de Sinais com mais frequência, 11% afirmaram que a Língua Portuguesa em sua modalidade oral é a forma de comunicação mais usada, 4% declaram que utilizam com mais regularidade a modalidade escrita da Língua Portuguesa, 6% optam pelas duas línguas com a mesma periodicidade.

### Gráfico 26 - Língua utilizada com mais frequência

Qual língua você usa com mais frequência?



Fonte: Dados primários (2018).

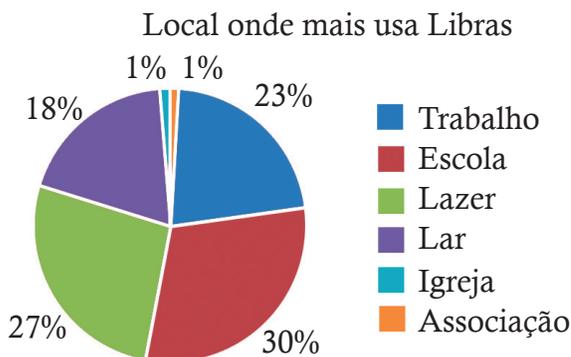


Este gráfico, portanto, evidencia o quanto a Libras é efetivamente a língua primária entre a maioria dos surdos. Por outro lado, indica também que vários surdos também usam a Língua Portuguesa, tanto na modalidade oral, como na modalidade escrita. Esses dados evidenciam o *status* bilíngue de vários surdos brasileiros.

#### 4.2.7 Contexto de uso da Libras

Assim como nos contextos de aquisição, o ambiente escolar é escolhido por 30% dos participantes surdos como o principal espaço de uso da Língua Brasileira de Sinais, seguido por 27% que afirmam usar a língua de sinais com mais frequência em momentos de lazer e 23% que a utilizam no local de trabalho. Mais uma vez, o lar é declarado por uma pequena parte dos usuários surdos como o espaço de predominância da língua de sinais, cerca de 18%. As associações e igrejas, embora tenham sido os contextos de aquisição de grande parte dos sujeitos surdos, são os espaços onde eles menos utilizam a Libras no cotidiano, com 1% cada um.

**Gráfico 27 - Local onde mais utiliza a Libras**



Fonte: Dados primários (2018).

Interessantemente é que quando os surdos são perguntados sobre os lugares em que utilizam a Libras, as respostas indicam que é a língua usada em praticamente todos os espaços. Entre os

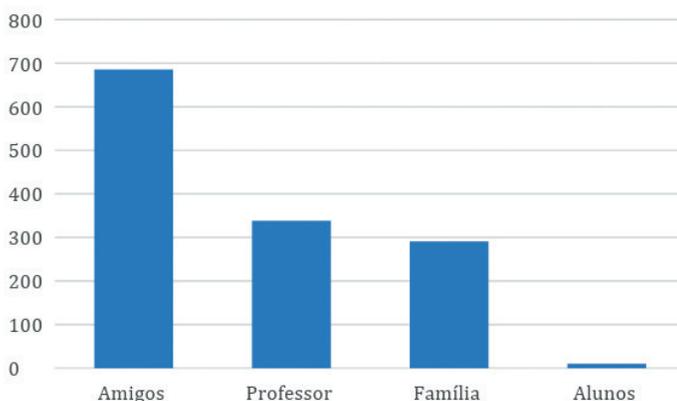


espaços elencados, o convívio com outros surdos e ouvintes não sinalizantes varia, mesmo assim a Libras continua sendo a língua usada em todos esses lugares. Novamente, esses dados indicam que a língua primária dos surdos é a Libras.

#### 4.2.8 Interlocutores da Libras

Os usuários surdos afirmaram que a Língua Brasileira de Sinais é utilizada com mais frequência para se comunicar com os amigos. Em segundo lugar, os professores são interlocutores muito presentes no cotidiano desses usuários e, em seguida, a família e os alunos. Essas informações ratificam o resultado apresentado anteriormente sobre os locais onde a Libras é mais utilizada pelos usuários surdos, uma vez que a escola e o lazer apareceram como os contextos onde há maior contato com a língua de sinais.

**Gráfico 28 - Interlocutores da Libras**



Fonte: Dados primários (2018).

Esses dados também indicam que a língua de sinais é a língua primária. O uso mais frequente é com amigos, porque são os amigos os seus pares que, frequentemente são outros surdos. Na sequência, os professores com quem convivem diariamente por

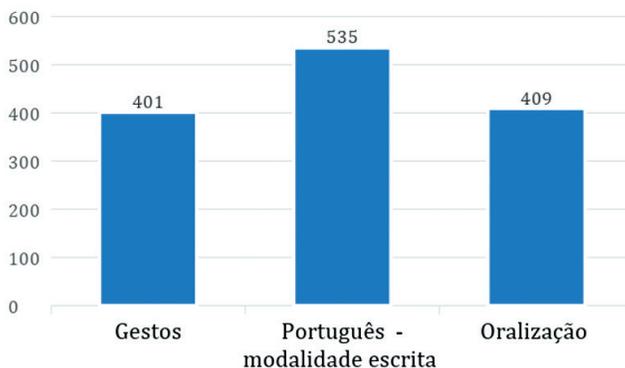


várias horas e a família, são seus interlocutores na Libras. Destaca-se aqui que esses interlocutores são, na sua maioria, ouvintes.

#### 4.2.9 Estratégias de comunicação

A Língua Brasileira de Sinais está presente em todo o território brasileiro e é utilizada por pessoas ouvintes e surdas. Diferente de outros grupos linguísticos minoritários, os surdos encontram-se em constante contato com pessoas que desconhecem essa língua, pelo fato de serem uma comunidade marcada por uma diferença linguística específica e que não se concentra em um local exclusivo, mas que estão presentes em diferentes regiões do país. Por esse motivo, a barreira comunicacional é uma das maiores dificuldades encontradas por eles no cotidiano, pois mesmo com a crescente difusão dessa língua nos diferentes contextos, a maior parte da população brasileira desconhece a Libras. Sendo assim, é comum que os surdos busquem algumas estratégias de comunicação para fazer-se entender nos espaços que costumam frequentar. Os participantes da pesquisa declararam que costumam recorrer à Língua Portuguesa em sua modalidade escrita para se comunicar com aqueles que não sabem Libras, usam a oralização da Língua Portuguesa e também gestos quando necessário.

**Gráfico 29 - Estratégias de comunicação**



Fonte: Dados primários (2018).



#### 4.2.10 A língua de sinais na família

Conforme apresentado anteriormente, o ambiente familiar é um dos espaços onde os usuários surdos utilizam com menos frequência a língua de sinais e isso acontece pelo fato de nascerem em famílias ouvintes que desconhecem a Língua Brasileira de Sinais. Os respondentes do questionário declararam que 57% dos familiares sabem Libras e 43% afirmaram que não há membros da família que possuem conhecimento da língua de sinais. Um fator importante para a vitalidade linguística é a transmissão dessa língua de geração em geração, a transmissão intergeracional e, nesse caso, a Língua Brasileira de Sinais encontra-se em desvantagem, já que essa língua não é compartilhada por uma boa parte dos familiares de pessoas surdas.

**Gráfico 30 - O uso/conhecimento da língua de sinais pela família**

Alguém de sua família sabe Libras?



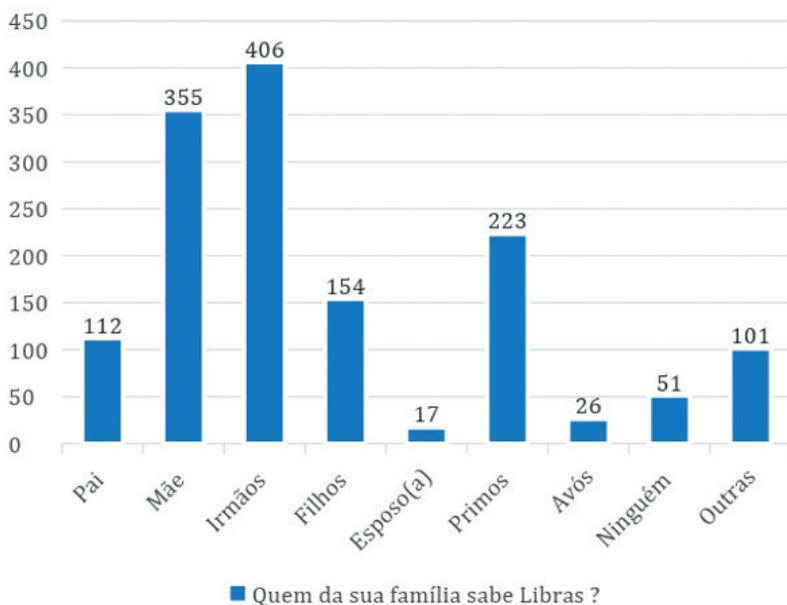
Fonte: Dados primários (2018).

As informações sobre os familiares que sabem Libras também corroboram com o que foi mencionado anteriormente acerca da transmissão da língua de sinais, já que os dados indicam que os membros da família que normalmente são os responsáveis por garantir a transmissão de uma língua de geração para geração estão entre os que menos sabem Libras, como os pais e avós. Apesar de a figura materna aparecer como uma das maiores usuárias dessa língua no contexto familiar, os dados referentes



aos pais e avós sugerem que o conhecimento acerca da língua de sinais é algo posterior ao nascimento dos filhos surdos, isto é, as mães buscam aprender a Língua Brasileira de Sinais para se comunicarem com as crianças surdas e são, em muitos casos, a única referência linguística nesse espaço. É interessante destacar que os irmãos foram apontados como os membros que mais utilizam Libras na família, seguidos pelas mães e primos.

**Gráfico 31 - Familiares que sabem Libras**



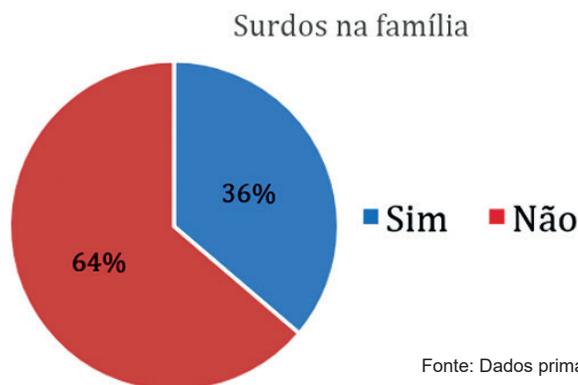
Fonte: Dados primários (2018).

Quando questionados sobre a presença de outros surdos na família, 36% dos participantes afirmam que possuem parentes surdos e 64% não têm nenhum outro membro surdo. Esses casos, juntamente com os resultados anteriores sobre o uso da Libras no ambiente familiar, indicam que a língua de sinais não se caracteriza como uma língua com transmissão predominantemente intergeracional, isto é, a continuidade dessa língua e da cultura

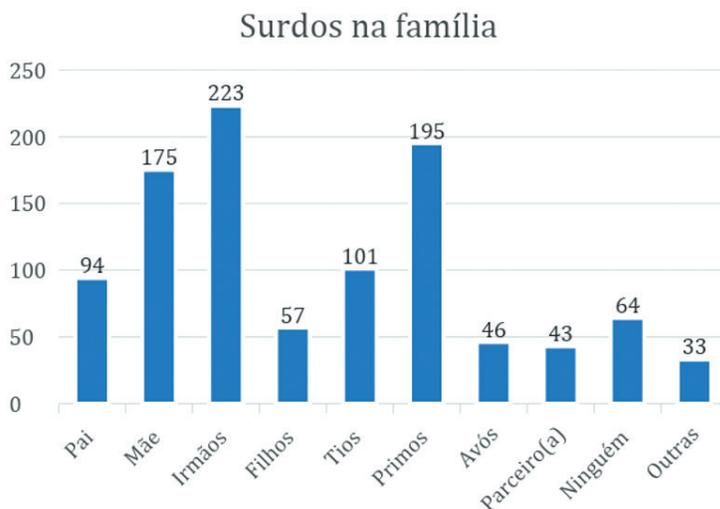


não é comum entre os seus usuários e descendentes. Tal fato está diretamente relacionado às diferentes causas da surdez, onde 87% dos casos não são de origem genética/hereditária, o que acarreta o nascimento de surdos em famílias ouvintes que não conhecem a Língua Brasileira de Sinais. A forma de transmissão dessa língua entre os seus usuários é uma das principais especificidades dessa minoria linguística, pois diferente de outros grupos minoritários que adquirem a língua predominantemente no núcleo familiar e garantem a transmissão intergeracional, a comunidade surda depende de outros fatores e contextos para o desenvolvimento e aquisição da linguagem.

**Gráfico 32 - Presença de surdos na família**



Entre os participantes que possuem surdos na família, a maioria destaca a presença de irmãos, mães e primos surdos. Um pequeno número de respondentes afirmou possuir parceiros surdos.

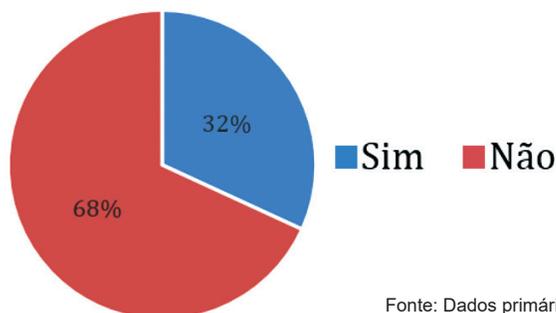
**Gráfico 33 - Membros surdos na família**

Fonte: Dados primários (2018).

O número apresentado no gráfico anterior diz respeito a todos os participantes. Na próxima pergunta, os usuários responderam se tinham filhos surdos e 32% declararam que sim, o que equivale a 274 sujeitos surdos.

**Gráfico 34 - Filhos surdos**

Você tem filhos surdos?



Fonte: Dados primários (2018).

Quando questionados se filhos, netos ou bisnetos possuem conhecimento da Libras, 56% declaram não terem filhos, netos ou bisnetos, 24% afirmam que eles sabem e 20% dizem que não.



**Gráfico 35 - Filhos, netos ou bisnetos que sabem Libras**  
Seus filhos, netos ou bisnetos sabem Libras?

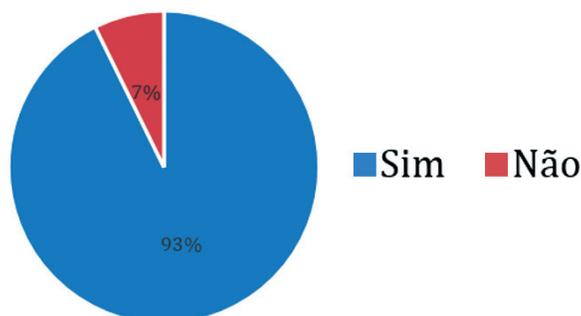


Fonte: Dados primários (2018).

Apesar de grande parte dos familiares não utilizarem a língua de sinais, 93% dos respondentes do questionário consideram importante que as famílias tenham conhecimento da Libras.

**Gráfico 36 - A importância do aprendizado da Libras pelas famílias**

Você acha importante as famílias aprenderem Libras?



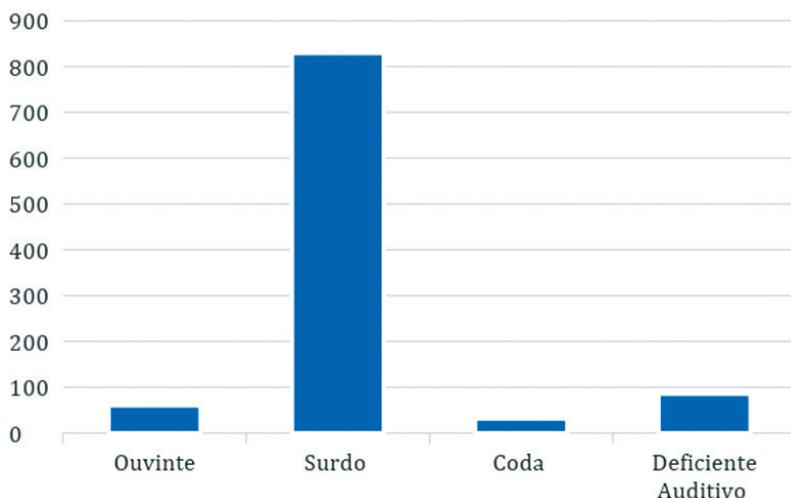
Fonte: Dados primários (2018).

A identidade cultural está ligada à forma como o sujeito se assume perante à sociedade a partir de suas especificidades físicas,



culturais, linguísticas e ideológicas. Entre os usuários da Língua Brasileira de Sinais, encontramos: a) os ouvintes – pessoas que possuem a Língua Portuguesa como primeira língua e podem desenvolver o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais por diferentes razões; b) os codas: sujeitos ouvintes filhos de pais surdos que adquirem a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa concomitantemente – bilíngues bimodais – desde os primeiros anos de vida; c) os surdos: são pessoas que veem a surdez não como uma deficiência, mas como uma diferença linguística e se caracterizam como usuários da língua de sinais, além de se identificarem com a cultura surda; e d) os deficientes auditivos: pessoas que não se identificam com a língua de sinais e a cultura surda. Na pesquisa, entre os participantes, quase 97% afirmou possuir identidade surda.

**Gráfico 37 - Identidade cultural dos participantes surdos**



Fonte: Dados primários (2018).

Os participantes surdos realizaram uma avaliação da própria fluência em Libras e poderiam escolher as suas repostas em uma



escala de 1 a 7, sendo que o 1 significa conhecimento nulo e 7 é excelência na língua. Com base nos dados, a maioria se considera fluente em Libras com predominância das respostas entre os níveis 5 e 7.

**Gráfico 38 - Fluência em Libras dos participantes surdos**

Você considera sua fluência em Libras

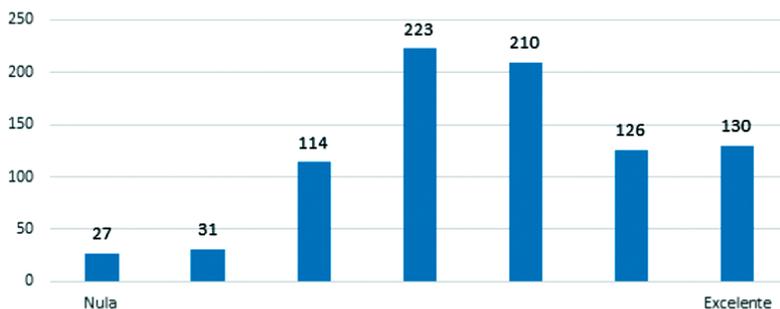


Fonte: Dados primários (2018).

Da mesma forma, os participantes surdos avaliaram a fluência em Língua Portuguesa. Em uma escala de 1 a 7, houve uma concentração de respostas entre os níveis 3 a 5, o que se caracteriza como uma avaliação regular da fluência em Língua Portuguesa.

**Gráfico 39 - Fluência em Língua Portuguesa dos participantes surdos**

Você considera sua fluência em Língua Portuguesa



Fonte: Dados primários (2018).



Este resultado indica o *status* bilíngue de grande parte dos surdos respondentes. A Língua Portuguesa também faz parte da vida dos surdos, eles a usam na forma oral e escrita, mesmo que a Libras seja a língua primária, mais usada em todos os espaços nos quais convive e se comunica com outras pessoas.

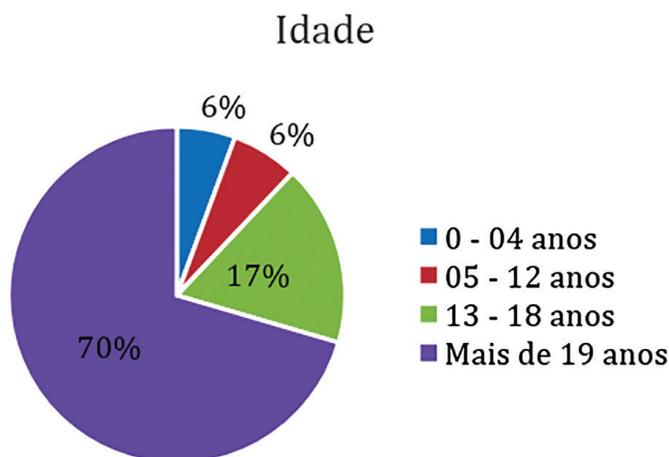
### **4.3 Caracterização específica dos falantes/usuários ouvintes**

Nesta seção são apresentadas informações dos usuários ouvintes referentes às especificidades linguísticas e culturais desses participantes.

#### **4.3.1 Idade de aquisição/aprendizagem da Libras**

Os ouvintes compõem uma parcela significativa dos usuários da Libras e possuem um papel fundamental na propagação dessa língua. No entanto, o processo de aquisição/aprendizagem desse grupo diferencia-se dos usuários surdos, especialmente por se tratar de uma segunda língua. Um dos indicativos dessa peculiaridade pode ser percebido na idade de aquisição/aprendizagem da Libras pelos sujeitos ouvintes, que ocorreu para 71% dos participantes após os 18 anos de idade. Cerca de 17% afirmou ter aprendido a Libras entre os 13 e 18 anos, 6% tiveram seu primeiro contato entre os 5 e 12 anos e 6% desenvolveram a aquisição da língua de sinais nos primeiros anos de vida (0 a 4 anos de idade).

**Gráfico 40 - Idade de aquisição/aprendizagem da Libras pelos participantes ouvintes**



Fonte: Dados primários (2018).

### 4.3.2 Contexto de aquisição/aprendizagem da Libras

O contexto de aprendizagem/aquisição dos usuários ouvintes revela os espaços onde a Língua Brasileira de Sinais se faz presente no cotidiano das pessoas e, assim, propicia o acesso e aprendizado dessa língua. Para 32% dos participantes da pesquisa, o contato com a língua de sinais ocorreu nas igrejas e isso ratifica os dados apresentados anteriormente, nos quais diferentes congregações religiosas – principalmente as evangélicas – aparecem como protagonistas na propagação da Libras, seja pela evangelização dos surdos ou dos ouvintes. Em segundo lugar, 23% dos ouvintes elegeram as escolas como o espaço de aprendizado da referida língua, o que pode indicar que essas pessoas são profissionais que atuam diretamente na educação de surdos, como professores ou sujeitos que tiveram contato com a Libras por meio de colegas surdos. Essa informação ratifica o papel da escola na difusão da língua de sinais e mostra que as políticas públicas estão alcançando resultados positivos nesse contexto, pois é o



local onde a maioria dos surdos acessa a sua primeira língua e, conseqüentemente, mobiliza ouvintes (profissionais ou alunos) na busca pelo conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. O terceiro contexto de aprendizagem mais citado pelos participantes foi a Universidade, onde 22% dos ouvintes tiveram contato com a língua de sinais pela primeira vez. Um dos motivos da presença dessa língua no espaço acadêmico é a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério e nos cursos de Fonoaudiologia e a oferta da Libras como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e educação profissional. Além do mais, a crescente implementação dos cursos de Letras Libras em várias regiões do país e o aumento de servidores surdos nas universidades podem ter impactado nesse resultado.

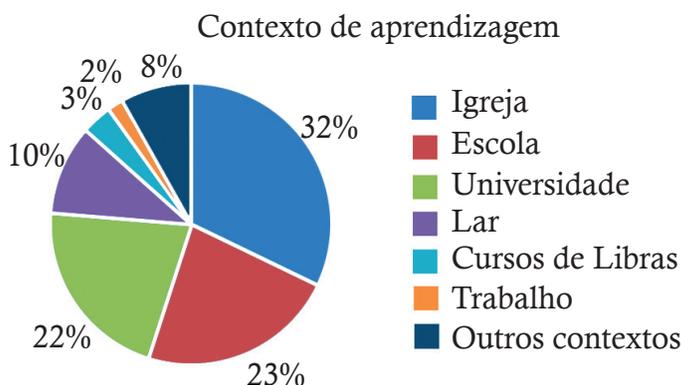
O acesso à língua de sinais no contexto familiar ocorreu com 10% dos ouvintes que participaram do estudo e, em muitos desses casos, esses sujeitos são filhos de pais surdos – os chamados Codos – e adquirem desde a mais tenra idade a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, os chamados bilíngües bimodais por desenvolverem a aquisição de duas língüas de modalidades distintas – visual/espacial e oral/auditiva. Este é o contexto descrito por Quadros (2017) como de língua de herança, pois as crianças crescem em famílias que usam uma língua diferente da língua usada na comunidade em geral, a comunidade majoritária. Essas crianças, muitas vezes, usam a Libras somente com seus pais, pois convivem com ouvintes em todos os demais espaços sociais, como por exemplo a unidade familiar que vai além de seus pais, a escola, e outros espaços de lazer. Em alguns casos, os pais surdos viabilizam o convívio de seus filhos ouvintes com outros filhos de pais surdos, em associações de surdos ou pontos de encontros de surdos. Esse convívio se estende também a outros surdos adultos, mas raramente a outras crianças surdas. Assim, as crianças ouvintes crescem com referências surdas adultas,



não tendo oportunidade de interagir com pares surdos. Segundo Quadros (2017), essas crianças podem tornar-se mediadores entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte, pois adquirem as duas línguas, tornando-se bilíngues nativos.

Além dos ambientes mencionados, os ouvintes declararam ter aprendido a língua de sinais em cursos de Libras (3%), no trabalho (2%) e em outros contextos (8%).

**Gráfico 41 - Contextos de aquisição/aprendizagem da Libras dos participantes ouvintes**



Fonte: Dados primários (2018).

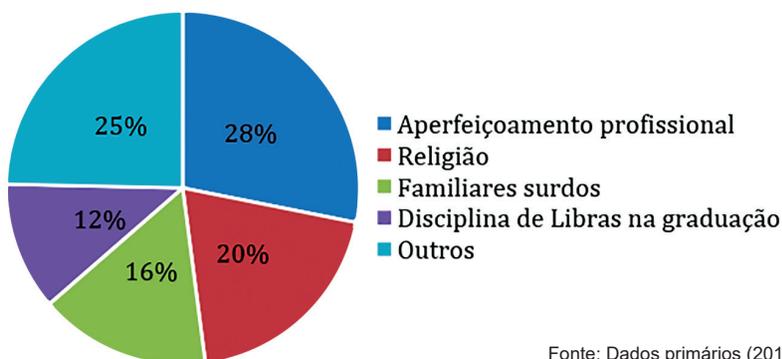
### 4.3.3 Motivação para o aprendizado da Libras

Considerando que a aprendizagem da língua de sinais pela maioria dos sujeitos ouvintes ocorreu após os 18 anos de idade, é interessante conhecer os motivos que levaram essas pessoas a desenvolverem o conhecimento dessa língua. A maior parte dos ouvintes, 28% dos participantes, aprenderam a Libras em razão do aperfeiçoamento profissional. Em segundo lugar, 24% dos ouvintes tiveram outras motivações para aprender a língua de sinais, dentre elas: a necessidade de se comunicar com as pessoas surdas, por ter amigos surdos e a curiosidade. A religião, mais uma vez, destaca-se no que se refere ao aprendizado da língua de sinais e foi a motivação de 20% das pessoas ouvintes para buscarem



o conhecimento da Libras. Além disso, 16% dos participantes tiveram contato com essa língua por causa dos familiares surdos e 12% afirmaram que a motivação para o aprendizado ocorreu devido à disciplina de Libras na graduação. É importante mencionar que a obrigatoriedade do ensino de Libras em alguns cursos (licenciatura e fonoaudiologia) e a sua oferta facultativa nos demais cursos surgiu a partir do Decreto n. 5.626/2005 e, apesar do pouco tempo, pode-se observar o impacto positivo na propagação da língua de sinais e sua influência na busca pelo aprendizado dessa língua.

**Gráfico 42 - Motivação para o aprendizado da Libras**  
Motivo do interesse pela Libras



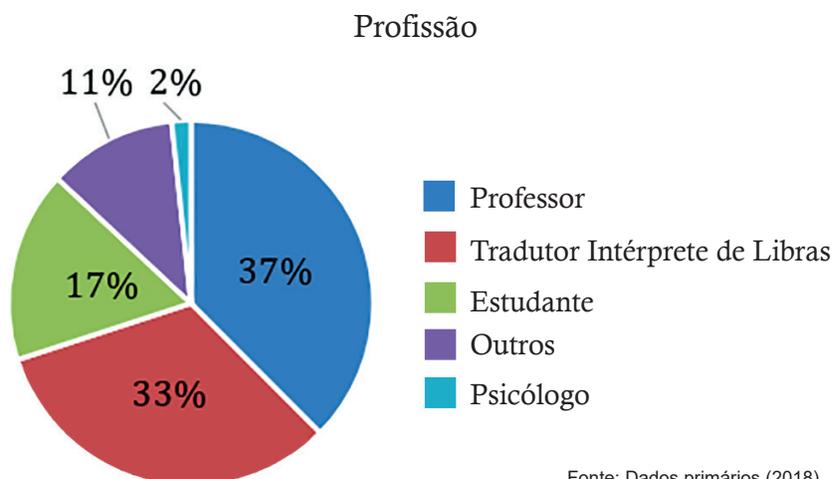
Fonte: Dados primários (2018).

#### 4.3.4 Profissão

A área da educação destaca-se com a maior concentração de profissionais ouvintes usuários da Língua Brasileira de Sinais. De acordo com a pesquisa, 37% dos participantes são professores e 33% atuam como tradutores e intérpretes de Libras. Esse fato vai ao encontro dos dados apresentados anteriormente, os quais indicam que o ambiente escolar é um dos principais contextos de aquisição da língua de sinais por crianças surdas, isto é, esses dois

grupos de profissionais estão entre os principais interlocutores e referência linguística para as crianças surdas no ambiente educacional e podem ser determinantes para o desenvolvimento da linguagem desses sujeitos. Há também 17% dos participantes que se declararam estudantes e 11% que possuem outras profissões, dentre elas: fonoaudiólogo, assistente social, recepcionista, bancário, dentista, servidores públicos, enfermeiro, designer gráfico e advogado. Além disso, 2% dos ouvintes são psicólogos.

**Gráfico 43 - Profissão dos participantes ouvintes**



Fonte: Dados primários (2018).

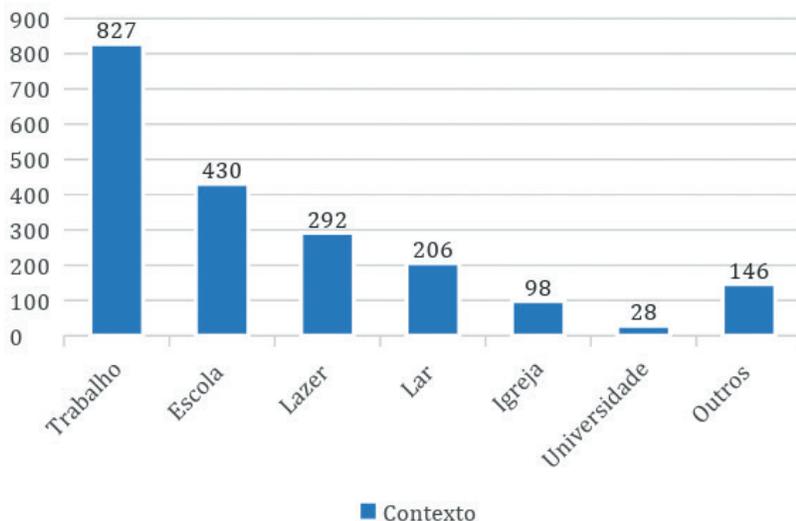
#### 4.3.5 Contexto em que mais usa Libras

O aprendizado da língua de sinais pelos participantes ouvintes ocorreu em idade superior a 18 anos e está, principalmente, relacionado ao aperfeiçoamento profissional. Nesse sentido, esses fatos corroboram para que o trabalho seja o contexto onde os usuários mais utilizam a língua de sinais, sendo, em muitos casos, o único espaço de contato com a comunidade surda e os usuários dessa língua. O ambiente escolar também é destacado como um dos espaços em que a Língua Brasileira de Sinais é mais utilizada pelos ouvintes. Cerca de 13% dos participantes elegeram o lar



como um dos contextos de uso frequente da língua de sinais e esse dado ratifica a informação sobre o ambiente de aprendizagem de 10% dos ouvintes que declararam ter o primeiro contato com a Libras em contato com familiares. Embora o contexto religioso tenha se destacado como o principal espaço de aprendizagem dos usuários ouvintes, ele não foi citado pela maioria dos participantes como o lugar de uso frequente da língua de sinais.

**Gráfico 44 - Contexto de maior utilização da Libras**



Fonte: Dados primários (2018).

### 4.3.6 Surdos na família

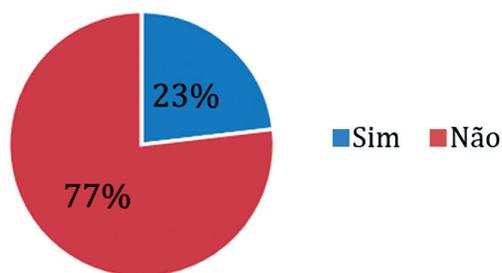
Os usuários ouvintes, em sua maioria, aprenderam a língua de sinais após os 18 anos de idade e em diferentes contextos. Entre os ouvintes, o uso da Língua Brasileira de Sinais no ambiente familiar é algo incomum com exceção dos que nasceram em famílias de pessoas surdas e tiveram acesso à língua de sinais desde a mais tenra idade. O próximo dado ratifica essas informações e



demonstra que cerca de 23% dos participantes ouvintes possuem surdos na família.

**Gráfico 45 - Familiares surdos**

Familiares surdos



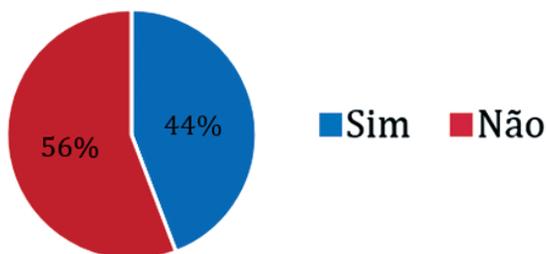
Fonte: Dados primários (2018).

#### 4.3.7 Familiares que sabem Libras

Embora tenham poucos familiares surdos, 44% dos usuários ouvintes afirmaram que outras pessoas da família sabem Libras. Nesse sentido, os dados apontam que uma boa parte desses outros usuários são ouvintes e aprenderam essa língua por motivações similares aos participantes desta pesquisa.

**Gráfico 46 - Libras na família**

Além de você, mais alguém sabe Libras na família?

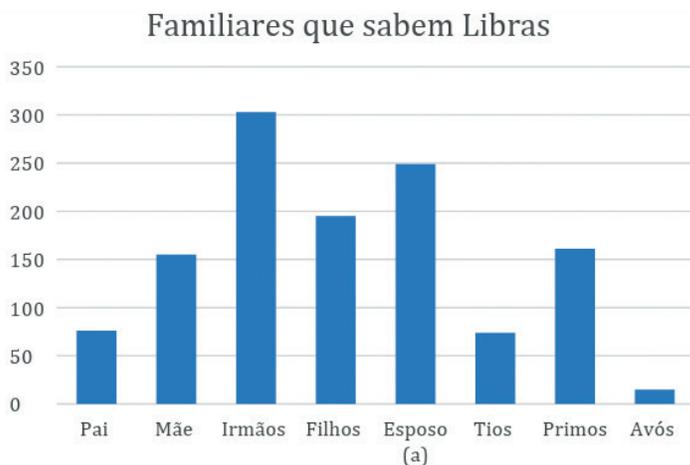


Fonte: Dados primários (2018).



Os usuários ouvintes elencaram os familiares que sabem Língua Brasileira de Sinais e dentre eles, a maioria das respostas se concentrou entre os irmãos, os esposos e os filhos. Por outro lado, uma pequena parcela dos participantes mencionou os avós e os pais como os membros da família que sabem Libras.

**Gráfico 47 - Familiares que sabem Libras**



Fonte: Dados primários (2018).

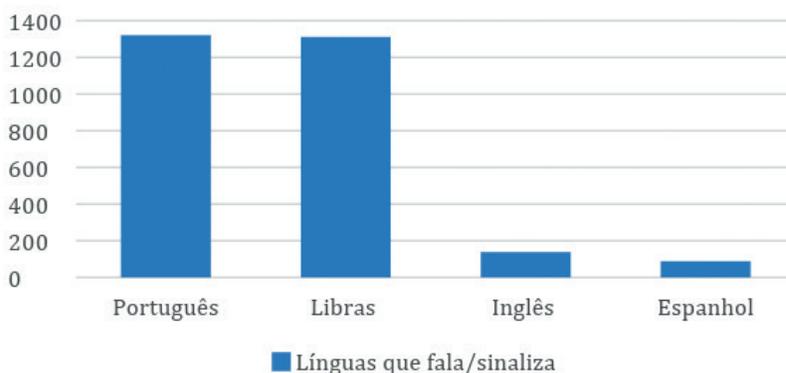
### 4.3.8 Línguas utilizadas pelos usuários ouvintes

Os usuários ouvintes da Língua Brasileira de Sinais são, predominantemente, sujeitos bilíngues uma vez que a aquisição da primeira língua – Língua Portuguesa – acontece naturalmente nos primeiros anos de vida, mesmo em casos de pessoas ouvintes filhas de pais surdos. Sendo assim, a aquisição/aprendizagem da língua de sinais ocorre na maioria dos casos como uma segunda língua, posteriormente ao desenvolvimento da primeira. Essa condição é diferente para os usuários surdos, os quais podem adquirir a Língua Brasileira de Sinais e não desenvolver o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, conforme declarado por grande parte dos usuários surdos que se declararam monolíngues.



A maioria dos ouvintes, por sua vez, afirmou utilizar a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, além de uma pequena parcela ter declarado utilizar o Inglês e Espanhol também.

**Gráfico 48 - Línguas que fala/sinaliza**



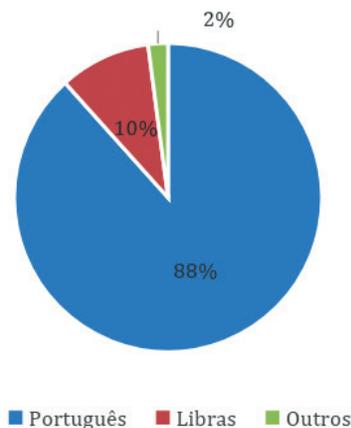
Fonte: Dados primários (2018).

### 4.3.9 Língua utilizada com mais frequência

Em virtude das particularidades inerentes aos dois grupos de usuários da Língua Brasileira de Sinais – ouvintes e surdos – há uma discrepância quanto ao papel que essa língua ocupa no cotidiano desses sujeitos. Embora os participantes ouvintes utilizem a língua de sinais em diferentes contextos, 88% elegem a Língua Portuguesa como a forma de comunicação usada com mais frequência. No entanto, 10% dos ouvintes afirmaram que utilizam mais a Libras no dia a dia e vai ao encontro da porcentagem (10%) de usuários que declararam ter aprendido a língua de sinais no ambiente familiar.

**Gráfico 49 - Língua utiliza com mais frequência pelos usuários ouvintes**

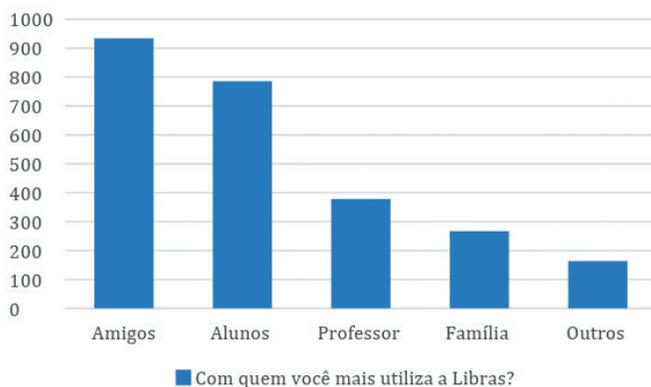
### Língua utilizada com mais frequência



Fonte: Dados primários (2018).

## 4.3.10 Interlocutores da Libras

Os participantes ouvintes afirmaram que os amigos são os principais interlocutores da Língua Brasileira de Sinais. Em seguida, os alunos e professores surgem como as pessoas com quem mais utilizam a língua de sinais e a família é mencionada por um pequeno número de ouvintes.

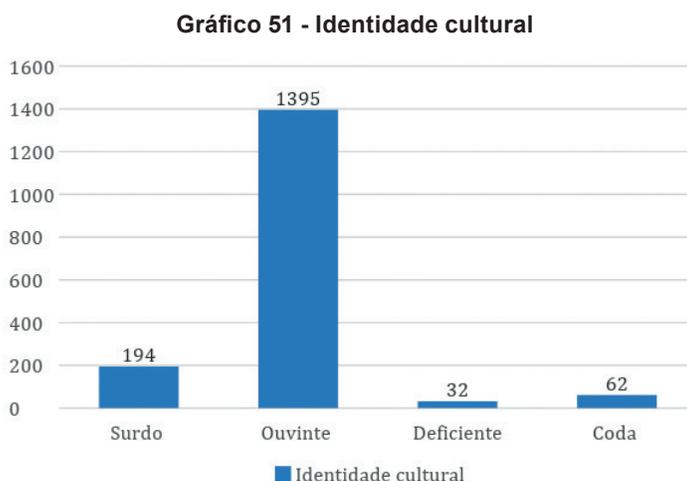
**Gráfico 50 - Interlocutores da Língua Brasileira de Sinais**

Fonte: Dados primários (2018).



### 4.3.11 Identidade cultural

A identidade cultural tem por objetivo compreender como as pessoas que usam a língua de sinais se definem como sujeitos. Conforme exposto anteriormente, foram apresentadas quatro possibilidades de respostas e os participantes poderiam escolher mais de uma resposta: a) surdo; b) ouvinte, c) deficiente e d) coda. A maior parte dos respondentes identificou-se como ouvinte, cerca de 95% dos participantes. Apesar de ser em um número bem menor, alguns participantes se declararam também com identidade surda e isso pode estar relacionado ao papel que a língua de sinais ocupa na vida desse sujeito, além do seu envolvimento com a comunidade surda. Aproximadamente 4% dos usuários se identificaram como Coda (ouvintes filhos de pais surdos) e uma minoria afirmou ser deficiente.



Fonte: Dados primários (2018).

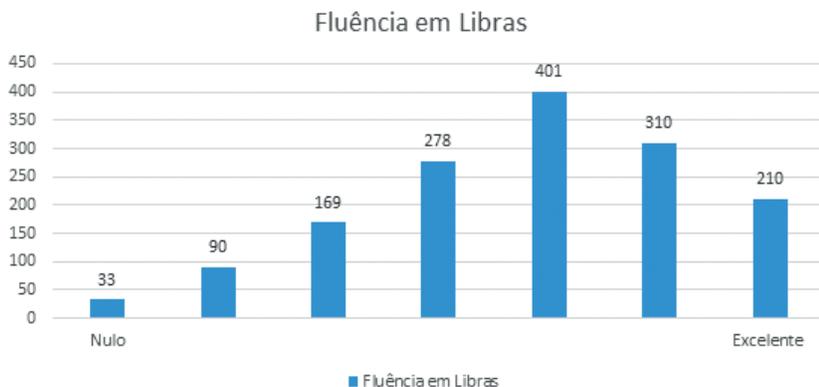
### 4.3.12 Fluência em Libras

Os participantes tinham uma escala de 1 a 7 para escolher uma opção de resposta para mensurar o seu grau de proficiência da



Língua Brasileira de Sinais, sendo que o 1 refere-se ao conhecimento nulo e 7 significa ser excelente na língua de sinais. O resultado apresenta diferentes posições dos ouvintes quanto à autoavaliação do conhecimento linguístico, no qual apenas 14% se consideram excelentes (nível 7) na língua mencionada. O maior número de respostas se concentrou no nível 5, onde 27% dos participantes se avaliaram com uma boa proficiência da língua da língua de sinais e aproximadamente 19% dos ouvintes optaram pela resposta 4, isto é, reconhecem ter um conhecimento intermediário/regular da Língua Brasileira de Sinais.

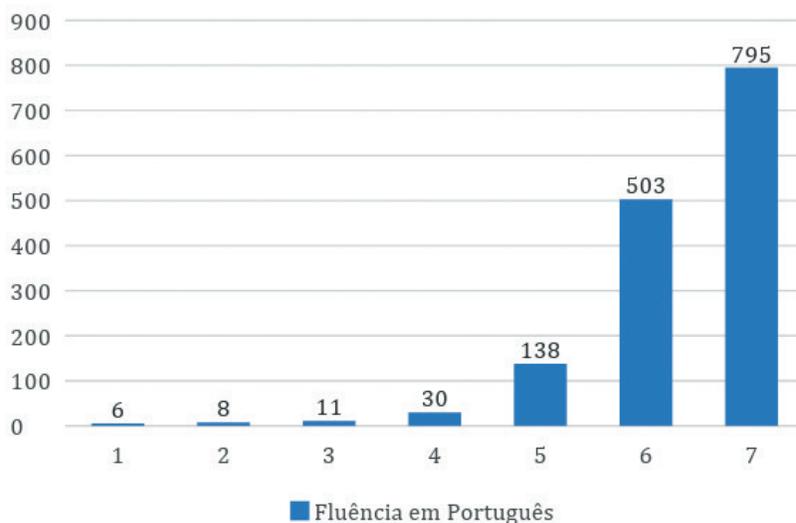
**Gráfico 52 - Fluência em Libras dos usuários ouvintes**



Fonte: Dados primários (2018).

### 4.3.13 Fluência em Português

Da mesma maneira, os participantes ouvintes avaliaram a sua proficiência na primeira língua – Língua Portuguesa – em uma escala de 1 a 7. Assim como na pergunta anterior, os resultados apresentaram diferentes posicionamentos dos usuários ouvintes quanto ao grau de fluência. Cerca de 54% dos respondentes declaram-se excelentes na Língua Portuguesa e, por outro lado, um pequeno número - 0,40% - afirmou ter conhecimento nulo da língua.

**Gráfico 53 - Fluência em Português dos usuários ouvintes**

Fonte: Dados primários (2018).

## 4.4 Atitudes Linguísticas

Nesta seção, serão apresentados os resultados das questões referentes às atitudes linguísticas dos usuários surdos e ouvintes em relação à Língua Brasileira de Sinais. Considerando as especificidades envolvidas nos grupos de falantes dessa língua, faz-se necessário compreender quais atitudes, sentimentos e crenças em relação à língua de sinais e a Língua Portuguesa são trazidas por esses sujeitos. Segundo Gómez Molina (1998), a atitude linguística é um fator decisivo junto à consciência linguística e permite conhecer as reações subjetivas diante da língua e/ou línguas utilizadas pelos falantes.

Os usuários da Língua Brasileira de Sinais representam uma minoria linguística que se difere de quaisquer outras, principalmente pela forma de transmissão dessa língua e pelo processo de aquisição/aprendizagem da linguagem como primeira e segunda língua. Esses aspectos afetam diretamente as atitudes dos falantes em relação à língua de sinais, aos seus usuários, às



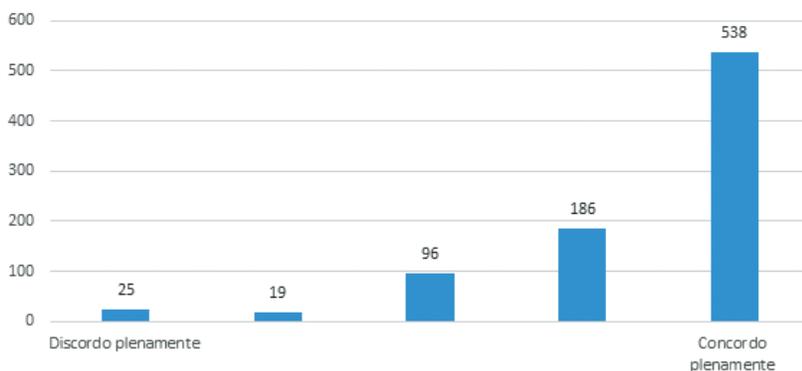
outras línguas utilizadas por eles e até mesmo o *status* e prestígio da Língua Brasileira de Sinais.

Para explorar essas questões, foram apresentadas frases que buscavam investigar as atitudes linguísticas dos falantes e os participantes poderiam escolher a resposta em uma escala de 1 a 5, sendo que o primeiro grau significava “discordo plenamente” e último grau correspondia a “concordo plenamente”. Nessa parte, os resultados dos usuários surdos e ouvintes são apresentados juntamente para que os posicionamentos desses diferentes grupos de falantes possam ser comparados e proporcionem reflexões acerca das atitudes desses sujeitos diante das distintas situações.

A primeira frase apresentada aos participantes pretende avaliar a valoração da língua e a questão da variedade linguística: “Você acha que a língua de sinais que você usa é tão boa quanto a Libras?”. A maior parte dos surdos, cerca de 62%, concorda plenamente com essa afirmativa e reconhecem que a língua de sinais utilizada por eles é uma forma eficaz de comunicação.

**Gráfico 54 - Uso da língua de sinais (Surdos)**

Você acha que a língua de sinais que você usa é tão boa quanto a Libras



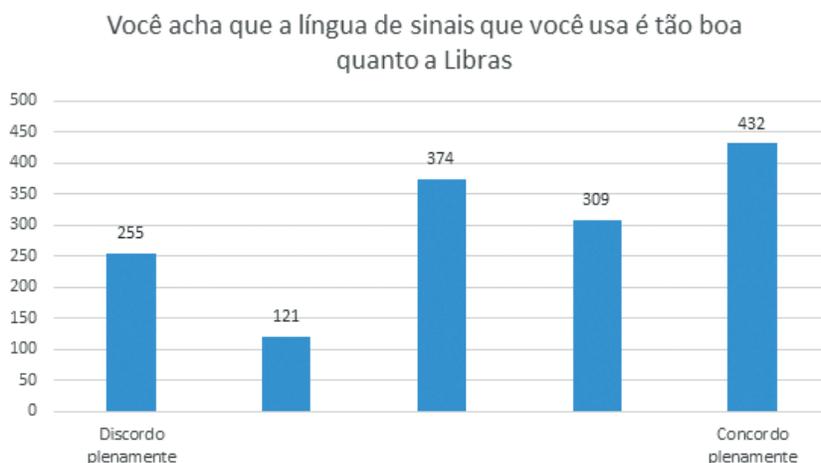
Fonte: Dados primários (2018).

Por outro lado, aproximadamente 29% dos ouvintes concordaram plenamente com a frase apresentada e 17% discordam completamente da afirmativa. Essa diferença entre os



dados dos usuários ouvintes e surdos pode estar relacionado ao fato da Língua Brasileira de Sinais ser a segunda língua para os ouvintes e, em sua maioria, ter sido adquirida após os 18 anos. Esse resultado aponta uma insegurança desses sujeitos em relação à produção em língua de sinais e vai ao encontro da autoavaliação da fluência nessa língua apresentada na seção anterior. Os ouvintes indicaram que a língua de sinais usada por eles não representa necessariamente a Libras. Apesar de vários indicarem que consideram a sua língua de sinais tão boa quanto a Libras (432 respondentes concordam plenamente e 309 concordam), mais 374 ficaram na posição intermediária e os demais variaram entre discordar até plenamente e discordar disso. Esses 374 respondentes parecem não ter segurança em relação a própria língua de sinais, no sentido de realmente a considerarem Libras.

**Gráfico 55 - Uso da língua de sinais (Ouvintes)**



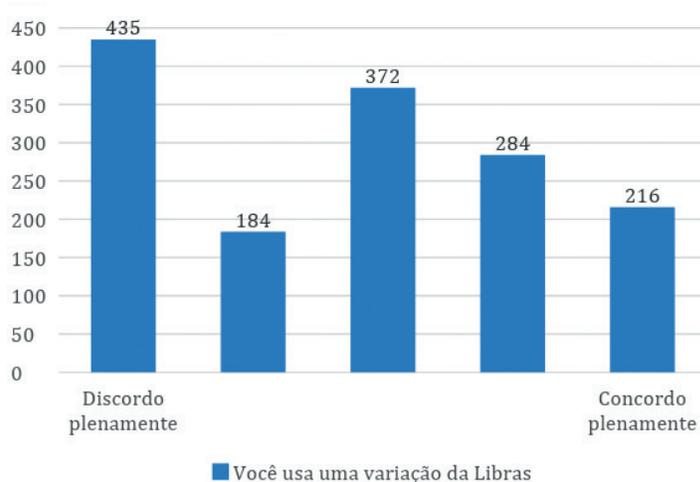
Fonte: Dados primários (2018).

A maioria dos participantes surdos concordou plenamente com o enunciado “Você usa uma variação da Libras”. Essa questão problematiza o tema variedades linguísticas e suscita a reflexão sobre as diferentes formas de manifestação de uma mesma língua, o que é natural das línguas humanas.

**Gráfico 56 - Variação da Libras (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).

Em contrapartida, cerca de 29% dos usuários ouvintes discordaram plenamente de tal afirmativa e 14% concordaram. De certa forma, esse resultado relaciona-se à questão anterior, pois diz respeito à forma como esses falantes lidam com as diferentes produções da língua de sinais.

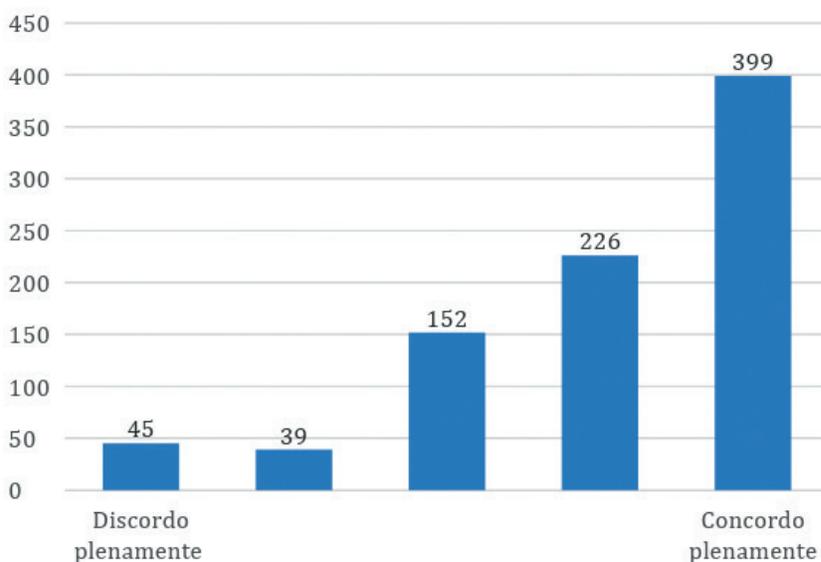
**Gráfico 57 - Variação da Libras (Ouvintes)**

Fonte: Dados primários (2018).



A próxima questão também se relaciona às diferentes manifestações da língua de sinais e, mais uma vez, os surdos concordaram que apesar de cada um sinalizar de uma forma distinta, tudo é Língua Brasileira de Sinais. Dessa forma, esses usuários ratificam o status linguístico da Libras, já que a variação linguística é uma das propriedades inerentes às línguas naturais.

**Gráfico 58 - Diferentes produções em Libras (Surdos)**



■ Todo mundo sinaliza um pouco diferente, mas para você tudo é Libras

Fonte: Dados primários (2018).

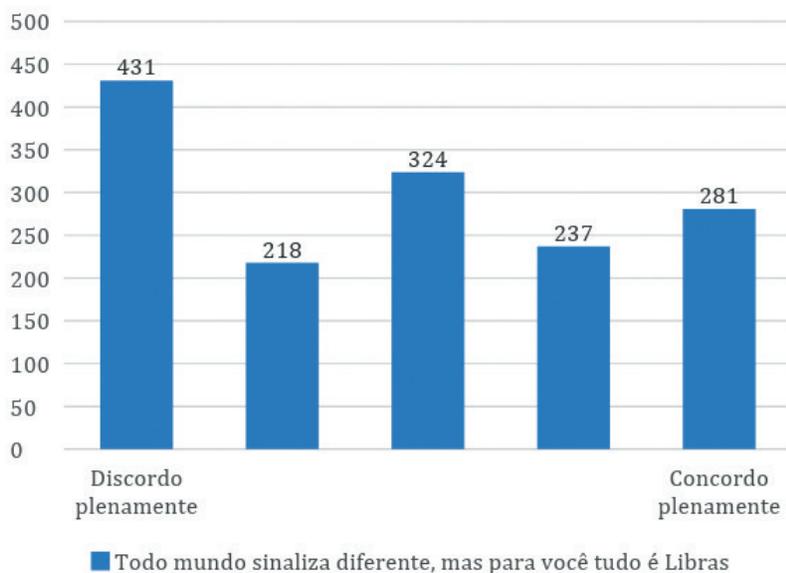
Assim como nas afirmações anteriores, os ouvintes apresentaram um posicionamento distinto dos usuários surdos e cerca de 29% dos participantes elegeram a opção “discordo plenamente” para o enunciado “Todo mundo sinaliza diferente, mas para você tudo é Libras”.

Considerando as respostas antecedentes, pode-se levantar algumas reflexões sobre essas diferenças emergentes entre os usuários surdos e ouvintes: 1) para os usuários que possuem a



Língua Brasileira de Sinais como primeira língua – os surdos – a variação linguística é vista como uma característica comum e natural da língua; e 2) os ouvintes demonstram maior preocupação com a padronização da língua e isso pode ter relação com a Língua Portuguesa - primeira língua desses sujeitos – e que associa fortemente o prestígio linguístico à forma padrão da língua, especialmente em sua modalidade escrita.

**Gráfico 59 - Diferentes produções em Libras (Ouvintes)**



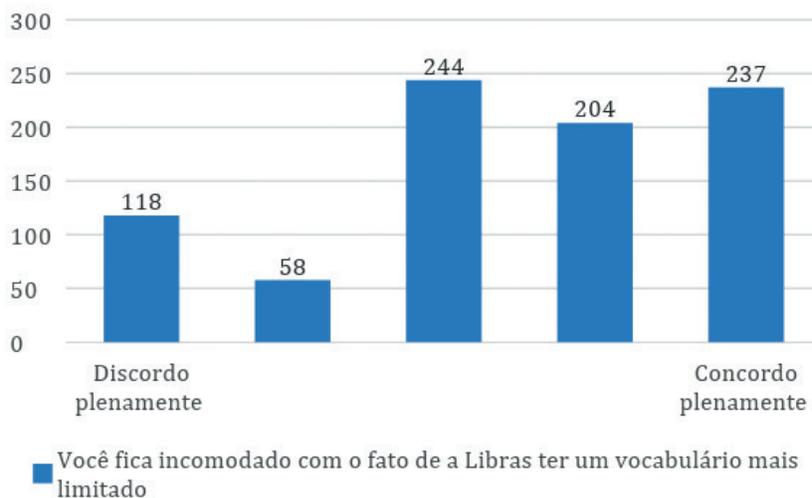
Fonte: Dados primários (2018).

Apesar de os usuários surdos demonstrarem maior conforto nas questões relacionadas à variação linguística, é possível perceber uma certa inconsistência na afirmativa: “Você fica incomodado com o fato de a Libras ter um vocabulário mais limitado”. O predomínio das respostas esteve bem no meio da escala (3) e também se concentrou nas opções que mais se aproximavam da concordância plena com o enunciado. Essa afirmativa carrega duas informações a se considerar: a) a Libras possui um vocabulário mais limitado; e b) o vocabulário limitado gera incômodo aos



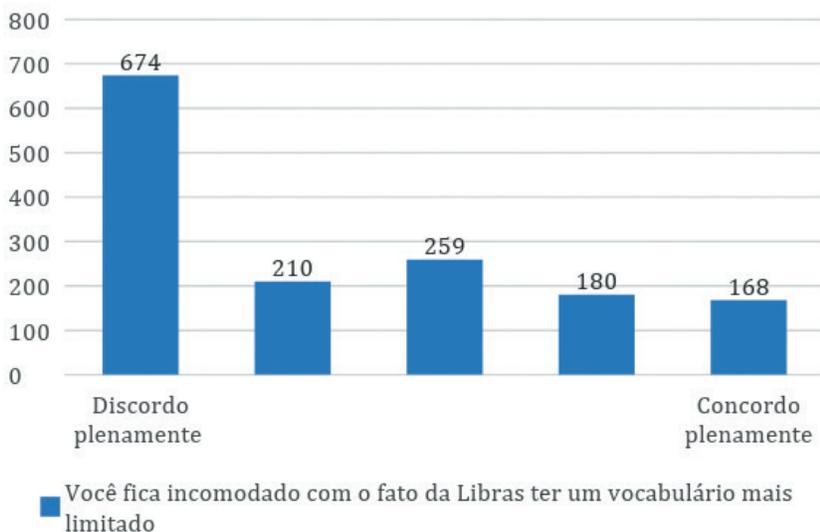
seus usuários. Quando os participantes concordam com a questão supracitada estão, de certo modo, partilhando desses pensamentos.

**Gráfico 60 - Vocabulário da Libras (Surdos)**



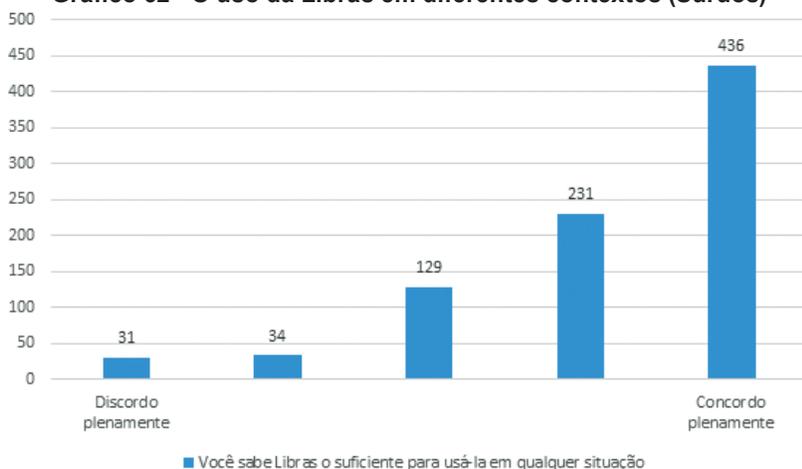
Fonte: Dados primários (2018).

Por outro lado, 45% dos ouvintes discordaram plenamente da afirmativa apresentada. Esse resultado possibilita duas interpretações, onde a primeira indica que os usuários ouvintes não se sentem incomodados com o fato da Libras ter um vocabulário mais limitado, pois discordam plenamente de tal afirmativa. Em contrapartida, essa discordância demonstra que os usuários não veem a existência dessa limitação lexical mencionada.

**Gráfico 61 - Vocabulário da Libras (Ouvintes)**

Fonte: Dados primários (2018).

Aproximadamente 51% dos participantes surdos concordaram com o enunciado “Você sabe Libras para usá-la em qualquer situação”. Para esses usuários, através dessa língua eles podem comunicar-se em quaisquer contextos, sejam aqueles que exijam maior formalidade linguística ou não.

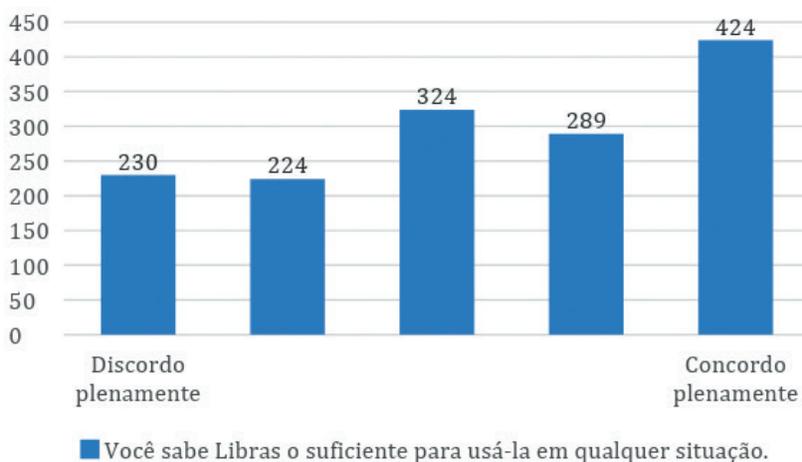
**Gráfico 62 - O uso da Libras em diferentes contextos (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).



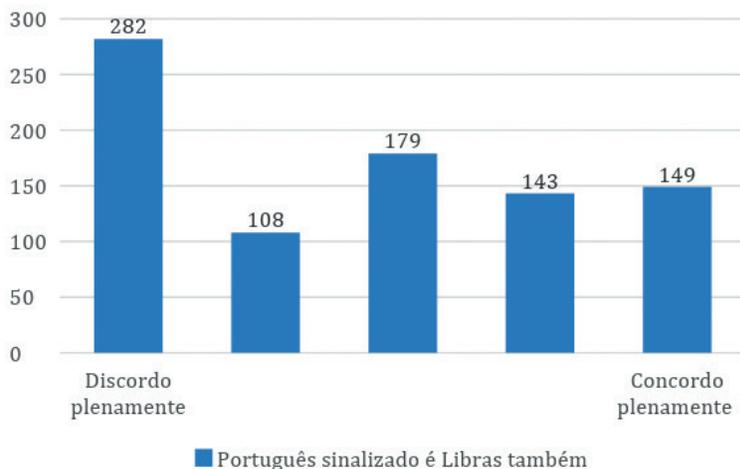
Assim como os surdos, a maior parte dos ouvintes concordam que possuem conhecimento acerca da Libras suficiente para usá-la em qualquer situação. No entanto, a porcentagem é um pouco menor (29% dos ouvintes) se comparada aos surdos e há uma maior distribuição das respostas na escala, inclusive com cerca de 15% que discordam plenamente do enunciado apresentado, ou seja, não se sentem aptos linguisticamente para utilizar a língua de sinais em quaisquer contextos.

**Gráfico 63 - O uso da Libras em diferentes contextos (Ouvintes)**



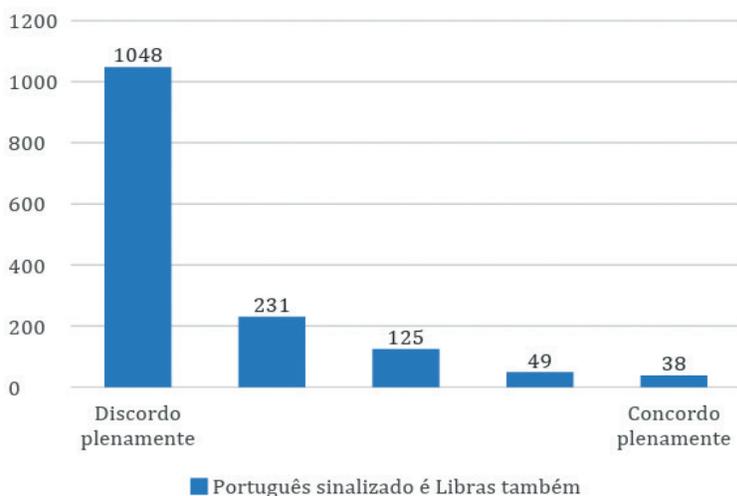
Fonte: Dados primários (2018).

A Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa são duas línguas que coexistem e estão presentes no cotidiano dos usuários da língua de sinais, especialmente dos ouvintes. Por conta dessa proximidade, é comum que muitas vezes a produção em língua de sinais sofra influência da língua portuguesa de tal forma que os aspectos gramaticais da língua de modalidade oral/auditiva se façam presentes e ocasionem o chamado “português sinalizado”. Nessa pesquisa, grande parte dos usuários surdos demonstrou não aprovar esse tipo de produção e discordaram plenamente da afirmativa: “O Português sinalizado é Libras também”.

**Gráfico 64 - Português sinalizado (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).

Entre os ouvintes, a manifestação contrária ao enunciado também se sobressaiu e 70% dos participantes discordaram totalmente da questão apresentada. Esse resultado demonstra a consciência desses usuários quanto às diferenças gramaticais das duas línguas.

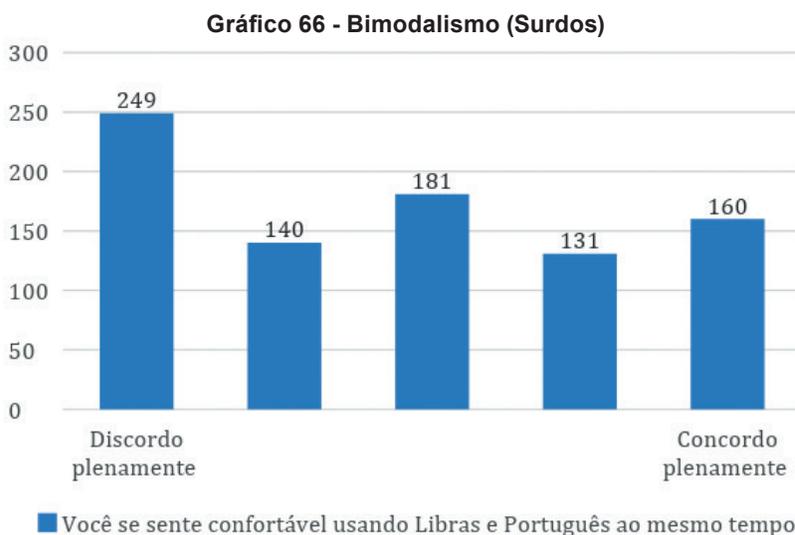
**Gráfico 65 - Português sinalizado (Ouvintes)**

Fonte: Dados primários (2018).



Uma outra questão muito discutida pela comunidade surda é o uso concomitante da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais – o bimodalismo. Essa prática foi adotada por muito tempo na educação de surdos, pois se acreditava que utilizar todas as formas de comunicação era a melhor estratégia na prática de ensino. No entanto, tal metodologia não alcançou os resultados esperados através do uso simultâneo intencional das duas línguas de modalidades diferentes. Esse tipo de produção é visto como sistema artificial considerado inadequado, pois desconsidera a riqueza estrutural da língua de sinais e também desestrutura o português (Quadros, 1997).

Sendo assim, a próxima afirmativa busca avaliar a posição dos usuários surdos quanto à prática mencionada: “Você se sente confortável usando Libras e Português ao mesmo tempo”. A maioria dos surdos – em torno de 29% - discordou plenamente da frase, mesmo assim é possível perceber que entre os surdos há uma divisão de opinião acerca do uso das duas línguas simultaneamente, já que a porcentagem nas outras opções de respostas variou entre 15% e 21%.

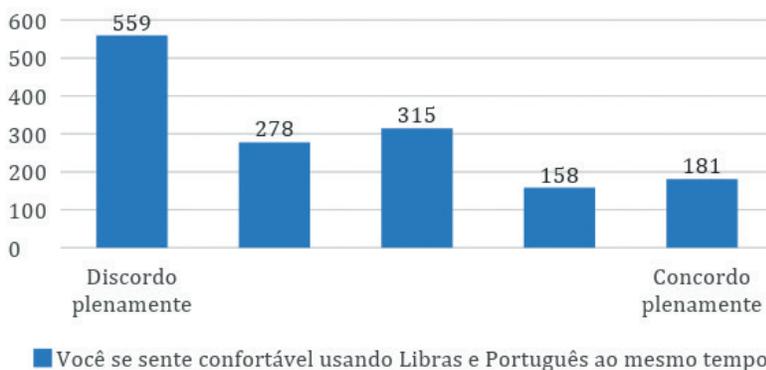


Fonte: Dados primários (2018).



Assim como os surdos, a maior parte dos usuários ouvintes não se sente confortável em usar a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa ao mesmo tempo. Dos 1.491 respondentes, 559 discordaram plenamente da afirmativa, o que equivale a aproximadamente 37% dos participantes. Entre os surdos, essa porcentagem foi menor e houve um maior equilíbrio nas outras opções de respostas. De certa forma, esses resultados indicam que os ouvintes se sentem mais incomodados com o uso das duas línguas simultaneamente. Além do mais, como aprendizes da Libras como segunda língua, esses usuários demonstram consciência das diferenças linguísticas entre as duas línguas e percebem que a produção conjunta pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua de sinais, haja vista a impossibilidade de preservar as estruturas das línguas quando produzidas ao mesmo tempo (Ferreira-Brito, 1993 apud Quadros, 1997).

**Gráfico 67 - Bimodalismo (Ouvintes)**



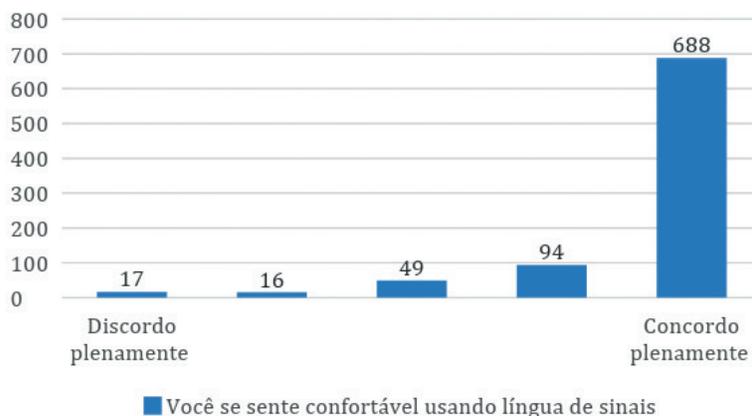
Fonte: Dados primários (2018).

O enunciado a seguir buscava avaliar o conforto linguístico dos usuários surdos com relação ao uso da Língua Brasileira de Sinais: “Você se sente confortável usando língua de sinais”. Essa questão do conforto está associada à liberdade de utilizar uma forma de comunicação sem limitações e sentir-se à vontade para



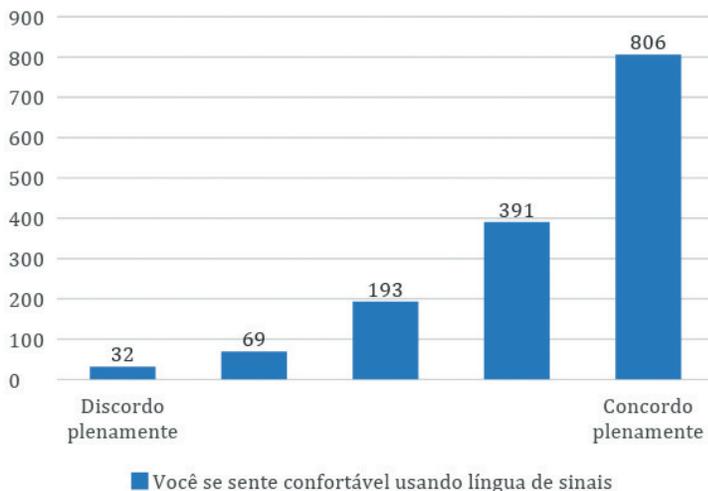
usá-la em diferentes contextos. De acordo Santiago e Andrade (2013), o conforto linguístico relaciona-se à situação de uma pessoa que se comunica com o mundo, por meio de uma língua que lhe é natural e que lhe dá condições de entender e interpretar o mundo de maneira completa e significativa. Sendo assim, 80% dos participantes surdos da pesquisa afirmaram que se sentem confortáveis em utilizar a língua de sinais e essa alta porcentagem está associada, principalmente, ao fato dessa ser a primeira língua desses indivíduos.

**Gráfico 68 - Conforto linguístico – Libras (Surdos)**



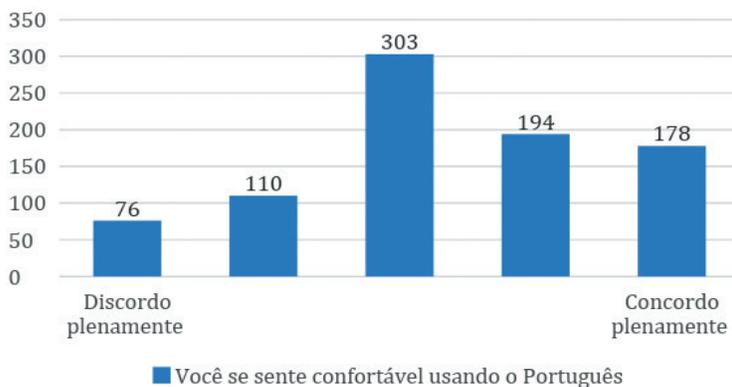
Fonte: Dados primários (2018).

Da mesma forma, a maior parte dos usuários ouvintes demonstrou se sentir confortável com o uso da língua de sinais, cerca de 54% dos usuários. No entanto, esse número é inferior à porcentagem dos surdos, o que pode ser explicado em razão da Língua Brasileira de Sinais ser a segunda língua desses sujeitos.

**Gráfico 69 - Conforto linguístico – Libras (Ouvintes)**

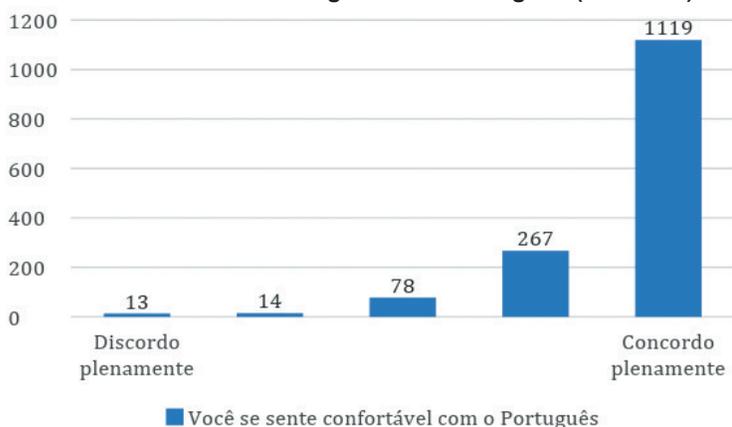
Fonte: Dados primários (2018).

Além do conforto linguístico referente à língua de sinais, a presente pesquisa buscou avaliar essa relação dos surdos e ouvintes com a Língua Portuguesa. Embora o Inventário tenha como proposta documentar a língua de sinais, não se pode desconsiderar a Língua Portuguesa desse processo, pois esse grupo de usuários possui uma relação bastante peculiar com as duas línguas, em virtude do processo de aquisição/aprendizagem de cada uma delas. Para os surdos, a Língua Portuguesa é uma segunda língua e foi constatado nesta pesquisa que apenas 12% concordam plenamente com a afirmativa sobre se sentir confortável usando essa língua. A maior parte das respostas se concentrou na opção 3 (cerca de 35%), a qual indica a imparcialidade dos surdos quanto ao uso da Língua Portuguesa. Além disso, este dado também evidencia o *status* bilíngue dos surdos participantes desta pesquisa.

**Gráfico 70 - Conforto linguístico – Português (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).

Por outro lado, 75% dos ouvintes se sentem plenamente confortáveis em usar a Língua Portuguesa. É interessante destacar que essa porcentagem se aproxima ao número de surdos que declararam conforto linguístico na primeira língua – Língua Brasileira de Sinais. Conseqüentemente, esses resultados indicam que mesmo que os ouvintes tenham demonstrado um resultado positivo quanto ao uso da língua de sinais, é normal que a primeira língua desperte maior segurança para os seus usuários, isto é, o conforto linguístico da primeira língua demonstra-se superior ao da segunda, independente das línguas envolvidas.

**Gráfico 71 - Conforto linguístico – Português (Ouvintes)**

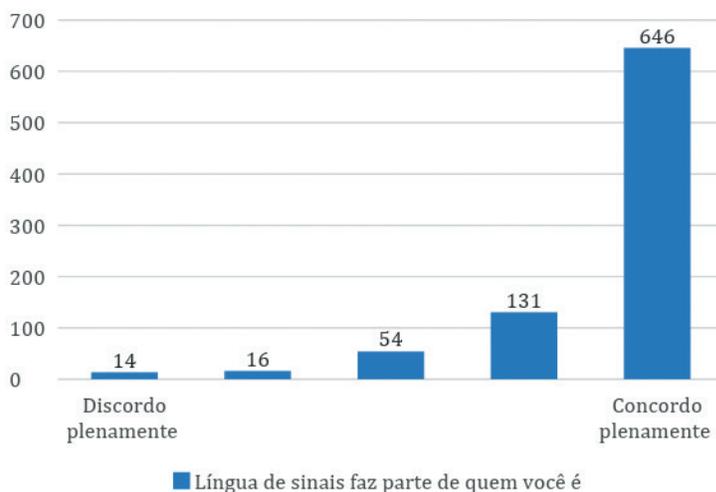
Fonte: Dados primários (2018).



A constituição do sujeito está diretamente atrelada ao desenvolvimento da linguagem, pois é através dela que atribuímos significações ao mundo e construímos nossas representações e concepções. De acordo com Goldfeld (1997), a linguagem é tudo que envolve significação e que tem valor semiótico e não pode ser vista somente como uma forma de comunicação, pois é através dela que o indivíduo constitui o seu pensamento. Partindo dessa concepção, o próximo enunciado busca explorar como os usuários surdos e ouvintes se sentem em relação à língua de sinais.

Aproximadamente 75% dos surdos concordaram com a afirmativa: “Língua de Sinais faz parte de quem você é”. Esse resultado indica que para esses usuários há uma consciência do papel da linguagem na sua constituição como sujeito e nas relações que são estabelecidas com o mundo a partir da significação linguística. De certa forma, ratificam a importância da Língua Brasileira de Sinais para a construção da identidade, especialmente pelo fato dessa ser a primeira língua desses sujeitos.

**Gráfico 72 - Língua de sinais e constituição do sujeito (Surdos)**

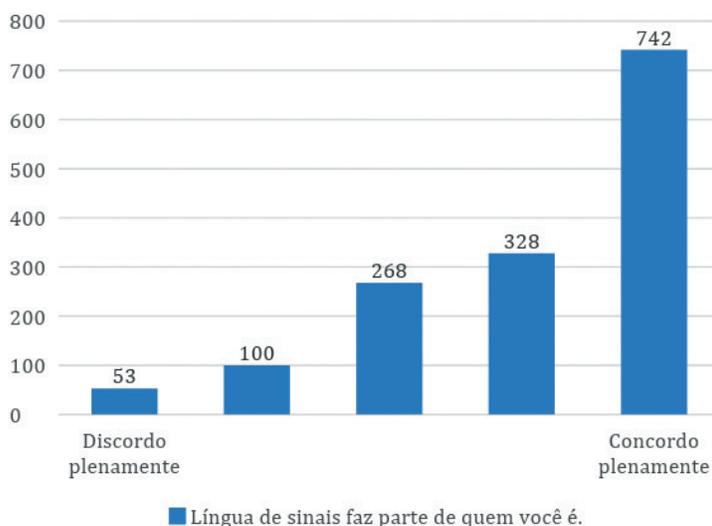


Fonte: Dados primários (2018).



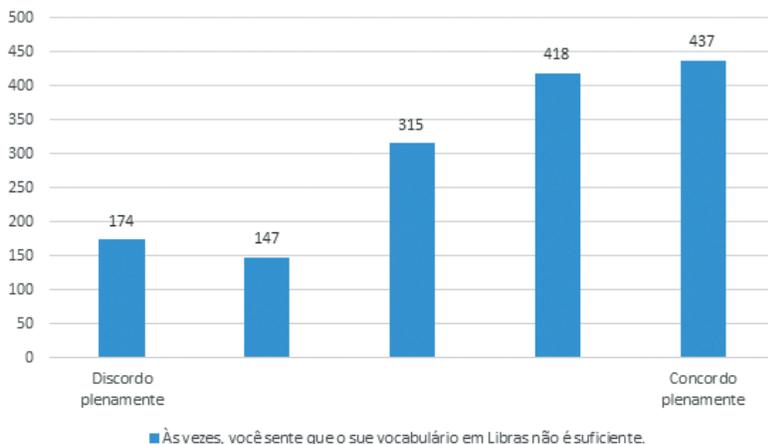
Para os usuários ouvintes, a Língua Brasileira de Sinais é uma segunda língua. No entanto, esse fato parece não afetar diretamente a forma como a língua de sinais é concebida para esses participantes. Cerca de 50% dos respondentes do questionário concordam plenamente com a questão apresentada: “A língua de sinais faz parte de quem você é”. Mesmo sendo uma segunda língua, evidencia-se o quanto o desenvolvimento da linguagem está intrinsecamente ligado à constituição do sujeito.

**Gráfico 73 - Língua de sinais e constituição do sujeito (Ouvintes)**



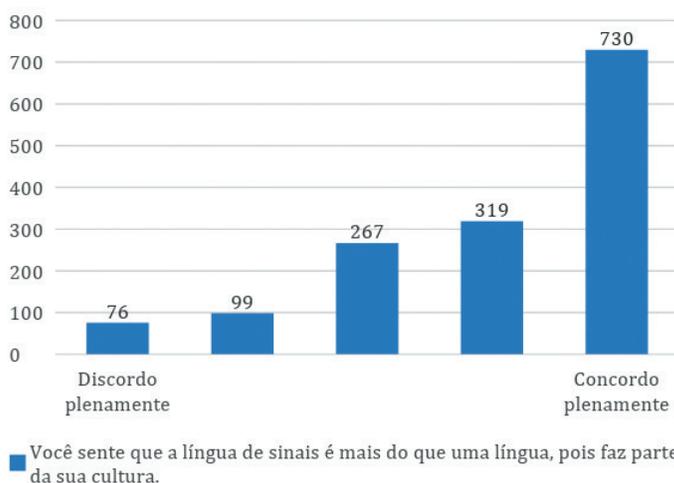
Fonte: Dados primários (2018).

Para grande parte dos participantes surdos, cerca de 80%, a língua de sinais faz parte da sua cultura. Esse dado vai ao encontro da questão apresentada anteriormente e demonstra que para os surdos a língua de sinais é fundamental para a constituição do sujeito e faz parte da sua cultura.

**Gráfico 74 - Língua de sinais e cultura (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).

A maioria dos participantes ouvintes também concordou com a afirmativa sobre a língua de sinais ser mais que uma língua, isto é, faz parte da sua cultura. Cerca de 49% dos usuários tiveram esse posicionamento e um pequeno número discordou, apenas 8,8% dos ouvintes.

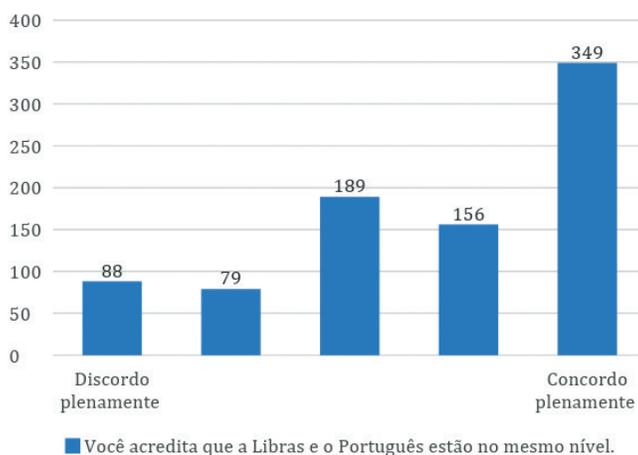
**Gráfico 75 - Língua de sinais e cultura (Ouvintes)**

Fonte: Dados primários (2018).



As línguas de sinais tiveram o seu status linguístico reconhecido a partir dos estudos de William Stokoe na década de 1960. Por muito tempo, essas línguas eram vistas como uma forma de linguagem sem estrutura própria e inferiores às línguas orais, mas através dessas primeiras pesquisas foram comprovadas que elas possuem estruturas equivalentes às línguas orais, mesmo com as especificidades inerentes às modalidades. No entanto, o prestígio atribuído às línguas orais é muito presente em nossa sociedade e pode estar relacionado também com a modalidade escrita dessas línguas. Esse ponto de vista também é compartilhado por alguns usuários da língua de sinais, uma vez que menos da metade – 41% - dos participantes da pesquisa concordaram que a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa estão no mesmo nível. Em uma escala de 1 a 5, cerca de 22% dos surdos escolheram a opção 3 nessa afirmativa, o que demonstra que eles não têm uma posição formada sobre o assunto. Além disso, aproximadamente 10% dos surdos discordaram da afirmativa apresentada, isto é, eles não acreditam que a Libras e o Português estejam no mesmo nível.

**Gráfico 76 - Reconhecimento dos aspectos linguísticos da Libras e Português (Surdos)**

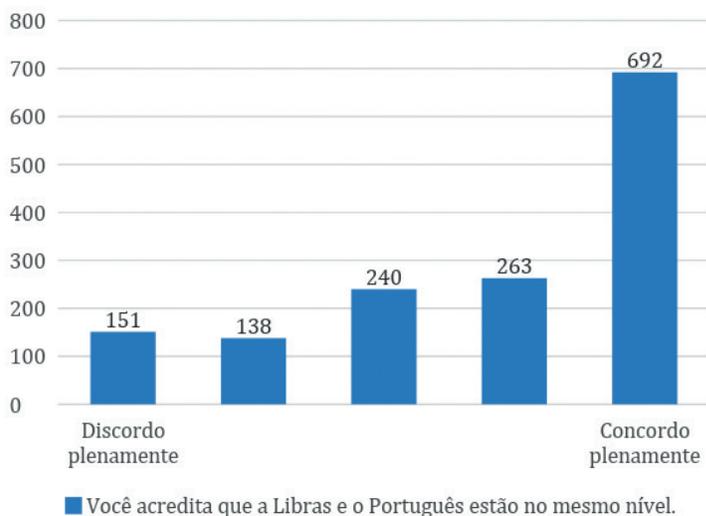


Fonte: Dados primários (2018).



Entre os ouvintes, a porcentagem de participantes que acreditam que a Libras e o Português estão no mesmo nível é bastante similar a dos participantes surdos, em torno de 46% dos respondentes. Assim como os surdos, a maior concentração de respostas está entre a opção 3 e 5, mas há uma minoria de ouvintes que discorda e acredita que as duas línguas mencionadas não estão no mesmo nível, cerca de 6% dos participantes.

**Gráfico 77 - Reconhecimento dos aspectos linguísticos da Libras e Português (Ouvintes)**



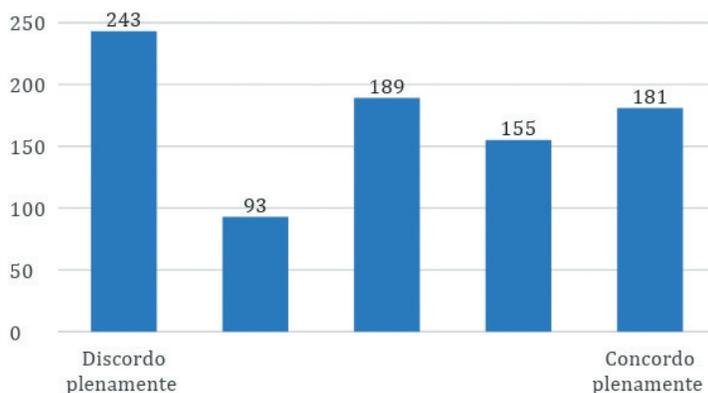
Fonte: Dados primários (2018).

Na próxima questão, é possível perceber que há uma compreensão imprecisa acerca do status linguístico das duas línguas – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Os participantes surdos apresentaram respostas divergentes na afirmativa: “Você pensa que o Português tem mais detalhes que a Libras”, sendo que 21% dos surdos concordaram plenamente com o enunciado supracitado e 28% discordaram completamente dessa questão. A diferença entre essas duas opções extremas é mínima, o que permite constatar que apesar de reconhecerem a legitimidade linguística da primeira língua, há ainda uma



concepção acerca da Língua Portuguesa como uma forma de comunicação superior à Libras.

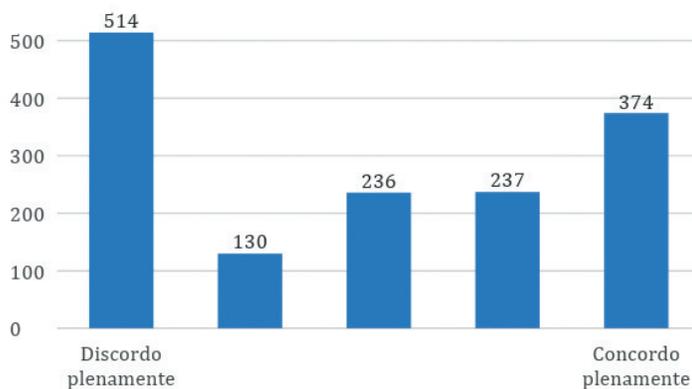
**Gráfico 78 - Posicionamento acerca da Língua Portuguesa (Surdos)**



Fonte: Dados primários (2018).

O resultado dos participantes ouvintes é similar ao dos surdos, sendo que 25% concordam que o Português tem mais detalhes que a Libras e 34% discordam dessa afirmativa. Assim como os surdos, a diferença entre as respostas é pequena e há uma maior concentração entre as opções 3 e 5.

**Gráfico 79 - Posicionamento acerca da Língua Portuguesa (Ouvintes)**

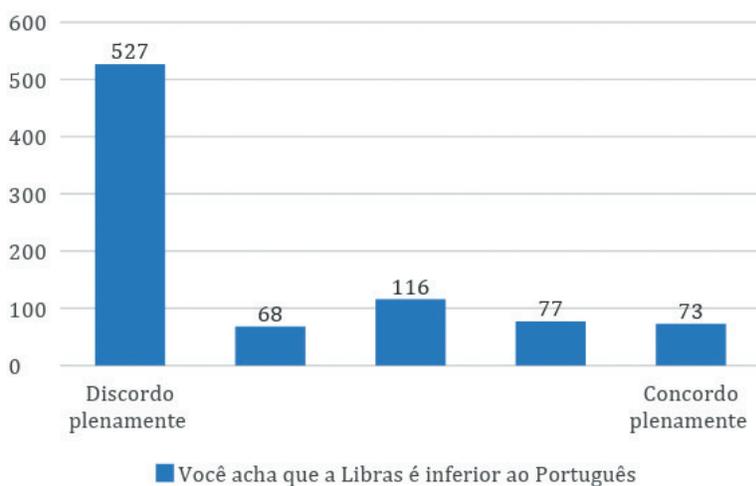


Fonte: Dados primários (2018).



Para 61% dos participantes surdos, a Libras não é inferior ao Português. Esse número é bastante expressivo em comparação com a questão anterior e demonstra que mesmo acreditando que o Português apresente mais detalhes que a Libras, esses usuários não a veem como uma língua inferior. Entretanto, cerca de 8% dos surdos concordam completamente com tal afirmativa.

**Gráfico 80 - Posicionamento acerca da Língua Brasileira de Sinais (Surdos)**

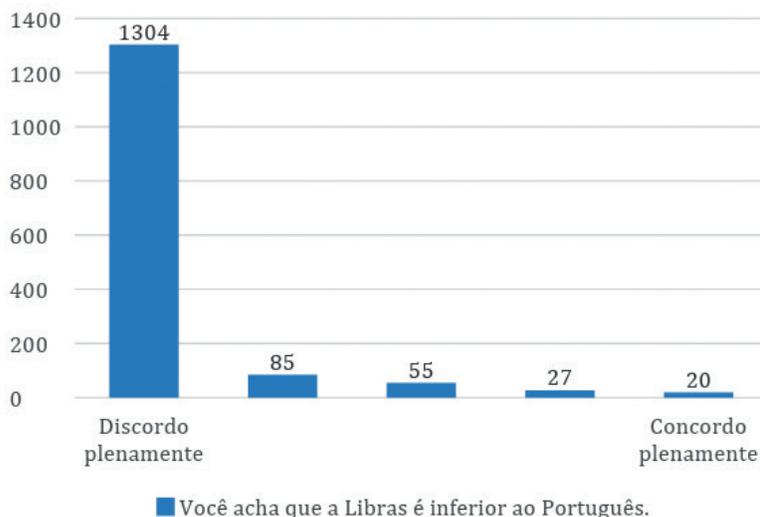


Fonte: Dados primários (2018).

Aproximadamente 87% dos usuários ouvintes discordaram da afirmativa “Você acha que a Libras é inferior ao Português” e apenas 1% concordou com esse enunciado. Nesse caso, o resultado foi bastante expressivo e indica que os ouvintes possuem consciência das especificidades inerentes às duas línguas. Além disso, percebem que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua com características equivalentes às línguas orais.



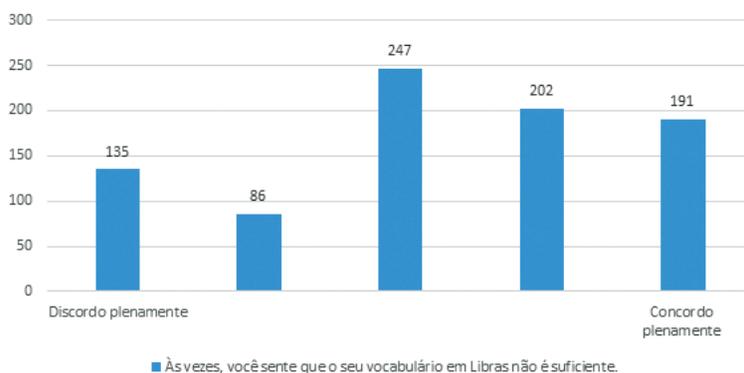
**Gráfico 81 - Posicionamento acerca da Língua Brasileira de Sinais (Ouvintes)**



Fonte: Dados primários (2018).

O próximo dado mostra como os usuários surdos se sentem em relação ao uso da língua de sinais: “Às vezes, você sente que o seu vocabulário em Libras não é suficiente”. O maior número de respostas na escala de 1 a 5 se concentrou na opção 3, cerca de 29% dos surdos. Além disso, 22% dos participantes concordaram com o enunciado e 16% discordaram plenamente.

**Gráfico 82 - Vocabulário insuficiente na língua de sinais (Surdos)**

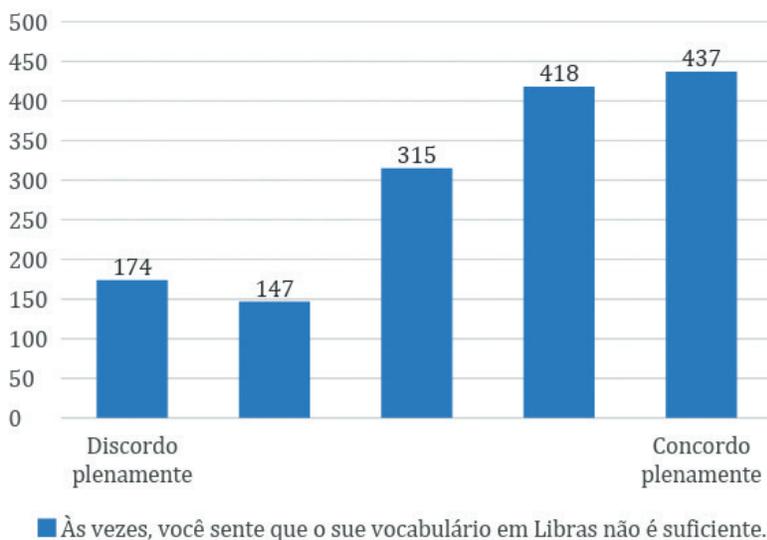


Fonte: Dados primários (2018).



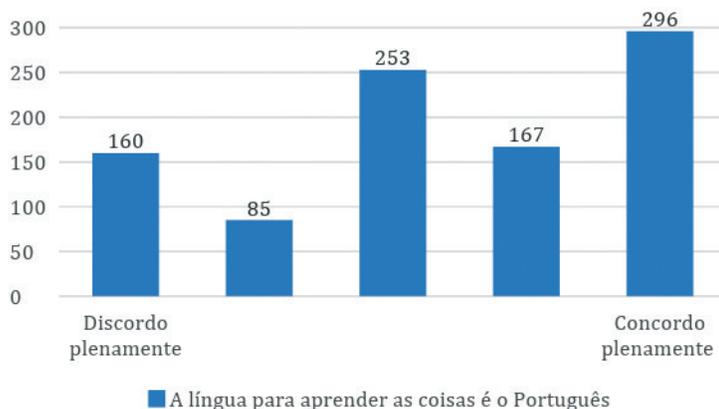
Entre os usuários ouvintes, ocorreu uma maior predominância da opção 5, em torno de 29%. Esse resultado indica que esse número de participantes sente que, em alguns casos, o vocabulário em Libras não é suficiente e isso pode ser associado ao fato dessa ser uma segunda língua para a maioria desses sujeitos. Apenas 11% discordaram da afirmativa.

**Gráfico 83 - Vocabulário insuficiente em língua de sinais (Ouvintes)**



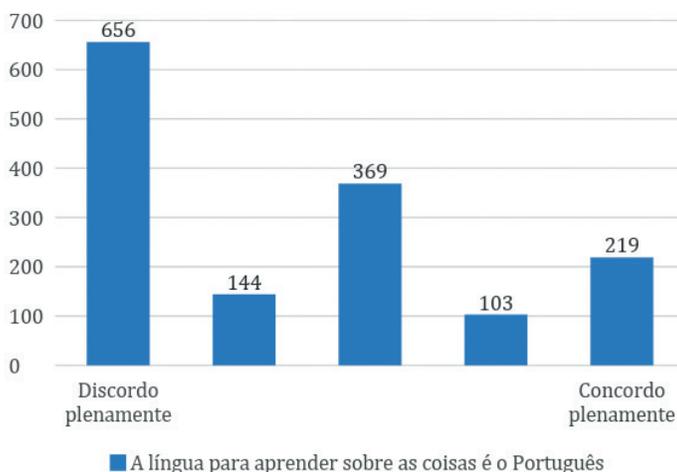
Fonte: Dados primários (2018).

A maior parte dos participantes surdos – cerca de 34% - concordou plenamente com o enunciado “A língua para aprender as coisas é o Português”. De certo modo, esse dado assevera algumas questões discutidas previamente acerca do prestígio dessa língua na sociedade brasileira e também para a comunidade surda, pelo fato de ser a língua oficial e majoritária em nosso país. Para os surdos, a Língua Portuguesa (modalidade escrita) parece estar em um patamar superior e isso se deve ao discurso propagado por muitos anos, aquele que coloca a escrita como um fator indispensável para o desenvolvimento desses sujeitos.

**Gráfico 84 - Português como língua para aprender coisas (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).

Ao contrário dos surdos, aproximadamente 77% dos participantes ouvintes discordam totalmente que a língua para aprender as coisas é o Português. De certo modo, isso indica que esses usuários dissociam os papéis das línguas envolvidas no processo de aprendizagem e, sobretudo, são isentos de uma experiência secular de opressão em relação à Língua Portuguesa.

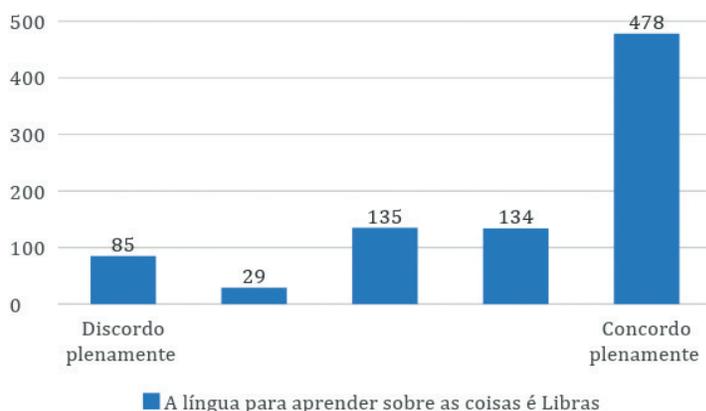
**Gráfico 85 - Português como língua para aprender coisas (Ouvintes)**

Fonte: Dados primários (2018).



Do mesmo modo, a maior parte dos participantes (55%) concordou completamente que a língua para aprender sobre as coisas é a Língua Brasileira de Sinais. Logo, esse resultado demonstra que eles percebem as duas línguas como fundamentais para o aprendizado.

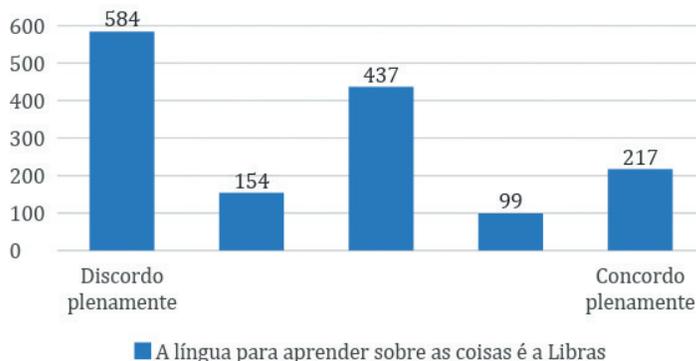
**Gráfico 86 - Libras como língua para aprender coisas (Surdos)**



Fonte: Dados primários (2018).

Em contrapartida, 68% discordaram plenamente que a Libras é a língua para aprender sobre as coisas. Assim como no enunciado anterior, acerca do Português, a maioria dos usuários não concorda com as afirmativas que colocam uma ou outra língua como sendo a única que possibilita o aprendizado.

**Gráfico 87 - Libras como língua para aprender coisas (Ouvintes)**

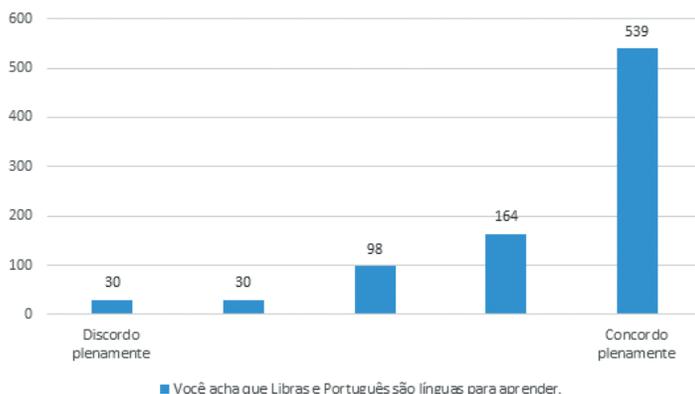


Fonte: Dados primários (2018).



O resultado a seguir corrobora com os dados apresentados anteriormente, uma vez que 63% concordam que a Libras e o Português são línguas para aprender sobre as coisas.

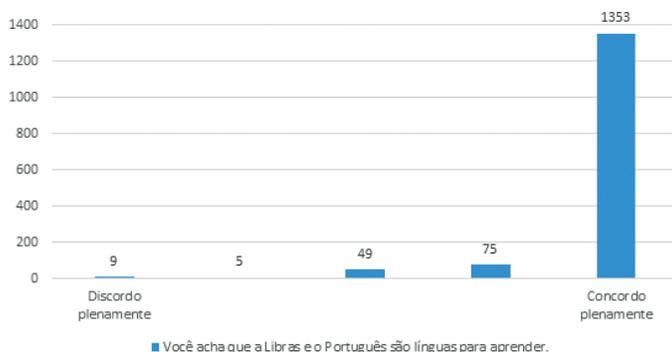
**Gráfico 88 - Libras e Português como línguas para aprender coisas (Surdos)**



Fonte: Dados primários (2018).

Os ouvintes discordaram das duas questões apresentadas justamente por compreenderem que a Libras e o Português podem ser línguas utilizadas para aprender, isto é, qualquer uma é capaz de proporcionar ao sujeito o desenvolvimento da aprendizagem e, muitas vezes, a escolha por uma das duas está mais relacionada ao conforto linguístico do que pela língua envolvida nesse processo. Sendo assim, 91% concordaram com essa afirmativa.

**Gráfico 89 - Libras e Português como línguas para aprender coisas (Ouvintes)**

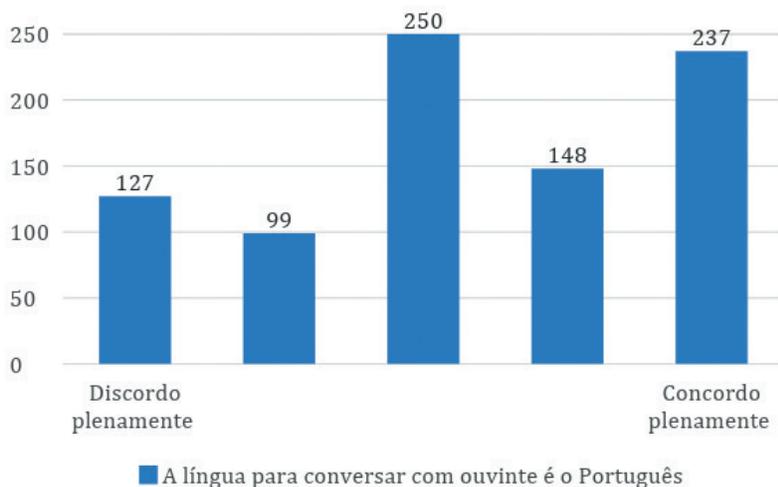


Fonte: Dados primários (2018).



As questões que envolvem a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais são recorrentes na comunidade surda, isso porque essas duas línguas coexistem no cotidiano desses sujeitos. Sendo assim, é comum que existam alguns entendimentos quanto ao uso e à função dessas formas de comunicação no cotidiano dos sujeitos ouvintes e surdos, usuários da Libras. Para 29% dos participantes surdos, não há uma resposta definitiva quanto à língua que deve ser utilizada para se comunicar com ouvintes e isso deve ser pelo fato de enxergarem esses sujeitos como pessoas cujas línguas podem transitar e optar por quaisquer línguas. No entanto, há um número maior de surdos – cerca de 27,5% – que vê o Português como a forma de comunicação para conversar com ouvintes, enquanto 15% discordam desse ponto de vista.

**Gráfico 90 - Português como língua para conversar com os ouvintes (Surdos)**

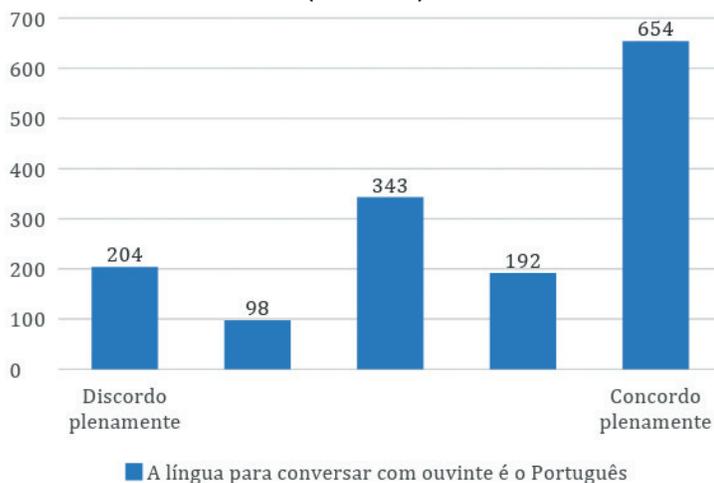


Fonte: Dados primários (2018).

Por outro lado, entre os ouvintes há uma concepção pela maioria de que o Português é a língua utilizada para conversar com ouvintes, cerca de 44% dos participantes escolheram a opção 5 (concordo plenamente).



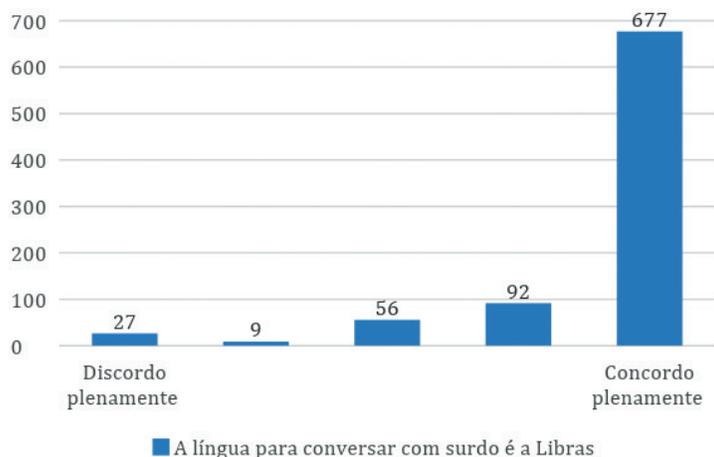
**Gráfico 91 - Português como língua para conversar com os ouvintes (Ouvintes)**



Fonte: Dados primários (2018).

Quanto à língua utilizada para conversar com surdos, cerca de 79% dos participantes surdos concordaram que a Libras seria a forma de comunicação ideal. Nesse caso, a maioria entende que a língua de sinais é aquela que proporciona conforto linguístico aos surdos e maior possibilidade de expressão em quaisquer contextos.

**Gráfico 92 - Libras como a língua utilizada conversar com os surdos (Surdos)**

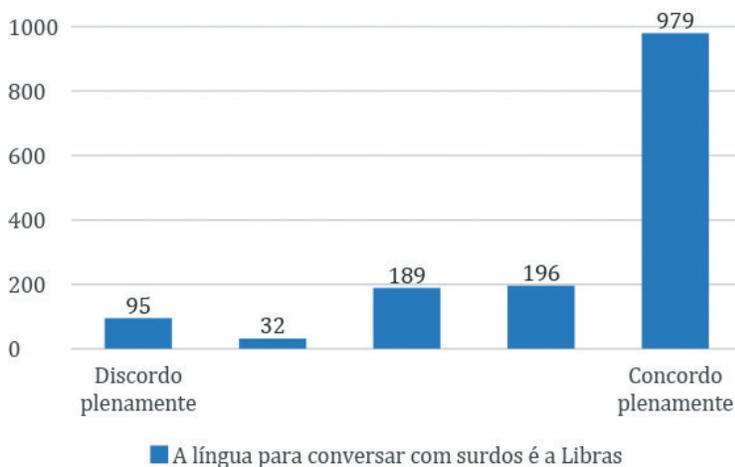


Fonte: Dados primários (2018).



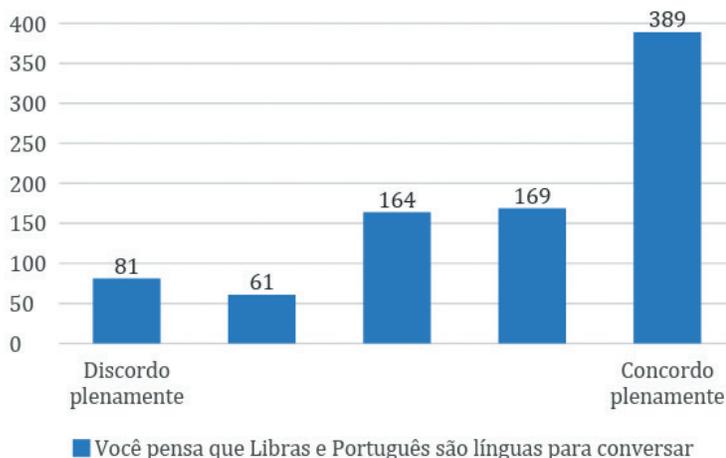
Da mesma forma, os ouvintes consideram que a língua para conversar com os surdos é a Língua Brasileira de Sinais, uma vez que 66% dos participantes concordaram plenamente com essa afirmativa. Mais uma vez, esse resultado parece estar relacionado ao fato desses usuários compreenderem que a Libras é a primeira língua dos sujeitos surdos e, conseqüentemente, a forma de comunicação que melhor atende às suas especificidades linguísticas.

**Gráfico 93 - Libras como a língua utilizada conversar com os surdos (Ouvintes)**



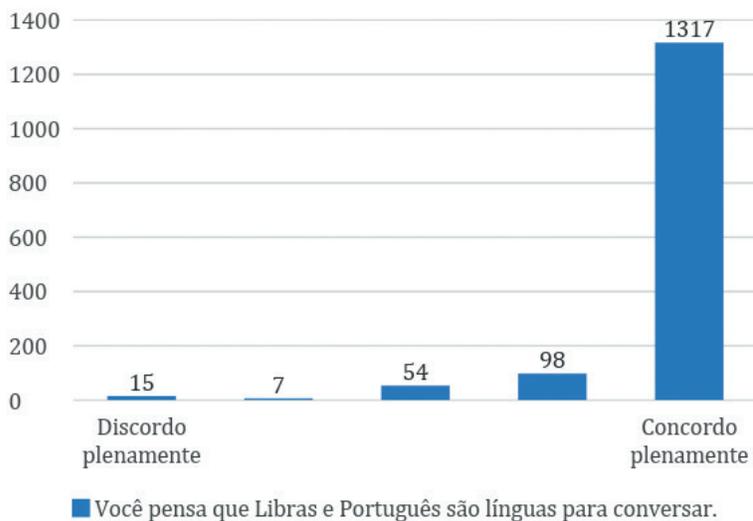
Fonte: Dados primários (2018).

A relação com as duas línguas difere entre os dois grupos de usuários, especialmente pelo fato da Língua Portuguesa não ser adquirida naturalmente pelos surdos e seu aprendizado estar relacionado diretamente à modalidade escrita. Sendo assim, é compreensível que os surdos apresentem visões distintas dos usuários ouvintes. No caso do enunciado “Você pensa que Libras e Português são línguas para conversar”, aproximadamente 45% demonstraram estar plenamente de acordo com esse posicionamento.

**Gráfico 94 - Libras e Português como formas de comunicação (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).

Em contrapartida, 88% dos participantes ouvintes acreditam que a Libras e o Português são línguas que podem ser utilizadas para conversar. Esse fato demonstra que para os ouvintes, o uso dessas línguas independe da sua modalidade e especificidade.

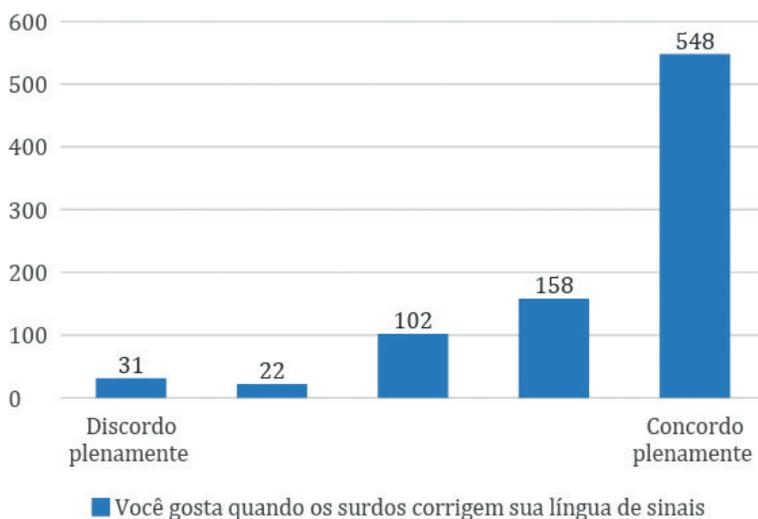
**Gráfico 95 - Libras e Português como formas de comunicação (Ouvintes)**

Fonte: Dados primários (2018).

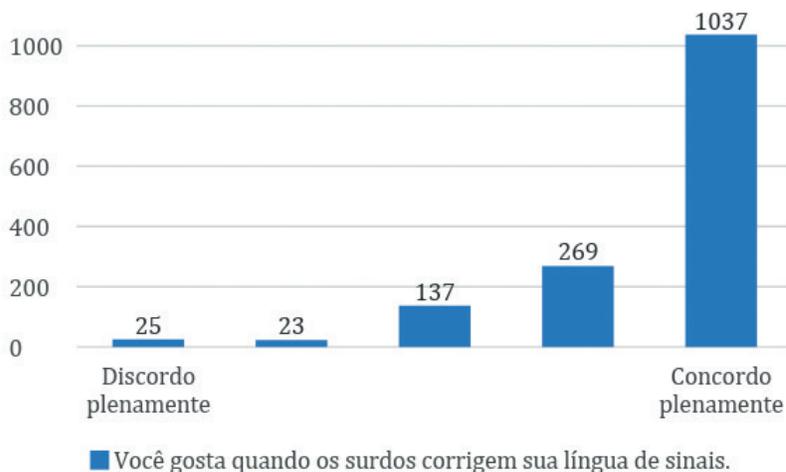


No enunciado a seguir, surdos e ouvintes apresentaram posicionamentos similares. A questão buscava explorar se os usuários da língua de sinais gostavam de ter sua sinalização corrigida pelos surdos e 64% dos respondentes surdos demonstrou concordar plenamente com tal afirmativa. Entre os ouvintes, esse número foi um pouco maior, aproximadamente 69% dos participantes. Essa proximidade no resultado indica que a contribuição das pessoas que possuem a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua é vista como algo positivo entre aqueles que estão aprendendo uma segunda língua – ouvintes – e também entre os que estão adquirindo uma primeira língua.

**Gráfico 96 - Correção da língua de sinais (Surdos)**



Fonte: Dados primários (2018).

**Gráfico 97 - Correção da língua de sinais (Surdos)**

Fonte: Dados primários (2018).

Os dados coletados por meio do questionário, mesmo sendo um recorte, representam um pouco a realidade dos usuários da Libras em nosso país. As informações, de modo geral, fomentam as reflexões acerca das políticas linguísticas e apontam resultados positivos em razão dos avanços da comunidade surda nos últimos anos, como a Lei n. 10.436/2002 e o Decreto n. 5.626/2005, os quais promoveram avanços na difusão da Língua Brasileira de Sinais, especialmente, entre os usuários ouvintes.

Ademais, os resultados aqui apresentados trazem à tona a questão da aquisição da linguagem pelas crianças surdas e mostram que apesar do crescimento de políticas linguísticas voltadas para o uso e disseminação da língua de sinais, o processo de desenvolvimento da língua por sujeitos surdos ainda não se encontra no que seria ideal, isto é, o acesso à Libras desde a mais tenra idade não é assegurado às crianças surdas brasileiras no ambiente familiar. Por outro lado, a escola aparece como o principal espaço de aquisição da língua de sinais e isso reforça a necessidade de profissionais qualificados no ambiente educacional para promover práticas significativas no uso dessa língua.



## 5 Produtos do Inventário Nacional de Libras

Os produtos do Inventário Nacional de Libras foram disponibilizados nos seguintes materiais:

- 1) Formulário do Inventário Nacional de Libras do INDL – este formulário está disponível no Corpus de Libras em <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>. Este formulário é estruturado pelo INDL (Guia do INDL) e apresenta o detalhamento das informações sobre a Libras. É um formulário que, associado ao acervo de produções em Libras, permitirá a inclusão de Libras no livro das línguas brasileiras, tombando a Libras como patrimônio linguístico cultural do país.
- 2) Acervo dos materiais coletados ([www.corpuslibras.ufsc.br](http://www.corpuslibras.ufsc.br) em acervo)  
O acervo dos materiais coletados inclui as entrevistas, as conversas, as narrativas e a lista Swadesh disponibilizadas no *Corpus* de Libras, no projeto Inventário de Libras e Surdos de Referência. O material inclui os vídeos das quatro câmeras catalogados por projeto com produções em Libras por surdos jovens, maduros e mais idosos, homens e mulheres. As tags de busca são: Inventário, Surdos de Referência, Grande Florianópolis, Entrevista, Conversa, Vocabulário, Narrativa.
- 3) Vídeos de divulgação dos materiais do Inventário Nacional de Libras:
  - a. Lista Swadesh de Libras da Grande Florianópolis – neste vídeo consta a lista de todos os sinais e suas variantes coletados na Grande Florianópolis. (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLmN9GAWrWabYzXvvTjSMGVPgBXr1ynHMz>)



- b. História dos sinais pessoais – neste vídeo destaca-se a história dos sinais pessoais dos Surdos de Referência. Cada surdo que pertence a uma comunidade surda recebe um sinal que o identifica visual. É uma espécie de batismo. (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLmN9GAWrWabYzXvvTjSMGVPgBXrlynHMz>)
  - c. Educação de surdos – neste vídeo disponibilizamos trechos selecionados do Inventário de Libras da Grande Florianópolis que representam várias das questões sobre a educação de surdos do ponto de vista dos próprios surdos. (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLmN9GAWrWabYzXvvTjSMGVPgBXrlynHMz>)
  - d. Variação de números e referências a calendário dos Surdos de Referência – neste vídeo, selecionamos algumas categorias para apresentar as variações regionais identificadas das produções dos surdos de referência. As categorias selecionadas foram: números, calendário e dias da semana. O vídeo ilustra as variações que foram determinadas por questões culturais e linguísticas. (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLmN9GAWrWabYzXvvTjSMGVPgBXrlynHMz>)
- 4) Seminário do Inventário Nacional de Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (2017)
- O Seminário do Inventário Nacional de Libras aconteceu em 2017 e contou com a participação dos surdos de referência de vários estados brasileiros, além de acadêmicos e comunidade surda. O objetivo do seminário foi apresentar o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (IPHAN/Ministério da Cultura) e apresentar a proposta do Inventário Nacional



de Libras. Após esse seminário, realizamos a formação sobre o Inventário Nacional de Libras incluindo todas as suas etapas teórico-metodológicas com esses surdos de referência. Nesse seminário, também registramos as palestras que foram disponibilizadas no *Corpus* de Libras em:

- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Língua Brasileira de Sinais e Educação de Surdos na Região Nordeste  
CARDOSO, Antônio  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Farquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17\\_MR\\_Nordeste\\_Antonio.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Farquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17_MR_Nordeste_Antonio.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Língua Brasileira de Sinais e Educação dos Surdos na Região do Nordeste (Sergipe)  
REBOUÇAS, Larissa  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Farquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17\\_MR\\_Nordeste\\_Larissa.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Farquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17_MR_Nordeste_Larissa.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Língua Brasileira de Sinais e Educação dos Surdos na Região do Nordeste (Ceará, Sergipe e Pernambuco)  
CARDOSO, Antônio; MACHADO, Rodrigo; REBOUÇAS, Larissa  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Farquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17\\_MR\\_Nordeste\\_Rodrigo.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Farquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17_MR_Nordeste_Rodrigo.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Língua Brasileira de Sinais e Educação dos Surdos na Região Norte (Pará)



CARVALHO, Giselle

[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17\\_MR\\_Norte\\_GISELLE.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F8mai17_MR_Norte_GISELLE.mp4)

- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Língua Brasileira de Sinais e Educação dos Surdos na região Norte (Amapá)  
CARMO, Gabriel  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9mai17\\_MR\\_Norte\\_GABRIEL.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9mai17_MR_Norte_GABRIEL.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Língua Brasileira de Sinais e Educação dos Surdos na região Norte (Amazonas)  
VALE, Jakson  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9mai17\\_MR\\_Norte\\_Jakson%2520ok.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9mai17_MR_Norte_Jakson%2520ok.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Aspectos históricos relacionados a Libras e movimentos surdos na Região Sudeste  
CAMPELLO, Ana Regina  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17\\_Sudeste\\_Ana\\_Regina.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17_Sudeste_Ana_Regina.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Aspectos Históricos relacionados a Libras e movimentos surdos na Região Sudeste (Minas Gerais)



ABREU, Antônio

[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17\\_Sudeste\\_Antonio.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17_Sudeste_Antonio.mp4)

- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Aspectos educacionais e acadêmicos relacionados na Região Sudeste

SALERMO, Myrna; REIS, Flaviane

[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17\\_Sudeste\\_Flaviane\\_Myrna%2520ok.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17_Sudeste_Flaviane_Myrna%2520ok.mp4)

- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Aspectos históricos relacionados à Libras e movimentos surdos na Região Sudeste (São Paulo)

NEVES, Sylvia

[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17\\_Sudeste\\_Sylvia.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio17_Sudeste_Sylvia.mp4)

- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Língua Brasileira de Sinais e educação dos surdos na região Centro-Oeste

VILHALVA, Shirley; COSTA, Messias

[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio\\_CentroOeste\\_Shirley\\_Messias.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Ffarquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2F9maio_CentroOeste_Shirley_Messias.mp4)

- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras Arte Surda

RAMALHO, Rimar; SANTOS, Sandro



<http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2Farte%2520surda.avi.mp4>

- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras  
Inventário Nacional da Diversidade Linguística  
QUADROS, Ronice  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2Fmesa1%2520Ronice\\_1.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2Fmesa1%2520Ronice_1.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras  
Inventário Nacional da Diversidade Linguística  
SEIFFERT, Ana Paula; VILLANOVA, Cintia  
<http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2FMR%2520Ana%2520Paula%2520e%2520Cintia.mp4>
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras  
Inventário Nacional da Diversidade Linguística  
SANTIAGO, Regina  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2FMR%2520Regina%2520Helena%2520dia%252008%2520manha\\_1.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2FMR%2520Regina%2520Helena%2520dia%252008%2520manha_1.mp4)
- Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras  
Surdos Referência: O que isso significa?  
QUADROS, Ronice  
[http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2Fsurdos%2520de%2520referencia\\_1.mp4](http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2Fsurdos%2520de%2520referencia_1.mp4)



- 5) Livro *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro* – este livro estará disponibilizado na forma impressa e digital para amplo acesso. O livro é uma síntese do trabalho realizado compreendendo, em especial, os dados encontrados no questionário *on-line* que contou com respondentes do Brasil inteiro, compreendendo um levantamento sociolinguístico da língua e de seus usuários. A versão digital pode ser acessada na página do IPOL (<http://www.ipol.unb.br/>), do IPHAN (<http://portal.iphan.gov.br/>) e do *Corpus* de Libras ([www.corpuslibras.ufsc.br](http://www.corpuslibras.ufsc.br)), em publicações, E-Book.



## 6 Sínteses e Conclusões

O Inventário Nacional de Libras foi iniciado com a Grande Florianópolis e os Surdos de Referência. Neste momento, estamos estendendo a sua composição incluindo os estados de Tocantins, Alagoas, Ceará e Rio de Janeiro. O objetivo é replicar a metodologia estabelecida para todos os estados brasileiros a fim de compormos um Inventário Nacional de Libras que represente todos os estados brasileiros. Os Surdos de Referência nos deram alguns elementos da unidade linguística da Libras e das variações regionais dessa língua. A estabilidade da Libras é atestada por meio dessas referências, mesmo com todas as variações observadas. Assim, confirmamos que a Libras é uma língua nacional brasileira que está espalhada em todo o território nacional. É uma língua que pode ser considerada ao mesmo tempo estável e vulnerável, devido às formas de transmissão impostas aos surdos e aos ouvintes que a adquirem. O Inventário Nacional de Libras representa um marco no reconhecimento da Libras. Um marco que é conjugado às várias mobilizações e movimentações dessa língua e de seus falantes. Uma língua que apresenta legitimidade por meio da legislação existente e pelos seus usuários. Os surdos e os ouvintes que a usam a reconhecem como língua e a valorizam enquanto língua. As atitudes linguísticas são bastante positivas, embora ainda a sua relação com a Língua Portuguesa seja desigual. A sua constituição enquanto língua de uma minoria linguística a torna vulnerável, especialmente, porque a Libras é transmitida fora do seio familiar com outros falantes da língua que não integram efetivamente a comunidade surda, ou seja, especialmente com os profissionais da área da educação. Isso torna o papel da escola fundamental para a salvaguarda da Libras. O Inventário Nacional de Libras, portanto, cumpre com sua função, ou seja, de fomentar as políticas linguísticas relativas à Libras. Além disso, instiga o estabelecimento de inventários de outras línguas de sinais



brasileiras. Esperamos que esses produtos disponibilizados a partir deste projeto possam ser amplamente usados como referência linguística e documental da Libras.



## Agradecimentos

Benício Bruno

Marcelo Augusto de Freitas Farias

Miriam Royer

Pedro Serafim Sobrinho

Tarcísio de Arantes Leite

Tom Min Alves

IPOL

Ana Paula Seiffert

Cintia Vilanova

Rosângela Morello

Todos os surdos da Grande Florianópolis que participaram do Inventário Nacional de Libras, assim como todos os surdos de referência que participaram do Inventário Nacional de Libras. Também agradecemos aos financiamentos concedidos pelo CNPQ e IPHAN/Ministério da Cultura.



## Referências

AMPESSAN, J. P. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema *Signwriting***. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFSC, Florianópolis, 2015.

ANATER, G. I. P.; PASSOS, G. C. R. dos. Tradutor e intérprete de língua de sinais: história, experiências e caminho de formação. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, p. 207-236, 2010.

ARONOFF, Mark; MEIR, I.; SANDLER, W. The paradox of sign language morphology. *Language*, 81, p. 301-344, 2005.

ASSIS SILVA, C. A. de. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

BARROS, M. E. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BARROS, M. E. **Princípios básicos da ELiS: escrita das línguas de sinais**. Revista Sinalizar da Faculdade de Letras – UFG. v.1, n.2, p. 204-210, jul./dez. 2016.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.

BERENT, I.; DUPUIS, A.; BRENTARI, D. Phonological reduplication in sign language: Rules rule. **Frontiers in Language Sciences**, v. 5, article 560, 2014.

BRASIL. **Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436/2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 20 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Decreto n. 7.387, de 09 de dezembro de 2010**. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm). Acesso em: 17 ago. 2018.



\_\_\_\_\_. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 17 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 18 ago.2018.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).** Educacenso. Censo Escolar 2007: Caderno de instrução. 2007.

BRENTARI, D. *Theoretical foundations of American Sign Language phonology.* Chicago: University of Chicago dissertation. 1990.

BRENTARI, D. *A prosodic model of sign language phonology.* Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

BRITO, F. B. de. **O movimento social surdo e campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais.** Tese (Doutorado em Educação. Área de Concentração: Educação Especial) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CAMPELLO, A. R. e S. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: Século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**, v. 2, São Paulo, 2011.

CAMPELLO, A. R. e S. **Deficiência Auditiva e Libras.** Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009. 124 p. Il.

CHACON, T. C. *et al.* **Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística/pesquisa.** Brasília: IPHAN, 2014.

CRASBORN, O. **Phonetic Implementation of Phonological Categories in Sign Language of the Netherlands.** Utrecht: Landelijke Onderzoeksschool Taalwetenschap, 2001.

\_\_\_\_\_. Phonetics. *In:* PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.). **Sign Language: An International Handbook.** Berlin: De Gruyter, p. 4-20, 2012.



CRASBORN, O.; VAN DER KOOIJ, E.; MESCH, J. European cultural heritage online (ECHO): Publishing sign language data on the internet. In: CONFERENCE ON THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH, 8th, 2004, Barcelona. **Proceedings**[...] Barcelona: ECHO, 2004.

DINIZ H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, Florianópolis, SC, 2010.

ESDRAS, D; GALASSO, B. **Panorama da Educação de surdos no Brasil: ensino superior**. Rio de Janeiro: INES, 2017.

EFTHIMIOU, E.; FOTINEA, S-E. Creation and annotation of a Greek Sign Language corpus for HCI. Universal access in human computer interaction: coping with Diversity. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON UNIVERSAL ACCESS IN HUMAN-COMPUTER INTERACTIONS, 4th, 2007, Beijing. **Proceedings**[...] Beijing: ILSP, 2007.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, 1995.

FISCHER, S.; GOUGH, B. Verbs in American Sign Language. **Sign Language Studies**, 18, p. 17-48, 1978.

FISCHER, S. Influences on word-order change in American Sign Language. In: LI, C. (Ed.). **Word Order and Word Order Change**. Austin: University of Texas Press, 1975. p. 1- 25.

FISCHER, S. **Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child**. Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l., s.n.]. 1973.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia. **Revista Cuadernos de Filología**, Valencia, anejo nº XXVIII, 1998.

HANKE, T. (ed.). **ViSiCAST Deliverable D5-1: interface definitions**.



2000. Disponível em: <http://www.visicast.co.uk/members/milestones/ViSiCASTD5-1.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2006.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 20 jul. 2018.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Disponível em: <https://enem.inep.gov.br>. Acesso em: 20 jul. 2018.

IPHAN, Brasil. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística (v.1)**. Brasília – DF, 2016.

ISAAC, M. L.; MANFREDI, A. K. S. Diagnóstico precoce da surdez na infância. **Medicina**, Ribeirão Preto, p. 235-244, 2005. Disponível em: [http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n3e4/2a\\_diagnostico\\_precoce\\_surdez\\_na\\_infancia.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n3e4/2a_diagnostico_precoce_surdez_na_infancia.pdf). Acesso em: 20 ago. 2018.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos**. Dissertação de Mestrado – PUC, Porto Alegre, 1994.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LEESON, L.; SAEED, J.; BYRNE-DUNNE, D. Moving heads and moving hands: Developing a digital corpus of Irish Sign Language. **The ‘Signs of Ireland’ corpus development Project**, 2006. Disponível em: <http://webird.tcd.ie/bitstream/2262/1597/1/ITT+paper+vfinal.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2018.

LEITE, T. de A.; QUADROS, R. M. de. Línguas de sinais do Brasil: Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: **Estudos da Língua de Sinais**. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 15 - 27. (v. II).

LIDDELL, S. **American Sign Language syntax**. New York: Mouton, 1980.



LILLO-MARTIN, D. **Universal grammar and American Sign Language**: Setting the null argument parameters. Dordrecht: Kluwer, 1991.

MASUTTI, M. L.; SANTOS, S. A. S. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R. M. (org). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. p. 148-167.

MEIR, I. Word classes and work formation. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (ed.). **Handbook of sign language linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 77-111.

MESCH, J.; QUADROS, R. M. de. **Segmentation in sign languages**. [Submetido ao TISLR13 2019, Alemanha].

MILLER, C. Some reflections on the need for a common sign notation. **Sign Language and Linguistics**, v. 4, n.1/2, p. 11-28, 2001.

NASCIMENTO, S. P. F. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A (orgs.). **Série de Estudos das Línguas de Sinais**. Florianópolis: Editora Insular, 2013, p. 79-118. Volume I.

NONAKA, A. M. The forgotten endangered languages: Lessons on the importance of remembering from Thailand's Ban Khor Sign Language. *In: Language in Society*, p. 737-768, 2004.

PADDEN, C. A. **Interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. San Diego: University of California, San Diego dissertation. 1983.

PERLMUTTER, D. Sonority and syllable structure in American Sign Language. **Linguistic Inquiry**, v. 23, p. 407-442, 1992.

PETITTO, L. A.; MARENTETTE, P. F. Babbling in the manual mode: Evidence for the ontogeny of language. **Science**, v. 251, p. 1493-1496, 1991.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

\_\_\_\_\_. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Doctoral Dissertation. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1999.



\_\_\_\_\_. A transcrição de textos do Corpus de Libras. *In: Revista Leitura*, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, v.1, n. 57, jan./jun. 2016a.

\_\_\_\_\_. Documentação da língua brasileira de sinais. *In: GARCIA, M. V. C. et al. (orgs.) Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística 2014*. Brasília, DF : Iphan, 2016b. 344 p.

\_\_\_\_\_. **Língua de herança: língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Editora Penso, 2017.

QUADROS, R. M. **Estudos Linguísticos: Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. *In: QUADROS, R. M. (org). Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 9-35.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Artmed Editora, 2004.

QUADROS, R. M.; LEITE, T. **Projeto Inventário Nacional de Libras**. Manuscrito n/p. 2013.

QUADROS, R. M. *et al.* O Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, VIII, 2017a*, Florianópolis. **Anais[...]**. Florianópolis: UFSC, 2017a, Programa de Políticas Linguística. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.

QUADROS, R. M. *et al.* A coleta de dados: instrumentos utilizados no Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, VIII, 2017b*, Florianópolis. **Anais[...]**. Florianópolis: UFSC, 2017b. Programa de Políticas Linguísticas. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (no prelo). Recognizing Brazilian Sign Language: Legislation and Outcomes. *In: MEULDER, M. D.; MURRAY, J. J.; MCKEE, R. (eds.). Recognizing Sign Languages: An International Overview Of National Campaigns For Sign Language*



Legislation And Their Outcomes. Washington, DC: Gallaudet University Press.

SANDLER, W. **Phonological representation of the sign**: Linearity and nonlinearity in American Sign Language. Dordrecht: Foris, 1989.

\_\_\_\_\_. Prosody and syntax in sign languages. **Transactions of the Philological Society**. v. 108, p. 298-328, 2010.

\_\_\_\_\_. Dedicated gestures and the emergence of sign language. **Gesture**, v.12, n. 3, p. 265-307, 2012a.

\_\_\_\_\_. Visual prosody. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Handbook of sign language linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012b. p. 55-73.

SANTIAGO, V. de A. A.; ANDRADE, C. E. Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e acessibilidade. In: **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: FENEIS-SP, 2013. p. 145 - 163.

SCHEMBRI, A. C. The British Sign Language corpus project: Open access Archives and the observer's paradox. In: CONSTRUCTION AND EXPLOITATION OF SIGN LANGUAGE CORPORA WORKSHOP, 2008, Marrackech. **Proceedings**[...]. Marrackech, 2008.

SÍGOLO, C.; LACERDA, C. B. F. de. Da suspeita à intervenção em surdez: caracterização deste processo na região de Campinas/SP. **J. Soc. Bras. Fonoaudiol.** [online], v. 23, n.1, . 2011, p. 32-37.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 10, Oxford University Press, 2005 [1960].

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de Sinais e no papel e no computador. Tese de Doutorado - UFRGS, CINTED, PGIE, Porto Alegre, 2005.

SUTTON, V. Lições sobre o SignWriting: Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais. Tradução e adaptação: STUMPF, Marianne, R.;



COSTA, Antônio C. da Rocha. S/D. Disponível em: <http://www.libras-gerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Licoesde-SignWriting.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SUPALLA, S. Manually Coded English: The modality question in signed language development. In: SIPLE, P. A.; FISCHER, S. D. (eds.). **Theoretical issues in sign language research**, vol. 2: Psychology. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 85-109.

SUPALLA, T. **The classifier system in American Sign Language**. In: CRAIG, C. G. Noun Classes and Categorization. Oregon: John Benjamins Publishing Company: 1986. p. 181-214.

SUPALLA, T. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language**. San Diego: University of California, San Diego dissertation. 1982.

VEDOATO, S. C. M. **Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos no Paraná**. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **D.E.L.T.A.**, p. 371-413, 2014.

\_\_\_\_\_. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 983 - 1006, jul./set. 2017.

A Língua Brasileira de Sinais - Libras - é uma das línguas brasileiras que passa a fazer parte do patrimônio linguístico do país. É a primeira língua de sinais brasileira a integrar o livro de línguas do Inventário Nacional da Diversidade Linguística, abrindo a porta para a inclusão das línguas de sinais para o estabelecimento de políticas linguísticas de preservação e difusão das línguas brasileiras. O país conta com várias línguas de sinais espalhadas em diferentes regiões do país. A Libras, no entanto, é uma língua espalhada em todo território nacional. Apesar desta representação nacional, mesmo assim é uma língua considerada em risco, uma vez que a implementação das políticas educacionais relativas a esta língua, muitas vezes, incorre na desintegração das comunidades surdas brasileiras. Mesmo assim, os surdos brasileiros resistem bravamente e, a cada dia, ocupam mais e mais espaços políticos que garantem a sua representação nas ações para a implementação de uma educação bilíngue que garanta a aquisição e o ensino da Libras privilegiando o agrupamento dos surdos brasileiros. Associado a estes movimentos sociais, este livro vem contribuir para este processo com resultados de pesquisas sobre a Libras que podem fomentar as políticas e o planejamento linguístico para a difusão e preservação da Libras e de suas comunidades linguísticas em todo o território brasileiro.



## Os autores



### **Ronice Müller de Quadros**

Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina desde 2002, pesquisadora produtividade 1C do CNPQ. Atua no Departamento de Libras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística, com foco nos estudos linguísticos da Libras, políticas linguísticas e línguas de sinais, educação de surdos, bilinguismo bimodal. Lidera o Grupo de Pesquisa do CNPQ, *Corpus* de Libras.



### **Deonísio Schmitt**

Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina desde 2013, Linguística Aplicada/Ensino - Aprendizagem de Libras. Atual Chefe no Departamento de Libras desde 2018. Integra o Grupo de Pesquisa do CNPQ, *Corpus* de Libras e atua como segundo líder na equipe deste projeto. As áreas de concentração de suas pesquisas são Sociolinguística da Libras, educação de surdos, língua de sinais, linguísticos da Libras.



### **Bruna Crescêncio Neves**

Professora de Português como segunda língua para surdos no Instituto Federal de Santa Catarina. Atua no ensino, pesquisa e extensão com foco no ensino de Português como segunda língua para surdos, políticas linguísticas e línguas de sinais e educação de surdos.



### **Juliana Tasca Lohn**

Professora Assistente da Universidade Federal de Santa Catarina desde 2013. Atua no Departamento de Libras. Integra o Grupo de Pesquisa do CNPQ, *Corpus* de Libras. As áreas de concentração de suas atividades são na Educação e Linguística Aplicada/Ensino, com ênfase no ensino de Libras, educação de surdos, comunicação de surdos, interpretação de libras, estudos linguísticos da Libras e produção de materiais didáticos bilíngues (Libras/Português).



### **Marcos Luchi**

Possui graduação em Letras-Libras (2012) e mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina no Departamento de Libras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Estudos da Tradução/Interpretação de Libras/Língua Portuguesa.